



Instituto Politécnico de Tomar – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
(Departamento de Geologia da UTAD – Departamento de Território, Arqueologia e Património do IPT)

MESTRADO EM ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA E ARTE RUPESTRE



MASTER ERASMUS MUNDUS EM QUATERNÁRIO E PRÉ-HISTÓRIA

*Restos faunísticos em contexto funerário nos Perdigões,
Reguengos de Monsaraz (Sepulcros 1 e 2)*

Nelson Cabaço

Orientadores: Doutora Marta Moreno-García
Doutor António Valera

Júri:

*Ano académico 2008/2009
Junho / 2009*



Restos faunísticos em contexto funerário nos Perdigões (Sepulcros 1 e 2)

Nelson Cabaço

Resumo

O presente trabalho surge dentro da linha de investigação FAUPERD-FUN (Restos faunísticos em contexto funerário nos Perdigões), inserida dentro de um projecto de investigação mais vasto do complexo arqueológico dos Perdigões, Reguengos de Monsaraz. Pretende-se com este trabalho realizar o estudo Arqueozoológico dos restos faunísticos recuperados nos Sepulcros 1 e 2 da necrópole do recinto dos Perdigões. A análise dos restos permitiu identificar a presença das seguintes espécies: Cavalo, Veado, Bovídeo, Ovicaprinos, Suínos, Coelho, Lebre, Raposa e ainda de vários micromamíferos, aves, répteis e anfíbios. Durante as diversas análises verificou-se a presença de restos trabalhados e não trabalhados. O objectivo final deste trabalho passa pela caracterização das espécies presentes nestes dois contextos funerários e pela percepção de que forma estes mesmos integraram os rituais funerários.

Palavras-Chave: Restos faunísticos, Contextos funerários, Associação restos humanos/restos faunísticos, Sepulcros, Perdigões, Calcolítico, Península Ibérica.

Abstract

The current work comes from a line of research named FAUPERD-FUN (Faunal remains in burial contexts in Perdigões), insert in a larger research project about Perdigões archaeological complex. The main objective of this work to do an Archaeozoological study about faunal remains recovered from Tombs 1 and 2 of Perdigões, Reguengos de Monsaraz. The analysis of the remains allowed the identification of several species: Horse, Deer, Cattle, Sheep, Goat, Rabbit, Hare, Fox apart from micromammals, birds, reptiles and amphibians. The several analyses also allowed us to verify the presence of worked and non-worked bones. The final objective is to understand which species were present in both Tombs and how these faunal remains have taken part in the funerary rituals.

Keywords: Faunal remains, Burial contexts, association human remains/faunal remains; Tombs, Perdigões, Chalcolithic, Iberian Peninsula.

Agradecimentos:

Gostaria de agradecer a ajuda de:

- Carlos Pimenta (CIPA - IGESPAR), pela ajuda nas identificações dos restos de aves e de micromamíferos;
- José Paulo Ruas (CIPA – IGESPAR), pela realização das Estampas 1, 2 e 3;
- À Era-Arqueologia, em especial à Dr^a. Maria João Jacinto, pela ajuda na aquisição da informação relativa aos Sepulcros dos Perdigões e pela disponibilidade no esclarecimento de algumas dúvidas.

Índice

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 1 - INTRODUÇÃO | 6 |
| 2 - CONTEXTO ARQUEOLÓGICO | 8 |
| 2.1 - Localização e Caracterização dos Perdígões | 8 |
| 2.2 - Identificação dos Perdígões e Trabalhos Arqueológicos Realizados | 10 |
| 2.3 - Sepulcros 1 e 2 | 11 |
| 3 - ANÁLISE ARQUEOFAUNÍSTICA | 14 |
| 3.1 - Metodologia | 15 |
| 3.2 - Caracterização da amostra arqueofaunística | 15 |
| 3.3 - Espécies recuperadas | 15 |
| 3.3.1 - Mamíferos | 17 |
| 3.3.1.1 - Equídeos (Equus sp) | 17 |
| 3.3.1.1.1 - Representatividade anatómica, marcas antrópicas, idade de abate e dados métricos | 17 |
| 3.3.1.2 - Veado (Cervus elaphus) | 19 |
| 3.3.1.2.1 - Representatividade anatómica, marcas antrópicas e idade de abate | 19 |
| 3.3.1.3 - Gado bovino (Bos taurus) | 20 |
| 3.3.1.3.1 - Representatividade anatómica e idade de abate | 20 |
| 3.3.1.4 - Ovicaprinos (Ovis/Capra) | 21 |
| 3.3.1.4.1 - Representatividade anatómica e idade de abate | 21 |
| 3.3.1.5 - Suídeos (Sus sp) | 21 |
| 3.3.1.5.1 - Representatividade anatómica, idade de abate e marcas antrópicas | 22 |
| 3.3.1.6 - Lagomorphos: Coelho (Oryctolagus cuniculos) e Lebre (Lepus sp) | 23 |
| 3.3.1.6.1 - Representatividade anatómica, idade de abate e marcas antrópicas | 23 |
| 3.3.1.7 - Carnívoros: Cão/Lobo, (Canis sp); Raposa (Vulpes vulpes); Texugo (Meles meles); Gato selvagem (Felis silvestris) | 24 |
| 3.3.1.8 - Micromamíferos (Roedores) | 24 |
| 3.3.2 - Aves | 25 |
| 3.3.3 - Anfíbios e Répteis | 26 |
| 3.4 - Observações Gerais | 26 |
| 4 - ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA | 29 |
| 4.1 - Análise estratigráfica e distribuição espacial dos restos faunísticos (Sepulcro 1) | 29 |
| 4.1.1 - Análise estratigráfica dos restos faunísticos | 29 |
| 4.1.1.1 - Átrio | 29 |
| 4.1.1.1.1 - Fase 4 - (de abandono e de destruições) | 30 |
| 4.1.1.1.2 - Fase 4 - (deposições rituais) | 30 |
| 4.1.1.2 - Corredor | 30 |
| 4.1.1.3 - Câmara | 30 |
| 4.1.1.3.1 - Fase 4 a - (remeximentos de contextos da fase 3 c) | 30 |
| 4.1.1.3.2 - Fase 3 c - (de ruína e utilização funerária) | 31 |
| 4.1.1.3.3 - Fase 3 b - (de deposições funerárias) | 32 |
| 4.1.1.3.4 - Fase 2 d - (de uso funerário) | 32 |
| 4.1.1.3.5 - Fase 2 c - (de uso funerário) | 33 |
| 4.1.1.3.6 - Fase 2 b - (de uso funerário) | 33 |
| 4.1.1.3.7 - Fase 2 a - (de primeiras utilizações funerárias) | 33 |
| 4.1.1.3.8 - Unidades estratigráficas sem enquadramento | 34 |
| 4.1.2 - Distribuição espacial dos restos faunísticos (Sepulcro 1) | 35 |
| 4.1.2.1 - Análise espacial horizontal | 35 |
| 4.1.2.1.1 - Fase 3 c - (de ruína e utilização funerária) | 36 |
| 4.1.2.1.2 - Fase 3 b - (de deposições funerárias) | 37 |

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 4.1.2.1.3 - Fase 2 d (de uso funerário) | 38 |
| 4.1.2.1.4 - Fase 2 c - (de uso funerário) | 39 |
| 4.1.2.1.5 - Fase 2 b - (de uso funerário) | 39 |
| 4.1.2.1.6 - Fase 2 a - (de primeiras utilizações funerárias) | 40 |
| 4.1.2.2 - Análise espacial vertical | 40 |
| 4.2 - Análise estratigráfica e distribuição espacial dos restos faunísticos (Sepulcro 2) | 41 |
| 4.2.1 - Análise estratigráfica dos restos faunísticos (Sepulcro 2) | 41 |
| 4.2.1.1 - Átrio | 41 |
| 4.2.1.1.1 - Fase 4 - (Surríba e revolvimento) | 41 |
| 4.2.1.1.2 - Fase 3 - (Ruína do Monumento) | 42 |
| 4.2.1.1.3 - Fase 2 - (Utilização funerária) | 43 |
| 4.2.1.1.3.1 - Fase 2 c - (Utilizações funerárias posteriores à queda da laje) | 43 |
| 4.2.1.1.3.2 - Fase 2 a - (Utilizações funerárias anteriores à queda da laje) | 44 |
| 4.2.1.1.4 - Fase 1 (Construção) | 45 |
| 4.2.1.2 - Corredor | 45 |
| 4.2.1.2.1 - Fase 2 (Utilização funerária) | 46 |
| 4.2.1.2.2 - Fase 1 - Construção | 46 |
| 4.2.1.3 - Câmara | 46 |
| 4.2.1.3.1 - Fase 4 - (Surríba e revolvimento) | 46 |
| 4.2.1.3.2 - Fase 3 - (Ruína do monumento) | 46 |
| 4.2.1.3.3 - Fase 2 - (Utilização funerária) | 49 |
| 4.2.2 - Distribuição espacial dos restos faunísticos | 52 |
| 4.2.2.1 - Análise espacial horizontal | 52 |
| 4.2.2.1.1 - Fase 4 - (Surríba e desenvolvimento) | 53 |
| 4.2.2.1.2 - Fase 3 - (Ruína do monumento) | 53 |
| 4.2.2.1.3 - Fase 2 - (Utilização funerária) | 54 |
| 4.2.2.1.4 - Fase 1 - Construção | 56 |
| 4.2.2.2 - Análise espacial vertical | 57 |
| 4.3 - Observações gerais | 57 |
| 5 - DISCUSSÃO | 61 |
| BIBLIOGRAFIA | 69 |
| ANEXOS | 72 |

1- INTRODUÇÃO

O presente trabalho encontra-se inserido nas linhas de um projecto global de investigação: HOMANI – *Relação Homem/Animal e Ontologia Humana no Neolítico e Calcolítico* do complexo arqueológico dos Perdigões. Este projecto é desenvolvido através do NIA (Núcleo de Investigação Arqueológica) da Era-Arqueologia, estando sobre orientação do Doutor António Valera. Este projecto tem como objectivo perceber os aspectos que estão na base dos processos de domesticação durante a Pré-História Recente, procura-se compreender em que estádio se encontra o destacamento humano face à natureza, centrando-se sobretudo na relação entre o Homem e os animais.

No que diz respeito a este trabalho é inserido na linha de investigação FAUPERD-FUN (Restos faunísticos em contexto funerário nos Perdigões), esta linha em concreto tem como objectivo realizar o estudo Arqueozoológico dos restos de animais presentes nos sepulcros 1 e 2 da necrópole dos Perdigões. Procurou-se determinar as espécies presentes, a idade à morte, a representatividade anatómica das diversas espécies e a sua distribuição espacial, por forma conseguir perceber de que modo estes restos faunísticos integraram os rituais funerários presentes nestes sepulcros.

Neste trabalho optou-se por realizar uma análise o mais completa possível considerando todos os restos recolhidos durante quase uma década de trabalhos, onde se incluíram restos não trabalhados e restos trabalhados. A inclusão dos restos trabalhados deveu-se aos seguintes pontos:

- 1 – Para ter uma melhor quantificação dos restos animais que integrariam os rituais funerários;
- 2 – Para perceber sobre quais as espécies se realizam esses restos trabalhados;
- 3 – Perceber que ossos seriam mais utilizados para manufactura de objectos;
- 4 – Perceber qual o papel destes mesmos restos trabalhados e de que modo seriam integrados no ritual funerário.

É de referir que as análises dos restos trabalhados não têm como objectivo realizar um estudo tipológico, mas sim concentrando-se apenas no registo da sua presença, identificação da espécie sobre os quais seriam realizados e quantificando-os.

Este trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: num primeiro momento irão ser descritos os contextos de onde provieram os restos faunísticos em estudo e também será realizado um pequeno historial dos trabalhos arqueológicos realizados no Perdigões até à data (capítulo 2); de seguida irá ser feita a caracterização da amostra e das espécies presentes nos sepulcros (capítulo 3) bem como a análise estratigráfica e da distribuição espacial

dos restos faunísticos, integrando-os nas respectivas fases de utilização dos espaços funerários em causa (capítulo 4) e por fim os dados obtidos nas análises posteriores irão ser discutidos e procurar-se-á enquadrar as interpretações dos dados empíricos presentes neste estudo, com outros contextos funerários, onde ocorram associações de restos humanos a restos faunísticos, centrando-se principalmente em contextos presentes em povoados ou recintos Calcolíticos do sul da Península Ibérica.

A problemática em que este trabalho assenta é sobre a presença de restos de animais em contextos funerários, onde ocorram sobretudo a sua associação a restos humanos. Onde se procura explicar o papel dos animais nestes processos rituais, tentando perceber qual o seu significado para as comunidades calcolíticas peninsulares.

2 – O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

2.1. Localização e caracterização dos Perdigões

O recinto dos Perdigões fica localizado 2 km a Nordeste de Reguengos de Monsaraz, no distrito de Évora (fig. 1). As coordenadas nacionais do ponto central do recinto são: M – 51120, P – 136150, Z – 240 m.

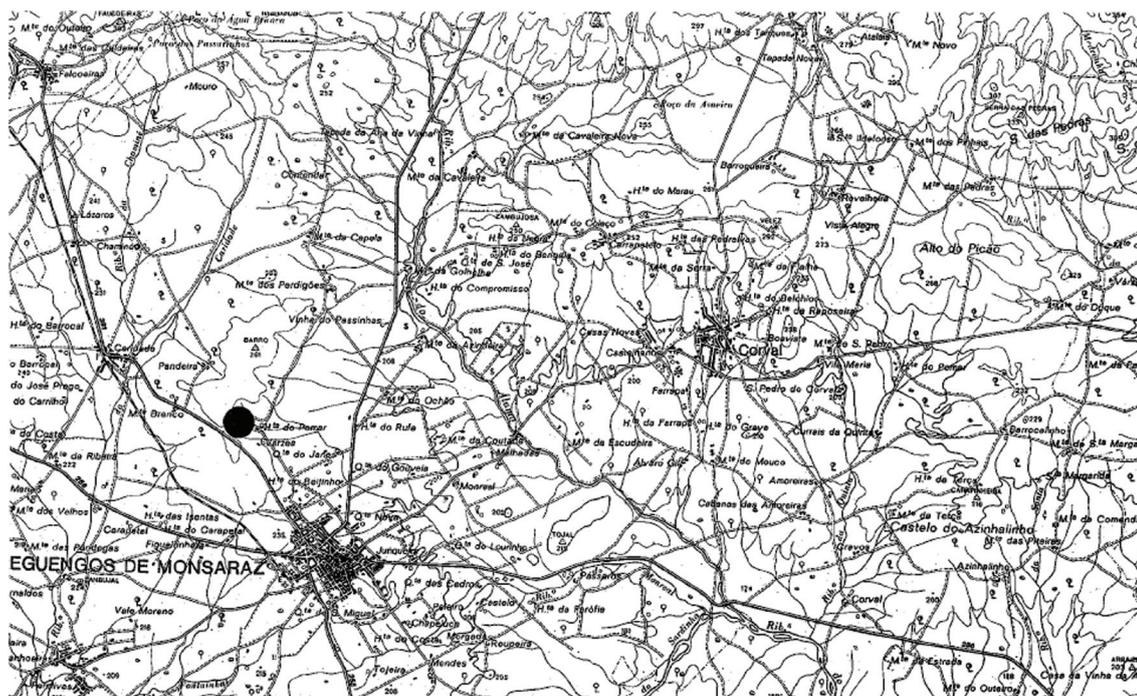


Figura 1 - Localização do povoado na carta 1:50 000 (I.G.C.) (Lago, M *et al*, 1998).

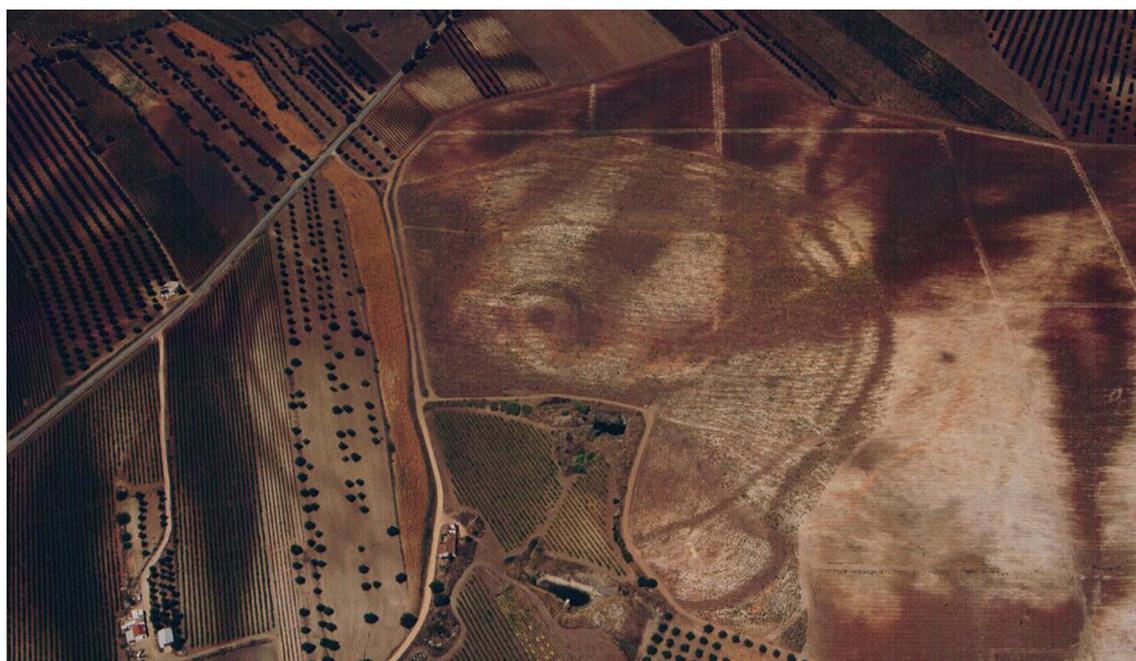


Figura 2 - Vista aérea do Recinto dos Perdigões (Valera, A *et al*, 2000).

Este recinto abrange cerca 16 ha que maior parte estão integrados na Herdade dos Perdigões e os restantes estão divididos em parcelas mais pequenas (fig. 2). Fica situado nas vertentes de uma área planáltica com a orientação Nordeste/Sudoeste. Estas vertentes são ligeiras, abertas para a paisagem que se situa a nascente, fazendo assim uma espécie de anfiteatro natural.

No que diz respeito às cotas absolutas, existe um desnível de 25 metros, tendo o seu ponto mais elevado uma cota de 252 m e o seu ponto mais baixo uma cota de 226 m. Embora exista este desnível, quando estamos no local, este não é visível de uma forma abrupta, pois é diluído na paisagem.

Devido a esta implantação, a visibilidade a partir dos Perdigões varia consoante a posição em que nos encontramos, mas algo que persiste em todos os quadrantes, é o facto de que o campo de visão está limitado aos próprios limites do recinto, excepto no quadrante Este onde o campo de visão se abre para o vale. No ponto mais elevado é possível observar todo o vale do Álamo. Quando viramos a nossa atenção para o interior do povoado, independentemente do nosso ponto de observação, é possível ver toda a área do recinto (Lago, *et al.* 1998, Valera, *et al.* 2000, Valera, 2007, 2008a e 2008b).

No que diz respeito às características geológicas, o recinto está implantado num afloramento de Dioritos e Gabros muito alterados que, devido a serem rochas brandas e muito alteradas facilitaria a implantação de estruturas escavadas na rocha, como é o caso dos Perdigões, numa peneplanície constituída por rochas granitóides.

Ainda próximo do recinto podemos dar conta da existência de recursos hídricos, nomeadamente a Ribeira do Álamo que se localiza a cerca de 1000 m do próprio povoado, que através das suas linhas de água torna o vale, bem como a região de Reguengos, num território rico em recursos hídricos e possibilitando assim a prática agrícola. (Lago, *et al.* 1998).

Tendo em conta todos estes aspectos, é possível pensar que a escolha do local de implantação do recinto foi realizada com conhecimentos prévios da região, quer a nível da geologia, quer a nível paisagístico. No que se refere ao próprio recinto, este é constituído por fossos escavados na rocha, estando estes dispostos sob forma concêntrica. A delimitação do recinto é feita através de dois fossos paralelos. A Este o fosso mais exterior alarga integrando a necrópole dos Perdigões, orientada na direcção do recinto megalítico localizado a Este do recinto dos Perdigões. Nesta necrópole estão presentes 8 sepulcros, sendo que, apenas 2 foram integralmente escavados: o sepulcro 1 encontra-se orientado a Este e o sepulcro 2 orientado a Sudeste, ou seja, ambos orientados para o recinto megalítico já referido, (é sobre estes sepulcros que o presente trabalho se debruça). Para além destes foi ainda intervencionado um terceiro sepulcro, que ficou somente delimitado (Valera *et al.*, 2007).

Já no interior do recinto, ainda é possível observar a existência de fossos que delimitam o ponto central do recinto. É ainda de referir a existência de duas portas, uma a Sudeste e outra a Nordeste. A cronologia que é apontada para este recinto é a do 3º milénio A.C. ou seja, no Calcolítico (Lago, *et al.* 1998, Valera, *et al.* 2000, Valera, 2007 e 2008a).

2.2. Identificação dos Perdigões e trabalhos arqueológicos realizados

O recinto dos Perdigões foi identificado em 1983 por Francisco Serpa aquando da realização dos trabalhos de Mário Varela Gomes no Cromeleque que se situa a Este do recinto. A real dimensão do recinto só ficou conhecida quando a empresa FINAGRA S.A compra os terrenos da Herdade dos Perdigões e começa a preparar o terreno para a plantação de uma vinha. Foi então, nos trabalhos de surribo, que vieram à superfície diversos materiais arqueológicos com um grau de preservação elevado. Foi também devido a estes trabalhos que se possibilitou que os fossos, que constituem o recinto, ficassem visíveis, através da diferente coloração das terras. A primeira fotografia aérea dos Perdigões é realizada pelo IPPAR (actualmente IGESPAR), (Lago *et al.* 1998).

Devido à dimensão e importância dos Perdigões, a Era-Arqueologia começa os trabalhos arqueológicos no âmbito de salvamento e minimização de impactes. Assim, em 1997 dá-se início aos trabalhos arqueológicos.

Estes primeiros trabalhos passam essencialmente por prospecções de campo, levantamento topográfico e criação de um sistema que permitisse um registo o mais pormenorizado possível. Ainda no mesmo ano, foram realizados trabalhos arqueológicos para avaliar o grau de afectação dos contextos. Com este objectivo deu-se o início das escavações arqueológicas no sepulcro 1 em 1997. Nos anos seguintes foi dada a continuidade dos trabalhos arqueológicos, sendo a escavação do sepulcro 1 terminada em 2003. O início da escavação do sepulcro 2 deu-se em 2001, sendo estes trabalhos inseridos no Plano Nacional de trabalhos arqueológicos (PNTA – Ambientes Funerários no Recinto dos Perdigões). A escavação do sepulcro 2 foi terminada apenas em 2006, ainda que, durante o ano de 2004 se tenha realizado a definição de um terceiro sepulcro, ficando este apenas pela definição dos seus limites, como já tinha sido referido (secção 2.1).

Nos anos seguintes, 2007 e 2008 decorreram campanhas arqueológicas no interior do recinto no âmbito do projecto Metalperd, que tinha como objectivo encontrar evidências de produção metalúrgica, nomeadamente de cobre (Valera, 2008a, 2008b).

Sendo assim, a sequência dos trabalhos arqueológicos nos Perdigões foi:

1997 – Intervenção de salvamento, com a direcção a cargo de Miguel Lago;

1999 a 2000 - Trabalhos de escavação do Sepulcro 1, com a direcção a cargo de Miguel Lago e António Valera;

2001 – Continuação dos trabalhos de escavação do Sepulcro 1 e início dos trabalhos no sepulcro 2, com a direcção a cargo de Miguel Lago e António Valera;

2003 – Conclusão dos trabalhos de escavação do Sepulcro 1, com a direcção a cargo de Miguel Lago e António Valera;

2004 - Continuação dos trabalhos de escavação do Sepulcro 2 e definição dos limites do Sepulcro 3, com a direcção a cargo de Miguel Lago e António Valera;

2005 – Continuação dos trabalhos no Sepulcro 2, com a direcção a cargo de Miguel Lago, Maria Jacinto e Lucy Evangelista;

2006 – Conclusão dos trabalhos de escavação no Sepulcro 2, com a direcção a cargo de Miguel Lago e António Valera;

2007 e 2008 – Trabalhos de escavação no interior dos Perdigões, no âmbito do projecto Metalperd (Metalurgia no Complexo Arqueológico dos Perdigões) com a direcção a cargo de António Valera.

2.3. Sepulcros 1 e 2

Os contextos de onde provieram os restos faunísticos, a que este trabalho se refere, são contextos funerários colectivos.

A arquitectura destes sepulcros compreendia três espaços específicos que foram denominados por câmara funerária, corredor e átrio. Os sepulcros, aquando da sua construção, foram escavados na rocha, ficando estes parcialmente abaixo da superfície. Internamente, quer o átrio, quer a câmara funerária, foram revestidos com lajes de xisto ardoso. Ao nível da sua cobertura não foi possível determinar a sua existência, visto que não foram registados derrubes pétreos que permitissem a sua determinação segura. Desta forma, não foi possível determinar se estes monumentos poderiam ser considerados *Tholos*, ou seja, monumentos de falsa-cúpula (Lago, *et al.* 1998).

No que diz respeito ao sepulcro 1, as deposições funerárias restringiram-se à câmara funerária, na qual não se registaram deposições humanas em conexão anatómica (fig. 3). Já no caso do corredor registou-se uma grande destruição dos contextos originados pela existência de uma oliveira. Apesar desta situação não foram registadas práticas fúnebres neste espaço, apenas se registou alguns artefactos de carácter votivo que se

teriam deslocado a partir da câmara. No átrio, registou-se uma forte afectação dos contextos por parte dos trabalhos agrícolas. Ainda sobre este espaço é de referir que foi registado uma abundante componente artefactual e a presença de alguns ossos humanos, indiciando assim uma utilização funerária deste espaço (Lago, *et al.* 1998).



Figura 3 – Sepulcro 1 durante o processo de escavação (Valera, A *et al.*, 2000).

No caso do sepulcro 2 (fig. 4), registaram-se sobretudo deposições humanas secundárias, tal como no sepulcro 1. No corredor não se verificaram quaisquer práticas funerárias, ao passo que no átrio foram identificados dois momentos de intensas práticas funerárias, onde se registou a única deposição humana em conexão anatómica: um pé. Enquanto na câmara foram registados apenas deposições secundárias de restos humanos (Duarte *et al.* 2004).



Figura 4 – Sepulcro 2 durante o processo de escavação (Valera, A *et al.*, 2000).

É ainda de referir que a nível de contextos funerários nos Perdigões, durante os trabalhos arqueológicos realizados em 2007 e 2008 no âmbito de um projecto sobre metalurgia no interior do recinto, foram registadas duas fossas na sondagem I2 que continham no seu conjunto enterramentos humanos em conexão anatómica de cerca de cinco ou seis indivíduos, nomeadamente as fossas 7 e 11. Este pequeno apontamento é incluído neste trabalho, porque nestas duas fossas foram encontradas em associação às deposições humanas, deposições de restos faunísticos (Valera, 2008; Godinho, 2008; Moreno-García e Cabaço, 2009).

3 – ANÁLISE ARQUEOFAUNÍSTICA

3.1. Metodologia

Para a análise dos restos faunísticos foram consideradas as seguintes informações contextuais do decorrer dos trabalhos arqueológicos: número de inventário, número de quadrado (quando existe), unidade estratigráfica, número de sepulcro, sector (quando existe) e coordenadas (x, y e z). A estas informações foram adicionados, durante o trabalho de análise dos restos, os seguintes campos: elemento ósseo (crânio, costelas, fémur, ...), número de elementos ósseos, espécie, parte (fragmento, diáfise, completo, ...), estado de fusão epifisária, lado (esquerdo, direito), marcas (trabalhado, queimado, ...), estado de preservação e dados métricos.

Na realização das identificações taxonómicas recorreu-se à colecção de referência de vertebrados do Laboratório de Arqueozoologia do IGESPAR (Moreno-García *et al.* 2003).

Os restos de mamíferos que não permitiram que se realizasse a sua identificação específica, por falta de caracteres diagnósticos, foram divididos nas seguintes categorias gerais: mamíferos de tamanho grande, mamíferos de tamanho médio e indeterminados. Tratam-se sobretudo de fragmentos de ossos longos, de crânio, costelas, vértebras e outros fragmentos de pequenas dimensões. Esta classificação irá permitir comparar as suas proporções relativas em relação aos restos identificados a nível específico e deste modo, será possível compreender questões tafonómicas, bem como compreender o estado de conservação dos contextos arqueológicos onde estavam inseridos.

O mesmo se aplicou no caso dos micromamíferos, das aves, anfíbios e répteis quando não foi possível identificar os restos a nível específico¹.

Relativamente à identificação de restos de ovelha e cabra, criou-se a categoria de ovicaprinos, devido à dificuldade de identificação, visto que, entre as ovelhas e as cabras existem muitas semelhanças na morfologia osteológica (Boessneck, 1969; Hatting, 1995). No que se refere à diferenciação de porco doméstico e javali, apenas se conseguiu identificar ao nível da família, porque existem muitas semelhanças na morfologia osteológica que não permitiram a sua classificação específica segura (Payne e Bull, 1988; Rowley-Conwy, 1995).

Todos os restos faunísticos, ossos e dentes, foram analisados e quantificados. O método de quantificação que foi utilizado foi a contagem do número total de restos (NTR),

¹ As identificações de micromamíferos, aves, répteis e anfíbios foram realizadas com a ajuda de Carlos Pimenta do Laboratório de Arqueozoologia do IGESPAR

número de restos determinados por cada espécie (NRD), número de restos indeterminados (ND) e número mínimo de indivíduos (NMI) (Grayson, 1984; Lyman, 2008).

Para a determinação da idade à morte dos mamíferos, considerou-se o estado de fusão das epífises com as diáfises dos ossos longos do esqueleto apendicular, dos membros superiores e inferiores, já que as extremidades destes ossos (epífises) não se ligam às diáfises enquanto não está concluído o período de crescimento do animal (Silver, 1969). Logo, quando estamos perante restos que apresentam epífises não ligadas às diáfises, temos animais juvenis ou sub-adultos. Um outro método para a determinação da idade à morte dos mamíferos é através da observação da erupção da dentição permanente, que substitui os dentes de leite pela dentição definitiva. Para além desta observação pode também ser feita uma outra que é a análise do desgaste das superfícies de oclusão dos dentes (Payne, 1973; Grant, 1982; Payne, 1987). Devido apenas à existência de dentes soltos, ou seja, não inseridos em mandíbulas, (com a excepção de restos de coelho ou lebre), e devido à sua elevada fragmentação, estes últimos métodos de análise não puderam ser realizados.

Relativamente aos dados métricos, as medidas foram efectuadas com uma craveira digital Mitutoyo CD-15DC com uma resolução 0.01mm, seguindo von den Driesch (1976).

Ao nível das marcas, observou-se que alguns restos apresentavam vestígios de manipulação, como é o caso da existência de ossos trabalhados.

3.2. Caracterização da amostra arqueofaunística

A amostra analisada é resultante de trabalhos arqueológicos nos Perdigões desde 1997 até 2006 nos sepulcros 1 e 2.

A recolha dos restos foi realizada manualmente durante as escavações sem o recurso à crivagem dos sedimentos. Apesar da não utilização da crivagem, podemos observar que foi realizado um trabalho exaustivo. Isto é demonstrado pela grande quantidade de restos de microfauna que foi recolhida (Tabela 1), ficando excluída a possibilidade de não terem sido recuperados restos de maiores dimensões.

Relativamente ao estado de preservação foi possível aferir que, globalmente, a amostra apresentava um bom estado de conservação, já que foi possível realizar as identificações taxonómicas a nível específico em cerca de 77,4% do total da amostra (Tabela 1), mas apesar deste facto verificou-se uma grande quantidade de restos que apresentavam fracturas recentes, originadas nos trabalhos de escavação ou na sua manipulação. Também é de referir a existência de uma grande quantidade de restos que se apresentavam corroídos ou bastante corroídos, devendo-se sobretudo à integração dos restos nos sedimentos (Andrews e Cook, 1985; Lyman, 1994) e aos trabalhos agrícolas que o sítio sofreu (já referidos no capítulo 2.2).

No total, foram recolhidos 1459 restos, onde se incluem 333 dentes completos e fragmentados (Tabela 1). A distribuição destes restos entre os sepulcros ocorre da seguinte forma:

1) No sepulcro 1 foram recuperados 346 restos (Tabela 2);

2) No sepulcro 2 foram recuperados 1111 restos (Tabela 3);

Desde já é possível verificar que existe uma grande diferença nas contribuições para a amostra estudada nos dois sepulcros, nomeadamente, o sepulcro 1 contribui em 23,7% do total, já o sepulcro 2 contribui com os restantes 76,3% (Tabelas 2 e 3).

3.3 Espécies recuperadas

Os mamíferos representam quase o total da amostra analisada (97,6%), enquanto as aves, répteis e anfíbios surgem com contribuições muito baixas.

No sepulcro 1 foram recolhidos, como já foi referido anteriormente (secção 3.2), 346 restos, dos quais 36 são dentes ou pequenos fragmentos de dentes (Tabela 2). Neste sepulcro os mamíferos são dominantes, tendo sido possível identificar cerca de 76,9%. Macromamíferos, mesomamíferos e micromamíferos representam 20,2% (Tabela 2).

Os restos que são dominantes são os de raposa (*Vulpes vulpes*), com uma representação para amostra total de 46,8%. A alta contribuição desta espécie é devida a presença de um esqueleto semi-completo. Num caso, um membro anterior apresenta-se em conexão anatómica (Tabela 2). Em segundo lugar surge o coelho (*Oryctolagus cuniculus*), a representar 13,9 % e em terceiro lugar surge o grupo dos suídeos (*Sus sp*) com uma representação de 4,3% (Tabela 2). As restantes espécies de mamíferos surgem com percentagens menores, sendo as seguintes: 2,9% para o veado (*Cervus elaphus*), 2,3% para os ovicaprinos, 1,4% para os equídeos (*Equus s.p*) e com uma representação de apenas 0,3% para os bovídeos (*Bos taurus*). As restantes espécies presentes (lebre, micromamíferos, etc.) apresentam contribuições inferiores ou iguais a 1%. (Tabela 2).

Relativamente ao sepulcro 2, foram recolhidos, como já foi referido anteriormente (secção 3.2), 1111 restos onde estão incluídos 286 dentes ou pequenos fragmentos de dentes. Neste sepulcro, tal como se verificou no sepulcro 1, os mamíferos são dominantes: 97,7%. Foi possível identificar 76,1% do total da amostra, ficando registados como macromamíferos, mesomamíferos e micromamíferos 21,7% da amostra (Tabela 3).

O táxon dominante, neste sepulcro, é o coelho (*Oryctolagus cuniculus*) com 56,7%. Em segundo lugar, a lebre (*Lepus s.p*) com uma contribuição de 4,9%. De seguida, os

suídeos (*Sus s.p*), com uma contribuição de apenas 3,4% (Tabela 3). Ainda é notar, que o veado (*Cervus elaphus*) surge com uma contribuição de 2,4%, seguido dos equídeos (*Equus s.p*) com uma contribuição de 2,1%, o grupo dos *Lagomorpha* com 1,6%, os ovi-caprinos (*Ovis/Capra*) com 1,3% e por fim o gado bovino (*Bos taurus*) com uma contribuição de apenas 0,4% (Tabela 3). Sendo que as restantes espécies presentes contribuem com percentagens iguais ou inferiores a 1% (Tabela 3).

Por fim, neste sepulcro, que apesar das aves contribuírem com percentagens muito reduzidas, há que referir a presença de uma espécie curiosa, tendo em conta a localização dos Perdigões. Esta espécie é o Ganso-Patola (*Morus bassana*), que é uma ave marinha e que habita essencialmente em zonas costeiras e tendo em conta o facto de que esta ave não nidifica em Portugal, o território nacional apenas fica nas suas rotas de migração (Tabela 3).

3.3.1. Mamíferos

3.3.1.1. Equídeos (*Equus sp*)

Como foi possível verificar na tabela 1, foram recuperados 28 restos no total dos dois sepulcros, sendo que 25 são primeiras falanges e 3 dentes deciduais. A quantidade de restos apresenta discrepâncias entre os dois sepulcros. No sepulcro 1 foram recuperadas apenas 5 primeiras falanges (Tabela 2 e 4), enquanto no sepulcro 2 foram recuperadas 20 primeiras falanges e 3 dentes deciduais (Tabela 3 e 5). Ainda sobre as falanges é de referir que 21 destas se encontram trabalhadas, algumas apresentam decorações e outras apenas polimento ou afeiçoamento tornando-as em “Idolos-falange”.

3.3.1.1.1 – Representatividade anatómica, marcas antrópicas, idade de abate e dados métricos

A representatividade anatómica deste grupo é bastante limitada, como já foi possível verificar, restringe-se à presença de elementos do esqueleto apendicular, sendo os únicos elementos cranianos os 3 dentes deciduais, podendo os restantes elementos anatómicos se encontrarem entre os restos classificados como macromamíferos. Porém fica em aberto a questão de onde poderão estar os restantes elementos anatómicos, pois não parece ser plausível que estes animais tenham sido caçados exclusivamente para a obtenção de matéria-prima para manufactura dos “Idolos-falange”, deixando assim um imenso recurso alimentar sem aproveitamento. Isso representaria um grande dispêndio de energia e de tempo na caça deste animal, deixando assim prever a presença deste grupo noutros contextos dentro dos Perdigões.

Embora se tenha conseguido identificar a presença deste táxon e verificar a presença de restos trabalhados é de referir que a sua maioria se apresentava erodido e muito erodido. Este aspecto dever-se-á às sucessivas utilizações, estando assim expostos aos agentes tafonómicos.

Relativamente às marcas antrópicas, apenas se verificou as já referidas falanges trabalhadas. Estas distribuem-se entre os dois sepulcros da seguinte forma:

- 1 – Sepulcro 1: 4 falanges trabalhadas;
- 2 – Sepulcro 2: 17 falanges trabalhadas;

No que diz respeito às idades à morte destes animais, podemos referir que se tratava sobretudo de animais adultos, pois as falanges possuíam os epífises proximais completamente fusionadas. A presença dos dentes deciduais leva a indicar que, pelo menos um dos indivíduos seria juvenil.

Relativamente a dados métricos, apesar das falanges se encontrarem trabalhadas, algumas destas permitiram ainda a obtenção de dados métricos para a determinação das espécies, deste grupo de mamíferos, presentes nos sepulcros (Gráficos 1 e 2).

Esta abordagem já foi utilizada por João Luís Cardoso, nos seus estudos sobre Leceia, onde este autor afirma “*as falanges de equídeo utilizadas como ídolos calcolíticos são aproveitáveis para comparações biométricas, tendo em vista a respectiva determinação específica, desde que pouco alteradas pelo afeiçoamento*” (Cardoso, 1995: 226) e por Marta Moreno-García para o Povoado calcolítico do Mercador (Moreno-García, 2002).

Os dados métricos, passíveis de verificação foram os seguintes: comprimento máximo (GL) e diâmetro transversal proximal (Bp). Os valores conseguidos foram comparados com exemplares arqueológicos portugueses de diferentes cronologias (Gráficos 1 e 2) e com as médias de exemplares de diversas espécies de equídeos que são apresentadas no quadro 1 de Cardoso (1995:227) e modificado por Moreno-García (2002).

Nos gráficos de dispersão (Gráficos 7 (A_(falanges anteriores)) e 8 (B_(falanges posteriores)), é possível observar que, no geral, os exemplares recolhidos nos Perdígões aproximam-se dos valores médios do *Equus przewalskii*, sendo que, os exemplares dos Perdígões são de maior dimensão aos que foram registados no Calcólítico, na Penha-Verde e Leceia. É ainda possível observar que um dos exemplares é superior ao que é registado para o Plistocénico e ao valor médio do *Equus caballus gallicus*, em semelhança ao que foi verificado no Povoado do Mercador (Moreno-García, 2002).

Esta análise permitiu verificar o carácter selvagem dos equídeos presentes nos sepulcros dos Perdigões. Uma vez que, os valores obtidos dos restos em estudo, como já tinham sido referidos anteriormente, se aproximam dos valores registados para as espécies selvagens, nomeadamente do *Equus przewalskii*, em semelhança com o que ocorre no Povoado do Mercador (Moreno-García, 2002).

3.3.1.2 Veado (*Cervus elaphus*)

No conjunto dos dois sepulcros foram recuperados 37 restos (Tabela 1), sendo que 32 são primeiras falanges, 1 é referente a uma segunda falange, 1 terceira falange, 1 haste, 1 carpal e 1 rádio. A quantidade de restos é discrepante quando observamos os sepulcros separadamente, no sepulcro 1 foram recuperadas 10 primeiras falanges (Tabela 4), enquanto no sepulcro 2 foram recuperados 27 restos, sendo 20 primeiras falanges, 1 segunda falange, 1 terceira falange, 1 carpal, 1 rádio e uma haste (Tabela 5). No que diz respeito às primeiras falanges, verificou-se que 28 se apresentavam trabalhadas, sendo que no sepulcro 1 apenas verificou este facto em 9 primeiras falanges, enquanto no sepulcro 2 se verificou em 19 primeiras falanges.

3.3.1.2.1 – Representatividade anatómica, marcas antrópicas, idade de abate

A representatividade anatómica desta espécie é limitada, embora seja superior à que foi verificada para o cavalo. Como é possível observar, uma predominância das falanges, que no caso do sepulcro 1 são os únicos elementos anatómicos presentes (Tabela 4), enquanto no sepulcro 2 a diversidade é um pouco maior, continuando ainda a predominância das primeiras falanges. Perante esta situação, levanta-se a questão da localização de outros elementos anatómicos desta espécie, deixando assim a previsão de se encontrarem noutros contextos do próprio recinto, embora seja possível a presença de restos desta espécie na categoria geral de macromamíferos.

No que diz respeito ao estado de conservação destes restos, a sua maioria apresentava um bom estado de conservação, embora seja de registar ainda uma grande presença de restos que apresentavam fracturas recentes, originadas no momento de recolha e na sua manipulação posterior a essa mesma recolha. Este grau de conservação, permitiu a distinção das primeiras falanges entre anteriores e posteriores, permitindo assim uma melhor contabilização do NMI.

À semelhança com o grupo dos equídeos, no que diz respeito a marcas antrópicas, verificou-se a presença de falanges trabalhadas, sendo que estas se distribuem, entre os sepulcros da seguinte forma:

- 1 – Sepulcro 1: 9 falanges trabalhadas;
- 2 – Sepulcro 2: 19 falanges trabalhadas;

Quanto à estimativa da idade à morte destes animais, no geral os animais presentes nos sepulcros são indivíduos adultos, pois as falanges apresentavam as epífises fusionadas, existindo a possibilidade de um dos indivíduos ser juvenil devido à presença de um rádio sem a sua epífise proximal fusionada. Ainda se pode apontar, para um dos indivíduos, uma idade de 5 anos, devido à haste que apresenta cinco ramificações, sendo que cada ramificação corresponde a um ano (Shimid, 1972). Este último dado é para ser considerado com precaução, pois esta estimativa não significa necessariamente a morte do animal, uma vez que estes animais perdem as hastes todos os anos, o que pode levar a que a haste presente tenha sido recolhida sem ter implicado o abate do animal.

3.3.1.3 Gado bovino (*Bos taurus*)

A presença deste táxon, como se pôde observar anteriormente, é bastante diminuta. A nível de restos, foram apenas recolhidos 6 no conjunto dos dois sepulcros (Tabela 1). No sepulcro 1 apenas foi recuperado 1 resto, que corresponde a uma segunda falange (Tabela 4), enquanto no sepulcro 2 estão presentes os restantes 5 restos, que correspondem a: 1 patella, 1 terceiro pré-molar inferior, 1 pélvis, 1 vértebra e 1 primeira falange (Tabela 5).

3.3.1.3.1 – Representatividade anatómica, idade de abate

Relativamente à representatividade anatómica destes animais, apesar da sua presença diminuta, estão presentes elementos de todas as divisões do esqueleto, (como foi possível verificar anteriormente), sendo respectivamente: a patella, a pélvis e a primeira falange (esqueleto apendicular), a vértebra (esqueleto axial) e o terceiro pré-molar inferior (esqueleto craniano). É de referir a possibilidade da presença de restos deste táxon nos restos classificados como macromamíferos. A ausência de outros elementos anatómicos poderá dever-se a questões tafonómicas que levaram à sua não conservação e à sua dispersão, porém este aspecto poderá evidenciar uma intencionalidade humana.

Este último aspecto deverá ser esclarecido com a análise estratigráfica e da sua distribuição especial. Quanto ao estado de conservação destes restos, estes não apresentam

um padrão regular, existindo restos bem conservados, erodidos, muito erodidos e com fracturas recentes.

Quanto à idade de abate dos bovinos, tendo em conta que os restos são escassos e não sendo os melhores indicadores podemos apontar para a presença de indivíduos adultos.

3.3.1.4 Ovicaprinos (*Ovis/Capra*)

Foram recuperados 23 restos de ovicaprininos no conjunto dos dois sepulcros, sendo que 14 são dentes e pequenos fragmentos de dentes (Tabela 1). Estes restos distribuem-se entre os sepulcros da seguinte forma: no sepulcro 1 estão presentes 8 restos, que dos quais, 4 são dentes (Tabela 2), sendo os restantes 1 fragmento de crânio, 1 primeira falange, 1 segunda falange e 1 metacarpo (Tabela 4). No sepulcro 2 estão presentes 16 restos, sendo que 10 são dentes (Tabela 3), e os outros restos dizem respeito a 2 segundas falanges, 1 primeira falange, 2 escápulas e 1 astrágalo, sendo este último pertencente a uma cabra (*Capra hircus*) (Tabela 4).

3.3.1.4.1 – Representatividade anatómica, idade de abate

No que diz respeito à representatividade anatómica, esta é limitada, sendo o esqueleto craniano o melhor representado, devido sobretudo à predominância de dentes. É de referir, a possibilidade da presença de restos referentes a outros elementos anatómicos na categoria de mesomamíferos. Relativamente ao estado de conservação destes restos, a maioria apresentam-se erodidos, muito erodidos e com fracturas recentes, sendo que, os que apresentam um menor estado de conservação são referentes a uma escápula. Este aspecto aponta para uma forte exposição a agentes tafonómicos, levando à não conservação de restos mais frágeis, restando assim os restos mais resistentes (dentes) e levando à sua dispersão.

No que diz respeito à idade à morte deste grupo, estão sobretudo presentes indivíduos adultos, uma vez que os dentes predominantes são correspondentes a dentição definitiva, mas refere-se ainda a presença de pelo menos dois indivíduos juvenis, pela existência de dois dentes decíduais.

3.3.1.5 Suídeos (*Sus sp*)

No conjunto dos dois sepulcros, foram recuperados 53 restos, sendo que 21 destes são dentes ou pequenos fragmentos de dentes (Tabela 1), sendo estes restos distribuídos entre os sepulcros da seguinte forma: no sepulcro 1 foram recuperados 15 restos, sendo

que 3 destes são dentes (Tabela 2); os outros elementos anatómicos correspondentes a 1 ulna, 1 tibia, 1 costela, 5 primeiras falanges, (sendo 2 destas trabalhadas) e 4 segundas falanges, (sendo trabalhada apenas 1) (Tabela 4). No sepulcro 2 foram recuperados 38 restos, 20 destes correspondem a dentes (Tabela 3) e os restantes elementos anatómicos correspondem a 1 fragmento de crânio, 1 maxilar, 2 rádios, 2 ulnas, 1 tibia, 1 metápodo, 1 terceiro metacarpo, 1 terceiro metatarso (que se encontra trabalhado) e 1 fémur.

Como já foi referido, (secção 3.1), os restos não permitiram realizar uma identificação taxonómica que distinguisse claramente o porco doméstico (*Sus domesticus*), do javali (*Sus scrofa*), mas é registada a presença clara deste último, devido sobretudo à presença de presas (grande desenvolvimento dos caninos inferiores, que é uma das principais características do javali).

3.3.1.5.1 – Representatividade anatómica, idade de abate e marcas antrópica

Em relação à representatividade de elementos anatómicos, como foi possível observar anteriormente, os elementos que predominam são os dentes. Quanto aos restantes elementos, estes surgem em quantidades muito pequenas e com um grande grau de fragmentação. Existe a possibilidade da presença de restos referentes a outros elementos anatómicos na categoria de mesomamíferos. Relativamente ao estado de conservação destes restos, a maioria apresentam-se erodidos, muito erodidos e com fracturas recentes, sendo que, os que apresentam uma maior fragmentação são referentes a ossos longos e ossos cranianos. Este aspecto aponta para uma forte exposição a agentes tafonómicos, levando à não conservação de restos mais frágeis, restando assim os restos mais resistentes (dentes).

No que diz respeito a marcas de corte, apenas se verificou uma pequena quantidade de restos trabalhados, esses restos trabalhados distribuem-se entre os sepulcros da seguinte forma:

- 1 – Sepulcro 1: 3 restos trabalhados
- 2 – Sepulcro 2: 2 restos trabalhados

Na determinação da idade à morte, foi possível verificar, que estamos perante animais, na sua maioria em idade adulta porque temos, no que diz respeito aos dentes, uma dentição já definitiva. Existem ainda dentes deciduais e alguns ossos longos que ainda apresentam epífises não fusionadas, sendo estes uma minoria.

3.3.1.6 Lagomorfos: Coelho (*Oryctolagus cuniculus*) e Lebre (*Lepus sp*)

Este grupo, conforme se pode observar na Tabela 1, é o que domina nos contextos em estudo. No total foram recuperados 754 restos, destes 233 são dentes. Destes restos 676 pertencem ao coelho (*Oryctolagus cuniculus*), 59 restos pertencem à lebre (*Lepus sp*) e 19 restos que não permitiram uma distinção clara entre o coelho e a lebre, ficam classificados apenas como *Lagomorpha* (Tabela 1).

3.3.1.6.1 – Representatividade anatómica, idade de abate e marcas antrópicas

Relativamente à representatividade anatómica deste grupo, pôde-se verificar, especialmente no caso do coelho estão presentes, no seu conjunto, esqueletos completos (Tabela 4 e 5). A nível de conservação, quase a totalidade dos restos, apresentavam um índice de fragmentação elevado, principalmente devido a fracturas recentes, mas é assinalar que existe uma grande quantidade que se apresenta erodido. Este estado de conservação, reflecte acima de tudo o facto de estes restos terem estado expostos a agentes tafonómicos, levando assim ao seu estado de fragmentação e à sua dispersão.

No que diz respeito às idades à morte, deste grupo, considerando o estado de fusão epifisária dos ossos longos (úmeros, fémures e tíbias) e considerando os intervalos de tempo em que ocorre a fusão epifisária, para os diversos elementos anatómicos anteriormente referidos (Jones, 2006), observa-se a presença desde coelhos recém-nascidos até a adultos (Tabela 11 e Quadro 1). Situando assim, entre indivíduos com idades à morte inferiores aos 8 meses e superiores a 10 meses. Estes dados apontam para uma amostra de origem natural e não antrópica.

A nível de marcas antrópicas, não se registaram quaisquer indícios de corte, embora, caso se possa considerar a presença de ocre em alguns dos restos como uma marca antrópica, de facto este aponta para uma presença destes táxones durante as fases de utilização funerária dos dois sepulcros em causa. Se é possível apontar o carácter intrusivo destes táxones nos sepulcros, que tendo em conta seu modo de vida teriam procurado abrigo nestes locais, também neste momento ainda não pode ser descartada a possibilidade de alguns destes restos de coelho e lebre terem sido integrados no ritual funerário. Este ponto deverá ser esclarecido com a análise da distribuição dos seus restos em cada unidade estratigráfica e pela sua distribuição espacial.

3.3.1.7 Carnívoros: Cão/lobo, (*Canis sp*); Raposa (*Vulpes vulpes*); Texugo (*Meles meles*); Gato selvagem (*Felis silvestris*)

Neste grupo, foram recuperados 176 restos, sendo 11 destes restos dentes, no conjunto dos dois sepulcros (Tabela 1). Estes restos estão divididos entre as diversas espécies da seguinte forma: cão/lobo (*Canis sp*), foram recuperados apenas dois restos, que não permitiram a distinção entre o cão e o lobo, a raposa (*Vulpes vulpes*), foram recuperados 164 restos, destes, 10 são dentes. Como já foi referido, no início deste capítulo, estes restos de raposa correspondem no Sepulcro 1 a um esqueleto semi-completo estando disperso por diversas unidades estratigráficas (Tabela 8), sendo que numa destas se encontra uma “pata” em conexão anatómica (Tabela 4), o que significa que estes restos se encontram em posição primária. Não se registaram marcas de origem antrópica pelo que a questão de tratar-se de uma deposição intencional ou natural só poderá ser esclarecida com a análise estratigráfica e a distribuição espacial dos restos.

No caso do texugo (*Meles meles*), foram recuperados apenas dois restos. Situação igual ocorreu para o gato selvagem (*Felis silvestris*) e também para o grupo que ficou designado apenas por carnívoros, pois estes restos não permitiram uma classificação específica.

No que diz respeito à representatividade anatómica, a raposa é a espécie que apresenta uma maior diversidade de elementos anatómicos, sendo ainda possível determinar que pelo indivíduo do Sepulcro 1 era do sexo masculino, devido à presença do osso peniano, que é uma característica dos carnívoros. As restantes espécies apresentam uma fraca diversidade de elementos anatómicos (Tabela 4 e 5). Relativamente ao estado de conservação global destes restos, estes apresentam-se com um grau de preservação relativamente baixo, uma vez que alguns restos apresentam-se erodidos, bem preservados (sendo estes em minoria) e outros com fracturas recentes.

No que diz respeito às idades à morte das espécies deste grupo, apenas podemos referir quase a totalidade dos restos correspondem a indivíduos adultos.

3.3.1.8. Micromamíferos (Roedores)

No que diz respeito a este grupo, a totalidade dos restos que permitiram a identificação taxonómica correspondem a roedores. Foram identificadas as seguintes espécies: rato-do-campo (*Apodemus silvaticus*) ao qual correspondem três restos, rato-dos-prados-mediterrânico (*Microtus (Pitymys) doudecimcostatus*) que corresponde a 5 restos. No que diz respeito aos roedores da família *Eliomys* foram recuperados 22 restos e à família dos *Mus* foram recuperados apenas 4 restos.

Estes animais são inteiramente intrusivos nos sepulcros, podendo estes terem sido levados para estes contextos por predadores ou terem utilizado os sepulcros como abrigo.

3.3.2. Aves

Relativamente às aves, nos sepulcros, estavam presentes as seguintes espécies: os Sisão (*Tetrax tetrax*) que foram recuperados 2 restos, Esmerilhão (*Falco columbarius*) ao qual corresponde apenas um resto, a Perdiz (*Alectoris rufa*) a que correspondem 7 restos, o Ganso-patola ou também conhecido por Alcatraz (*Morus bassana*) a que corresponde apenas um resto e por fim a família dos *Turdidae*, que correspondem 3 restos.

Ainda podemos referir que, quase todas as aves identificadas fazem parte da actual paisagem Alentejana, onde os Perdigões se inserem, a determinação do seu carácter intrusivo ou intencional terá de ser esclarecido através da análise dos contextos onde estão inseridos e através da sua distribuição espacial. Neste momento apenas é possível apontar, para sua presença, um carácter intencional para o Ganso-patola, como foi referido anteriormente (secção 3.3), por se tratar de uma ave marinha que habita, essencialmente, em zonas costeiras, passando apenas neste território na sua busca de alimento em alto mar (Mullarney, *et al* 1999). A presença desta espécie nos Perdigões é um dado interessante, uma vez que, este sítio se localiza no interior de Portugal, onde a distancia a zonas costeiras é ainda considerável.

A presença desta espécie em território ibérico peninsular durante o Calcolítico, não é inédita, mas trata-se sobretudo de locais junto à costa. No que se refere ao território português, esta espécie é assinalada em Leceia e no Castro do Zambujal. Em Espanha foi registada em Terrera Ventura, Los Millares e Cerro de las Cabezas (Gourichon e Cardoso, 1995). No que diz respeito ao caso de Leceia, estes autores verificaram que os restos de Ganso-patola apresentavam marcas antrópicas, (traços de corte, traço de raspagem e polimento), sendo que, alguns destes restos teriam sido aproveitados para a transformação em utensílios (Gourichon e Cardoso, 1995).

A interpretação destes autores para presença dos restos desta espécie em Leceia, como um recurso alimentar complementar, sendo que, depois os restos desta espécie seriam aproveitados para diversos fins. Seria efectuado o aproveitamento das penas, dos ossos mais robustos para a transformação em utensílios e por fim, para estas comunidades, estes restos poderiam ter um significado simbólico, sendo usados como troféus ou acessórios religiosos. (Gourichon e Cardoso, 1995).

No caso dos Perdigões, a presença deste resto, pode assim indicar contactos com comunidades localizadas em zonas costeiras, pois esta é que teriam uma maior possibilidade

de contacto com esta espécie. A forma de contacto já é mais difícil de determinar, colocando-se assim a seguinte hipótese

Considerando que, a este resto é atribuído um significado simbólico/religioso, sendo este resto usado como acessório religioso (Gourichon e Cardoso, 1995), poderemos estar perante uma deposição de restos humanos de um indivíduo seria como um líder espiritual da comunidade que habitava os Perdigões, ou por outro lado poderá significar que nos sepulcros, nomeadamente no sepulcro 2, teremos a presença de indivíduos exteriores aos Perdigões.

3.3.3. Anfíbios e Répteis

Como se pode verificar na Tabela 1, no conjunto dos dois sepulcros, estes dois grupos (anfíbios e répteis) surgem com contribuições apenas residuais. Entre os anfíbios apenas foi identificado o sapo-de-unha-negra (*Pelobates cultripes*) que surge com uma contribuição de 0,1%. No caso dos répteis foi apenas possível restringir à identificação da família *Colubridae*, que surgem com uma contribuição, também, de apenas 0,1%.

3.4. Observações gerais

Com base nos dados apresentados, pode-se desde já observar uma diferença que, como já foi referido anteriormente (secção 3.2), é a grande disparidade de número de restos faunísticos presentes em cada sepulcro. No sepulcro 1, estavam presentes 346 restos (23,7% da amostra total), enquanto no sepulcro 2, estavam presentes 1111 restos (76,3% da amostra total). A soma dos restos deveria ser de 1459, sendo que a soma dos valores referidos anteriormente totaliza apenas 1457 restos. Esta diferença ocorre porque, dois dos restos não tinham nas suas fichas de inventário a referência da unidade estratigráfica, fazendo com que não seja possível perceber em qual dos sepulcros estavam inseridos. De qualquer forma estes restos foram analisados, mas não referidos nas tabelas respeitantes a cada um dos sepulcros (Tabelas 2 e 3).

É de referir que a amostra recolhida nos dois sepulcros é heterogénea no que diz respeito às espécies presentes. Os mamíferos dominam, sendo os restantes vertebrados apenas vestigiais. Ainda dentro dos mamíferos foi possível observar que a quantidade de espécies selvagens é superior às espécies consideradas como domésticas. Estas últimas são as seguintes: os bovídeos, os ovicaprinos e os suídeos, embora no grupo dos suídeos seja dada como certa a presença do javali, devido à presença de presas.

A nível de contribuições, verificou-se que a espécie dominante nestes contextos é o coelho. Se apenas considerarmos o número de restos, a espécie que viria em segundo lugar seria a raposa. Neste caso temos ter em conta que os restos desta espécie corresponderem a

um esqueleto semi-completo sendo que este apresenta uma “pata” em conexão anatómica, para evitar uma sobrevalorização desta espécie.

Esta situação já tinha sido observada anteriormente (Duarte *et al.* 2004), aquando na realização de um estudo preliminar das faunas do sepulcro 1, incluídas no presente trabalho.

Tendo em conta o que foi referido anteriormente, surge em segundo lugar o grupo dos *Lagomorpha* e por fim, em terceiro lugar o grupo dos suídeos.

Quando se comparam os sepulcros entre si, é possível verificar que, no que diz respeito à representatividade anatómica das espécies mencionadas no parágrafo anterior, todas as espécies se fazem representar pelos mesmos elementos anatómicos, sendo a exceção o veado. No sepulcro 1, os restos presentes desta espécie são exclusivamente as primeiras falanges, enquanto no sepulcro 2 já é possível verificar que, para além das primeiras falanges, verifica-se que, também estão presentes outros elementos anatómicos como a haste, ulna e rádio.

Por fim, como foi referido nos pontos anteriores, é verificada a presença de restos faunísticos trabalhados. Estes restos trabalhados restringem-se apenas a três táxones, os equídeos, o veado e os suídeos. Destes o que apresenta mais restos trabalhados é o veado, sendo que no sepulcro 2 o seu número é bastante superior ao existente no sepulcro 1. No sepulcro 1 apenas estão presentes 9 restos de veado trabalhados, enquanto no sepulcro 2 este número passa a 20 restos. O mesmo sucede com os equídeos, no sepulcro 1 estão presentes 4 restos trabalhados, já no sepulcro 2 este número sobe para os 17 restos. Nestes dois táxones, os restos trabalhados restringem-se apenas às primeiras falanges. Nos suídeos, os números de restos trabalhados, quando comparamos os sepulcros entre si, verifica-se que o número é bastante próximo, sendo que no sepulcro 1 estão presentes 3 restos trabalhados e no sepulcro 2 estão presentes 2 restos trabalhado. Os restos trabalhados do sepulcro 1 foram realizados sobre 2 primeiras falanges e 1 sobre uma segunda falange, enquanto os restos trabalhados no sepulcro 2 são sobre um terceiro metatarso e uma primeira falange.

A disparidade entre os dois sepulcros, (quer no número geral de restos presentes, quer no número de restos trabalhados), poderá ser resultado de diferentes durações das utilizações funerárias, assim o período de utilização funerária teria sido mais longo no sepulcro 2 do que no sepulcro 1. Por outro lado esta disparidade poderá significar uma intensificação ou uma diminuição da utilização de restos faunísticos nas actividades rituais ao longo do tempo. Para perceber se esta hipótese se verifica é necessário perceber se os dois sepulcros teriam utilizações contemporâneas, ou se teriam realizado as deposições funerárias em períodos de tempo diferente e neste caso era necessário perceber qual

a sequência: se as deposições do sepulcro 1 eram anteriores ou posteriores às do sepulcro 2, ou se ocorre o contrário.

Um outro aspecto que deve ser referido é o predomínio de espécies selvagens sobre as espécies consideradas como domésticas. Esta diferença de quantidades poderá dever-se quer à intrusão de alguns animais, quer ao possível da diferença de papéis que estes animais teriam dentro do que compõem o ritual funerário. Tendo em conta que os restos trabalhados são quase exclusivamente realizados sobre restos de animais selvagens (cavalo e veado), onde a excepção é caso dos suínos mas de uma forma pouco significativa. Estas questões e as anteriores, já colocadas tentar-se-ão serem entendidas durante a análise estratigráfica e distribuição espacial dos restos faunísticos.

4- ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA

Neste capítulo, pretende-se realizar a análise das distribuições dos restos faunísticos de acordo com os seus contextos estratigráficos. Como primeiro objectivo pretende-se perceber como é que cada uma das unidades estratigráficas contribui para a amostra em estudo e, para além disso, tentar perceber se existe um padrão reconhecível na deposição dos restos faunísticos.

Para esta análise, numa primeira fase, no que respeita às contribuições de cada uma das unidades estratigráfica, foram consideradas todas as espécies presentes nos sepulcros. Como segundo objectivo, foram considerados apenas os registos que apresentavam coordenadas completas, ou seja, que apresentassem os valores de X, Y e Z, o que faz com que nos gráficos de distribuição não estejam presentes a totalidade dos restos existentes em cada uma das unidades estratigráficas. Pode-se considerar-se esta leitura como meramente aproximada.

Estas análises foram realizadas seguindo a sequência estratigráfica de escavação, ou seja, das unidades estratigráficas mais recentes para as mais antigas e integrando os restos faunísticos nas diversas fases de utilização definidas para estes sepulcros (estas análises devem ser completadas com a consulta das matrizes que estão em anexo).

4.1. Análise estratigráfica e distribuição espacial dos restos faunísticos (Sepulcro 1)

4.1.1 Análise estratigráfica dos restos faunísticos

4.1.1.1 Átrio

Nas unidades estratigráficas mais à superfície (U.Es 0 e 10), a presença de restos faunísticos deve-se sobretudo ao revolvimento de terras devido a trabalhos agrícolas. Estes trabalhos agrícolas fizeram com que material que se encontrava em contextos preservados fosse remexido e viesse à superfície. Os táxones presentes nestas duas unidades são: na U.E 0, que tem uma contribuição para a amostra do sepulcro 1 de 4,5%, temos no total 17 restos, sendo que todos eles correspondem a faunas intrusivas, sendo os táxones mais representados o coelho (*Oryctolagus cuniculus*) e a raposa (*Vulpes vulpes*), com 5 restos e 7 restos respectivamente. Já na U.E 10, que contribui com 3,5%, estão presentes no total 12 restos onde se regista a presença do coelho, embora aqui já se encontrem outros táxones como os bovinos (*Bos taurus*) com apenas 1 resto, os ovicaprinos (*Ovis/ Capra*) também com apenas um resto, os suínos (*Sus. s.p*) com dois restos e por fim temos

o coelho com três restos (Tabela 6). É importante referir que as unidades estratigráficas já referidas, não são exclusivas da zona do átrio, pois estas U.Es cobriam todas as áreas do sepulcro em questão.

4.1.1.1.1 - Fase 4 – (de abandono e de destruições)

Concretamente à zona do átrio, temos a U.E 22. Nesta unidade foram recuperados apenas 3 restos, sendo estes de coelho (1 tibia) e 2 restos de suídeos (1 dente molar e 1 segunda falange). A contribuição desta unidade para a amostra do sepulcro 1 é de 0,3% (Tabela 6).

4.1.1.1.2 - Fase 4 – (deposições rituais)

Na U.E 19, que foi parcialmente afectada pelos trabalhos agrícolas, corresponde à única utilização ritual no exterior da câmara do sepulcro 1, onde se registaram a presença de no mínimo 3 indivíduos, mas devido à pouca quantidade de restos osteológicos humanos, ao seu grau de fragmentação e à sua grande dispersão não permitiram uma interpretação clara deste contexto (Lago *et al.* 1998). Nesta unidade, no que diz respeito a restos faunísticos, foram recuperados 9 restos, que faz com que esta unidade contribua com 2,6% para a amostra deste sepulcro. Destes 9 restos foi apenas possível identificar 5, sendo 4 restos pertencentes a coelho e 1 pertencente a raposa. Os restos excedentes foram apenas passíveis de serem integrados nos seguintes grupos: Mesomamíferos e Micromamíferos (Tabela 6).

4.1.1.2 Corredor

Nesta área do sepulcro 1, não se registaram a presença de restos faunísticos e é de relembrar que esta área sofreu uma grande afectação com os trabalhos agrícolas.

4.1.1.3 Câmara

4.1.1.3.1 – Fase 4 a (remeximentos de contextos da Fase 3 c)

Neste espaço do sepulcro é onde se encontra a maioria dos restos recolhidos. Numa fase de contextos remexidos, foram recolhidos restos faunísticos em duas unidades estratigráficas, (U.Es 14 e 29).

Na U.E 14 foram recolhidos apenas dois restos, que correspondem a dois táxones, um resto de coelho e um resto de raposa, fazendo com que esta unidade contribua com 0,6% para amostra do sepulcro 1 (Tabela 6).

Na U.E 29 foram recolhidos 4 restos, dando assim uma contribuição de 1,2% da amostra, sendo o único resto identificável um fragmento de ovicaprino. Os restantes encontram-se inseridos na categoria de micromamíferos (Tabela 6).

4.1.1.3.2 – Fase 3 c (de ruína e utilização funerária)

Nesta fase, que foi definida de ruína do sepulcro mas ainda com utilizações funerárias, temos o seguinte cenário: na U.E 63 foram recolhidos 6 restos, o que resulta numa contribuição de 1,7% da amostra do sepulcro 1. As identificações possíveis destes restos revelaram a presença de 3 táxones, cuja presença se considera resultante da acção humana. Estas espécies são os equídeos, os ovicaprinos e suínos. Em cada uma destas espécies está presente por um resto, sendo correspondentes aos seguintes elementos anatómicos: aos equídeos corresponde a 1 primeira falange trabalhada, aos ovicaprinos corresponde a 1 dente tal como os suínos. Os restantes encontram-se inseridos na categoria de Mesomamíferos (Tabela 6).

Na U.E 38, em comparação com a unidade referida anteriormente, temos uma maior quantidade de restos recolhidos, num total de 48, o que corresponde a uma contribuição de 13,9% da amostra total deste sepulcro. Estes restos distribuem-se entre as espécies, da seguinte forma: 2 restos de ovicaprinos, 1 de suínos, 12 restos de coelho, 21 de raposa e um de roedor da família dos *Eliomys*. Os restantes estão distribuídos entre micromamíferos, mamíferos indeterminados e aves, sendo que dentro das aves, 1 resto foi identificado como sendo da família *Turdidae* (Tabela 6).

A U.E 84 foi considerada como um momento de deposições funerárias. Nesta unidade foram recolhidos 7 restos, do que representa apenas 2% da amostra respeitante a este sepulcro. Os restos faunísticos referem-se aos seguintes táxones: 1 primeira falange posterior de veado, 1 fragmento craniano de ovicaprino, 2 falanges de suíno (uma era a primeira falange e a outra uma segunda falange). É ainda de salientar que os restos de veado e de suínos, apresentavam-se trabalhados. Por fim temos apenas três restos, sendo que, dois pertencem a coelho e apenas um a lebre (Tabela 6).

Ainda nesta fase, na unidade 86 foram recuperados 104 restos, sendo 102 restos respeitantes à raposa. Nesta unidade ainda foram recuperados 1 resto de suídeo e um resto de um mesomamífero, fazendo com que esta unidade contribua com 30,1% para amostra deste sepulcro (Tabela 6).

4.1.1.3.3 – Fase 3 b (de deposições funerárias)

Numa outra fase, uma fase de maior intensidade de deposições funerárias, temos as U.Es 90, 92 e 93.

Na unidade 90 foi recolhido um resto de coelho, fazendo com que esta unidade tenha uma contribuição muito reduzida, de apenas 0,3%, para amostra deste sepulcro (Tabela 6).

Na unidade 92, foi recuperado apenas um resto, sendo este uma primeira falange de veado trabalhada, fazendo com que esta unidade tenha uma contribuição igual à unidade 90 (Tabela 6).

No que diz respeito à U.E 93, foram recuperados 14 restos, o que significa que esta unidade contribui com 4% para a amostra deste sepulcro. Os restos recuperados dizem respeito a 1 primeira falange de cavalo trabalhada, 2 restos de suídeos, 9 restos de raposa e o restante resto é de um réptil, cuja identificação não foi possível realizar (Tabela 6).

4.1.1.3.4 – Fase 2 d (de uso funerário)

Numa outra fase de uso funerário, temos as seguintes unidades estratigráficas: 96, 97, 136, 168 e 182.

No que diz respeito à U.E 96 foram recolhidos 5 restos faunísticos, sendo que apenas foi possível identificar 2 como sendo de coelho. Os restantes foram inseridos nas seguintes categorias gerais: macromamíferos e mamíferos indeterminados, fazendo com que esta unidade apresente uma contribuição de 1,4% da amostra do sepulcro 1 (Tabela 6).

Na unidade 97 foram recuperados 20 restos, o que representa uma contribuição de 5,6% da amostra deste sepulcro. No que diz respeito aos restos, estes são distribuídos da seguinte forma nas diversas espécies: 3 primeiras falanges de veado trabalhadas, 2 restos de ovicaprinos, um resto de coelho, e os restantes estão distribuídos entre roedores, carnívoros, macromamíferos, micromamíferos e répteis (Tabela 6).

Na unidade 136, foram recolhidos 22 restos, o que representa 6,4% da amostra deste sepulcro. No que diz respeito aos restos, 21 são de raposa e 1 de micromamífero.

Na unidade 168 foram recuperados apenas 1 resto de coelho, fazendo com que esta unidade contribua com 0,3% para amostra deste sepulcro (Tabela 6).

Para finalizar esta fase temos a unidade 182, onde ocorre a mesma situação que foi verificada para a unidade 168, tendo sido apenas recuperado um resto de coelho fazendo assim uma contribuição igual à da unidade 168, de apenas 0,3% (Tabela 6).

4.1.1.3.5 – Fase 2 c (de uso funerário)

Na fase seguinte de uso funerário, foram recuperados restos faunísticos nas unidades 172,173,174,176,178 e 180.

Na U.E 172 foram recuperados dois restos, fazendo com que a contribuição desta unidade seja de 0,6%. Estes dois restos são duas primeiras falanges de cavalo trabalhadas (Tabela 6).

A unidade 173 contribui com 4,3% para a amostra deste sepulcro, tendo sido recolhidos 15 restos. Estes restos são referentes a 2 primeiras falanges de veado trabalhadas, 2 restos de suíno, 2 restos de coelho, sendo que os restantes inseridos nas categorias gerais de macromamíferos e de micromamíferos (Tabela 6).

Na unidade 174 foram recuperados 9 restos, o que representa uma contribuição de 2,6% da amostra deste sepulcro. Os restos desta unidade distribuem-se da seguinte forma pelos diferentes táxones: 1 falange de veado trabalhada, 2 restos de coelho e 1 de rato-do-campo, estando os restantes inseridos na categoria geral de micromamíferos (Tabela 6).

Na unidade 176 só foram recolhidos 2 restos, que se referem a micromamíferos, fazendo com que a contribuição desta unidade seja de 0,2% da amostra referente a este sepulcro (Tabela 6).

Na unidade 178 apenas foram recuperados 4 restos, o que em termos de contribuição desta unidade para amostra deste sepulcro, seja de 1,2%. Os restos presentes nesta unidade são exclusivamente de micromamíferos só sendo possível identificar 1 resto como sendo de um rato-do-campo (Tabela 6).

Para finalizar esta fase, temos a unidade 180 onde foi recuperado apenas 1 resto de coelho, que representa uma contribuição de 0,3% (Tabela 6).

4.1.1.3.6 – Fase 2 b (de uso funerário)

Numa outra fase de uso funerário intenso do sepulcro 1, apenas numa unidade foram recolhidos restos faunísticos, sendo esta a unidade 175. Nesta unidade foram recolhidos 12 restos, o que representa uma contribuição de 3,5% da amostra do sepulcro 1. Os restos presentes nesta unidade referem-se a 1 resto de suídeo, 2 de coelho e 2 de um roedor da família dos *Mus*, estando os restantes inseridos na categoria de micromamíferos (Tabela 6).

4.1.1.3.7 – Fase 2 a (de primeiras utilizações funerárias)

Na primeira fase de uso funerário deste sepulcro, inserem-se as seguintes unidades estratigráficas: 143, 191, 302, 308 e 310.

Na unidade 143 foram recuperados apenas 2 restos, fazendo com esta unidade contribua com 0,6% para amostra do sepulcro 1. Estes dois restos dizem respeito a micromamíferos (Tabela 6).

No que diz respeito à unidade 191 foram recuperados apenas 2 restos, fazendo com esta unidade tenham uma contribuição igual à unidade anteriormente descrita. Mas nesta unidade, os restos recuperados dizem respeito a 1 primeira falange de equídeo trabalhada e 1 resto de Lebre (Tabela 6).

Na unidade 302 foram recuperados 5 restos, fazendo com que esta unidade contribua com 5,6% para amostra deste sepulcro. Os restos distribuem-se da seguinte forma: 1 resto de coelho e 4 de mamíferos não identificados. (Tabela 6).

Na unidade 308 foi recuperado apenas 1 resto faunístico, fazendo com que esta unidade tenha uma contribuição para amostra deste sepulcro de apenas 0,3%. Este resto diz respeito a um micromamífero (Tabela 6).

Para finalizar esta fase temos a unidade 310. Nesta unidade foram recolhidos apenas 2 restos, contribuindo assim, com 0,6% para amostra do referente deste sepulcro. Destes restos, apenas foi possível identificar um, como sendo de coelho. Ficando o outro apenas classificado como micromamífero (Tabela 6).

4.1.1.3.8 – Unidades estratigráficas sem enquadramento

Não foi possível enquadrar algumas unidades, onde se registaram a presença de restos faunísticos, numa das fases de utilização do sepulcro em questão, visto o seu registo apresenta algumas dúvidas. Unicamente foi possível verificar que, os restos presentes nessas unidades se encontram localizados na câmara (através das suas coordenadas), mas este aspecto deve ser tido com alguma precaução. As unidades em causa são a unidade 62, 103, 400.

Na unidade 62 foi recolhida uma falange trabalhada de veado, o que faz com que esta unidade contribua para a amostra deste sepulcro em 0,3% (Tabela 6).

Na unidade 103 foram recuperados dois restos, fazendo com que esta unidade contribua com 0,6% para amostra deste sepulcro. Os restos recuperados nesta unidade dizem respeito a 1 primeira falange de veado trabalhada e 1 resto de coelho (Tabela 6).

Por fim, na unidade 400 foram recuperados dois restos, fazendo com que esta unidade contribua com 0,6% para amostra sepulcro. Estes restos distribuem-se pelos seguintes táxones: um resto é referente ao coelho e o outro correspondem a uma ave, nomeadamente ao Sisão (Tabela 6).

4.1.2 Distribuição espacial dos restos faunísticos (Sepulcro 1)

Esta análise foi realizada através das coordenadas dos restos obtidas no momento de escavação através de estação total. Assim, para análise da distribuição espacial horizontal dos restos, foram considerados os valores de X e os valores de Y, enquanto para a distribuição espacial vertical considerou-se os valores de X e Z. Estas coordenadas foram obtidas através da implantação de um sistema de referência local, sendo necessário fazer a sua conversão para obtermos estas coordenadas para serem inseridas no sistema nacional.

Nesta análise, optou-se por não realizar essa conversão por economia de tempo e porque os limites dos sepulcros já se encontravam desenhados através das coordenadas locais.

Relativamente aos restos presentes nesta análise, optou-se apenas por considerar os restos que apresentavam identificações taxonómicas seguras, excluindo assim os restos inseridos em categorias gerais.

Para esta análise foram agrupadas as diversas unidades estratigráficas que compõem as diversas fases de utilização do sepulcro. Assim, cada gráfico corresponde a uma fase de utilização do sepulcro.

4.1.2.1 – Análise espacial horizontal

Numa visão geral, como se pode observar no Gráficos 3, os restos representados restringem-se à câmara do sepulcro, uma vez que os restos presentes no átrio não apresentavam o registo das coordenadas que permitissem a sua clara localização. Assim, a análise que se segue é apenas referente às diferentes fases de utilização da câmara deste sepulcro.

Os restos encontram-se dispersos um pouco por toda a área da câmara, sendo que, ainda se podem distinguir dois grupos: um grupo encontra-se próximo da entrada da câmara e um outro já mais no interior da câmara, deixando assim uma espécie de corredor no centro da mesma.

No que se refere às espécies presentes em cada grupo, é de difícil leitura já que existem restos que se sobrepõem uns aos outros por possuírem coordenadas muito próximas. Assim, para uma leitura mais clara desta distribuição, terá de ser realizada através dos restantes gráficos que, como já foi referido na secção 4.1.2, se referem às diversas fases de utilização do sepulcro.

4.1.2.1.1. – Fase 3 c (de ruína e utilização funerária)

Nas unidades que correspondem a esta fase, apenas foram recolhidos restos faunísticos nas unidades 38, 63, 84 e 86 como já tinha sido referido (secção 4.1.1.3.2). Nestas unidades, como se pode observar no Gráficos 4, a presença de restos faunísticos é reduzida, onde, a nível de espécies, estão presentes apenas 5 táxones, que permitiam a sua localização através das coordenadas, estes táxones são: os equídeos (*Equus s.p*), o veado (*Cervus elaphus*), os suínos (*Sus s.p*), a raposa (*Vulpes vulpes*) e o coelho (*Oryctolagus cuniculus*). Nesta fase verificou-se a presença de restos trabalhados, que correspondiam a restos de cavalo, veado e suíno. Os restos trabalhados, a nível anatómico referem-se a uma primeira falange de cavalo, uma primeira falange posterior de veado e no que se refere aos suínos encontram-se de duas falanges, sendo que uma é primeira falange e a outra a uma segunda falange.

No que diz respeito aos restos de raposa presentes nesta fase, foram recuperados nas unidades 38 e 86, sendo que os restos desta espécie presentes nas unidades 38 e 86 são restos que pertencem todos ao mesmo esqueleto. No que respeita aos restos de coelho, apenas se registou uma presença vestigial.

Relativamente à localização dos restos presentes nesta fase, podemos verificar que estes se encontram bastante dispersos em relação uns aos outros. Quanto ao resto trabalhado de cavalo presente, este encontra-se junto às lajes que delimitam a câmara a NNO (Nor-noroeste), já os restos de coelho e de raposa encontram-se próximos das lajes que delimitam a câmara a Norte. Ainda sobre os restos de coelho, é de verificar a sua presença próximo da entrada da câmara. No caso do veado, o resto presente localiza-se também próximo da entrada da câmara, mas em comparação com o resto de coelho, este situa-se mais a sul e mais para o interior da câmara. Por fim, no que diz respeito aos restos trabalhados de suínos, estes localizam-se mais no interior da câmara, quando comparados com o resto de veado, embora um destes restos se encontre mais próximo das lajes que delimitam a câmara a sul e o outro mais para o centro da câmara.

Nesta fase em concreto, é difícil o reconhecimento de um padrão de deposição destes restos, mas considerando que na unidade 84, foram verificadas deposições funerárias secundárias, é possível colocar a hipótese de que a presença dos restos trabalhados de suínos e de veado possam estar associados a esse momento de deposições funerárias. Relativamente ao resto trabalhado de cavalo, coloca-se a dúvida de que possa estar ou não associado a esse mesmo momento, sendo a unidade onde este foi registado, (U.E 63), estratigráficamente pertencente ainda a esta fase, mas sendo posterior à unidade 84.

Pode-se assim colocar a hipótese, deste resto ser parte integrante do ritual associado às deposições realizadas na unidade 84, sendo posteriormente disperso para outro contexto por agentes tafonómicos, ou por outro lado ser parte integrante em rituais de oferendas após destas mesmas deposições.

Por fim, no que se refere aos restos de coelho e de raposa, estes parecem ser faunas intrusivas, esta hipótese é colocada, visto que os restos não apresentaram marcas antrópicas e por localizarem numa unidade, (U.E 38), que foi considerada como um momento de intensos derrubes, que culminariam com a ruína total do sepulcro, sendo um sinal que a intervenção humana, neste momento, seria escassa ou inexistente. Mas se considerarmos que os derrubes foram originados por intervenção humana, sendo assim um ritual de encerramento do monumento, podemos colocar a hipótese de os restos de coelho e de raposa teriam sido integrados nesse mesmo ritual.

4.1.2.1.2 – Fase 3 b (de deposições funerárias)

Nesta fase, a única unidade que foi possível representar graficamente a distribuição espacial foi a 93, visto que os restos das unidades 90 e 92 não apresentavam nas suas fichas de identificação as respectivas coordenadas. Os restos destas últimas unidades já foram referidos anteriormente (secção 4.1.1.3.3)

No que respeita à localização destes restos, observa-se que os restos de cavalo e de suíno estão quase no centro da própria câmara. Distanto cerca de 80 cm um do outro. Já no caso dos restos de raposa localizam-se mais próximos das lajes que delimitam a área da câmara a Sul (Gráficos 5).

Considerando assim, as informações relativas a esta fase, pode-se apontar com alguma segurança para que os restos de cavalo e de suíno tenham sido introduzidos nestes contextos por acção humana, ainda restando a dúvida se estes restos fariam parte do ritual das deposições humanas ou se teria sido num momento posterior integrando assim um ritual de oferenda. No que diz respeito aos restos de raposa, parece apontar num primeiro momento, para que a presença destes restos nesta fase seja resultado de uma intrusão deste animal, nesta fase de utilização do sepulcro. Mas o facto de estarem presentes apenas restos referentes a uma mandíbula completa, embora não estando em conexão anatómica, poderá indicar uma deposição intencional destes restos.

4.1.2.1.3 – Fase 2 d (de uso funerário)

Numa outra fase de uso funerário, como já foi referido anteriormente (secção 4.1.1.3.4), que é composta pelas unidades 96, 97, 136, 168 e 182, foi registada a presença de restos faunísticos e deposições de restos humanos, designadamente nas unidades 97 e 136.

Na representação gráfica desta fase (Gráfico 6), não se encontra representada a unidade 168, uma vez que nesta unidade os restos não possuíam nos seus registos as coordenadas que permitissem a localização.

De acordo com a representação gráfica (Gráfico 6), podemos verificar que temos a presença dos táxones: o veado, ovicaprinos, a raposa, coelho e aves. Em relação aos restos do último táxon referido, apenas foi possível identificar como pertencentes à família dos *Turdidae* e por fim temos a presença de restos de roedor pertencente à família dos *Mus*.

No que diz respeito à distribuição espacial dos restos ocorre da seguinte forma: os restos de veado encontram-se bastante dispersos, já os restos de ovicaprinos também se encontram bastante dispersos, estando um resto localizado no interior da câmara e o outro próximo da entrada da câmara. No caso do membro anterior de raposa em conexão anatómica, localiza-se próximo das lajes que delimitam a câmara a NNO. Relativamente aos restos de coelho, estes encontram-se bastante dispersos, sendo que um resto localiza-se perto da entrada da câmara e o outro localiza-se próximo do membro anterior de raposa já referido anteriormente. Por fim os restos de roedor e aves localizam-se muito próximo da entrada da câmara.

Segundo as informações sobre esta fase, podemos apontar um carácter intrusivo para os restos de roedores e de aves, ainda durante a utilização funerária do sepulcro.

No que diz respeito aos restos de veado trabalhados e de ovicaprinos, podemos assegurar a presença destes restos devido à acção humana. Esta hipótese é suportada pelo registo de deposições de restos humanos na mesma unidade (U.E 97) em que se encontraram os já referidos restos, embora não se consiga perceber se estes foram depositados integrando um ritual funerário aquando das deposições de restos humanos, ou se por outro lado, se trata de restos depositados posteriormente integrando um ritual de oferendas. Quanto ao membro anterior de raposa, embora não se tenham registado marcas de origem antrópica, o facto destes restos se encontrarem em conexão anatómica, de serem os únicos restos presentes desta espécie e por na mesma unidade terem sido registadas deposições, coloca-se a hipótese de se tratar de uma deposição intencional.

4.1.2.1.4 – Fase 2 c (de uso funerário)

Como já tinha sido referido anteriormente (secção 4.1.1.3.5) esta fase é composta pelas seguintes unidades estratigráficas: 172,173,174,176,178 e 180. Na representação gráfica (Gráfico 7) não foi possível representar a unidade 180, uma vez que os restos presentes nesta, no seu registo não apresentavam a referência das coordenadas.

De acordo com a representação gráfica, nesta fase estavam presentes os seguintes táxones: veado, cavalo, suínos, coelho e rato-do-campo.

No que diz respeito à distribuição destes restos, estes apresentavam-se dispersos, embora seja possível verificar uma maior concentração de restos faunísticos junto às lajes que delimitam a câmara a Sul. Nesta concentração é possível verificar a presença de restos de veado, cavalo, suíno, de coelho e de rato-do-campo. É ainda de referir que nesta concentração o único resto trabalhado é de suíno. Respeitante aos outros restos, verificou-se que o resto de veado trabalhado se localiza quase no centro da câmara. O outro resto de suíno localiza-se junto das lajes que delimitam a câmara a Oeste e o outro resto de cavalo localiza-se quase próximo das lajes a NE.

De acordo com as informações desta fase, pode-se apontar para uma introdução de restos de veado, cavalo e de suíno por acção humana, esta hipótese é suportada, sobretudo, através do registo das deposições de restos humanos nesta fase, designadamente nas unidades 169 e 173. Permanece assim a dúvida se estes restos teriam sido integrados no ritual das deposições funerárias ou se seriam depositadas num momento posterior como um ritual de oferendas. No caso dos restos de rato-do-campo, pode-se afirmar que são intrusivos nestes contextos devido à acção de agentes tafonómicos.

4.1.2.1.5 – Fase 2 b (de uso funerário)

Como já foi referido anteriormente, (secção 4.1.1.3.6), esta fase de utilização do sepulcro refere-se um momento de intensas práticas funerárias. Esta fase apenas se refere a uma única unidade estratigráfica, a unidade 175, mas apesar de ser uma fase de intensas práticas funerárias, a nível da presença de restos faunísticos é escassa.

Conforme a representação gráfica (Gráfico 8), apenas foram registados os seguintes táxones: suínos, coelho e roedores da família dos *Mus*.

Quanto à distribuição, estes restos apresentam-se dispersos pela câmara, sendo ainda de referir que o resto de suíno se encontra localizado relativamente próximo das lajes que delimitam o sepulcro a NNO.

Desta forma, considerando que estes restos estão presentes numa fase, como já foi

referido anteriormente, de utilização funerária intensa a presença de restos é inferior às fases que foram descritas anteriormente. No que diz respeito às faunas presentes nesta fase podemos apontar para os restos de suíno e de coelho como uma introdução por acção humana, restando a dúvida se estes restos teriam sido integrados durante o ritual das deposições funerárias ou se seriam depositados num momento posterior como um ritual de oferendas.

4.1.2.1.6 – Fase 2 a (de primeiras utilizações funerárias)

Como já tinha sido referido anteriormente (secção 4.1.1.3.7), esta fase foi definida como sendo a primeira fase de deposições humanas deste sepulcro. Esta fase é composta pelas seguintes unidades estratigráficas: 143, 191, 302, 308 e 310.

Na representação gráfica da distribuição espacial dos restos presentes nesta fase (Gráfico 9), não se encontram representados os restos que foram recuperados nas unidades 143 e 308, uma vez que não foi possível realizar a sua identificação taxonómica, ficando assim apenas definidos como restos não identificados. A nível de restos podemos observar a presença de um resto de cavalo trabalhado, sendo este um fragmento de primeira falange, os restantes restos faunísticos referentes a coelho e lebre.

Relativamente à distribuição destes restos, podemos verificar que se encontram dispersos pela área da câmara, sendo ainda de referir que o fragmento trabalhado de cavalo se encontra muito próximo da entrada da câmara junto, às lajes da câmara localizadas a NE.

A interpretação dos restos desta fase, torna-se difícil, devido a questões estratigráficas, uma vez que, o resto trabalhado se encontra, de acordo com a matriz, numa unidade anterior às deposições funerárias, enquanto os restos de coelho e de lebre foram registados na mesma unidade das deposições humanas. Assim, podemos apontar para que o resto trabalho de cavalo, possa estar relacionado com um ritual de oferenda num momento anterior às deposições de restos humanos, enquanto os restos de coelho e de lebre teriam sido depositados no mesmo momento das deposições humanas.

Por fim, verifica-se que embora seja uma fase de utilização funerária a presença de restos nesta fase é escassa, à semelhança com a fase de utilização anterior.

4.1.2.2 – Análise espacial vertical

Em primeiro lugar, os restos representados referem-se apenas aos que estavam presentes na câmara deste sepulcro, porque, como já foi referido (secção 4.1.2.1), os restos presentes no átrio não apresentavam as coordenadas que permitissem a sua localização.

De acordo com a representação gráfica (Gráfico 10), os restos recuperados distribuem-se sensivelmente entre as cotas 231.15 e 231.95, verificando-se assim uma diferença cerca de 80 cm entre a cota mínima e máxima entre os restos recolhidos.

Verifica-se uma maior concentração de restos faunísticos sensivelmente entre as cotas 231.55 e 231.75. É nesta concentração que se verifica quase a totalidade dos restos e que a sua presença se considerou devido a acções humanas, como é o caso dos restos de cavalo, veado, ovicaprinos, suínos, coelho, lebre e de raposa.

Segundo o que está representado no gráfico, parece que a utilização de restos de animais nestes contextos terá tido uma intensificação num determinado período de tempo, que terá sido durante os momentos das deposições humanas, ocorrendo posteriormente uma diminuição quando se aproxima o final do uso funerário do sepulcro, sendo esta diminuição quase repentina.

Por fim, não se verifica uma selecção clara de preferência na deposição de restos de uma determinada espécie num período de utilização funerária específica. Pode-se apontar para um maior significado simbólico/religioso para os restos de cavalo, veado e de suíno, por alguns destes restos se apresentarem trabalhados. Embora esta visão possa ser limitadora, dado que a escolha destas espécies para a obtenção de objectos possa estar relacionada às características dos restos osteológicos destas espécies.

4.2. Análise estratigráfica e distribuição espacial dos restos faunísticos (Sepulcro 2)

4.2.1 Análise estratigráfica dos restos faunísticos (Sepulcro 2)

4.2.1.1 Átrio

4.2.1.1.1 – Fase 4 (surriba e revolvimento)

As unidades estratigráficas que compõem esta fase são: 200; 201; 239, 419 e 420. Estas unidades são contextos que foram bastante afectados pelos trabalhos agrícolas realizados em 1997, já referidos anteriormente (secção 2.2).

Na unidade 200, referente a uma das camadas mais superficiais, foram recolhidos 6 restos faunísticos, estes referem-se apenas javali e a coelho. Os restos distribuem-se entre os dois táxones da seguinte forma: 1 resto é de javali, que a nível anatómico é referente a uma primeira falange e 5 restos de coelho, que a nível anatómico correspondem a um fragmento de mandíbula, na qual estão inseridos 4 dentes. No que diz respeito à contribuição, desta unidade, para amostra do sepulcro em causa é de apenas 0,5% (Tabela 7).

Num outro contexto quase superficial, a unidade 201, foram recuperados 26 restos.

Estes permitiram a identificação dos seguintes táxones: cavalo, veado, bovídeo, ovicaprinos, coelho e lebre. Em termos de espécies presentes, foram identificados 5 restos de cavalo, que a nível anatómico, todos eles são primeiras falanges, das quais, 4 encontram-se trabalhadas. Relativamente ao veado, a sua presença nesta unidade é dada através de 4 restos, que destes, 3 são primeiras falanges trabalhadas e um fragmento de rádio. A presença de bovídeo foi verificada pela identificação de um fragmento de pélvis, no que diz respeito aos ovicaprinos a sua presença é verificada pela identificação de um fragmento de escápula. Por fim, a presença de coelho e de lebre, sendo 11 restos referentes a coelho (que a nível anatómico dizem respeito a membros inferiores) e a presença da lebre é dada através da identificação de um fragmento de escápula. A contribuição desta unidade, para amostra total deste sepulcro é de 2,3% (Tabela 7).

É de referir que estas duas unidades cobrem todas as áreas que compõem a sepulcro, (átrio, corredor, câmara).

Coberta pela unidade 200, temos a unidade 239. Esta última unidade trata-se de uma vala e seu enchimento que foi o resultado da surribo, originados pelos trabalhos agrícolas de 1997, já referidos neste capítulo. Nesta unidade, foi recuperado apenas um resto, que somente permitiu ser identificado como sendo de um carnívoro. Assim, esta unidade tem uma contribuição de 0,1% para amostra deste sepulcro (Tabela 7).

Um outro contexto, que foi bastante afectado pelos já referidos trabalhos agrícolas, tem a unidade 419. Nesta unidade apenas foi recolhido um resto de micromamífero, que não foi possível identificar a nível taxonómico. A existência de apenas um resto, faz com que esta unidade tenha uma contribuição de apenas 0,1% da amostra referente a este sepulcro (Tabela 7).

Para finalizar esta fase, temos a unidade 420. Nesta unidade apenas foi recolhido um resto pertencente a coelho, que a nível anatómico, diz respeito a um fragmento de uma vértebra cervical, nomeadamente o atlas. A contribuição desta unidade, para a amostra deste sepulcro, é de 0,1% (Tabela 7).

4.2.1.1.2 – Fase 3 (ruína do monumento)

Segundo os registos de escavação, esta fase não foi possível detectar nesta área do sepulcro.

4.2.1.1.3 – Fase 2 (utilização funerária)

Optou-se por dividir esta fase em duas sub-fases. Esta opção é devida essencialmente à existência de deposições de restos humanos em três momentos diferenciados. A divisão destes momentos passa essencialmente por serem antes e após a queda da laje (U.E 260) que fecharia a entrada do corredor. Assim temos as seguintes sub-fases:

- Fase 2 c, utilizações funerárias posteriores à queda da laje (U.E 260);
- Fase 2 b, queda da laje (U.E 260);
- Fase 2 a, utilizações funerárias anteriores à queda da laje (U.E 260).

No que diz respeito à presença de restos faunísticos, só se verificaram em unidades que pertencem à Fase 2 a e à Fase 2 c.

4.2.1.1.3.1 – Fase 2 c (utilizações funerárias posteriores à queda de laje)

As unidades que correspondem a esta sub-fase são: 221; 231; 261 e 265.

Na unidade 221, que foi parcialmente afectada pelas surribas, a nível de restos foi apenas possível recuperar 1 resto de coelho, fazendo com que esta unidade contribua com 0,1% para a amostra deste sepulcro.

Na unidade 231, foi interpretada como sendo um momento de intensas práticas funerárias, imediatamente após a queda da laje que fecharia a entrada do corredor. Nesta unidade foram recuperados 35 restos. Os restos recuperados permitiram verificar a presença das seguintes espécies: veado, bovívdeo, suíno, coelho e lebre. Relativamente ao veado, estão presentes 3 restos, que a nível anatómico dizem respeito a primeiras falanges, todas elas trabalhadas. Ao bovívdeo, apenas corresponde um resto, que se trata de uma patella, enquanto os suínos, a sua presença é verificada através de 7 restos, que dos quais apenas um não é referente a dentes. Por fim quanto ao grupo dos *Lagomorpha*, foram recuperados no total 10 restos, que dos quais, 8 permitiram a identificação como sendo de coelho, um outro permitiu verificar a presença de lebre. O restante apenas ficou identificado como pertencente ao grupo dos *Lagomorpha*. Os restos desta unidade fazem com que esta tenha uma contribuição de 3,2% da amostra deste sepulcro (Tabela 7).

A unidade 261 tratava-se de um depósito onde se registou a presença de restos humanos. Nesta unidade apenas foram recolhidos 3 restos faunísticos. Nestes restos verificou-se a presença de veado, através de uma primeira falange trabalhada e a presença de

coelho pela existência de dois fragmentos. Estes restos fazem com que esta unidade tenha uma contribuição de apenas 0,2% da amostra deste sepulcro (Tabela 7).

Para finalizar esta sub-fase, temos a unidade 265, onde foram encontrados restos humanos. Nesta unidade foram recolhidos apenas 5 restos faunísticos que permitiram identificar a presença de veado, através da presença de uma primeira falange trabalhada. Os restos ainda permitiram verificar a existência de outros dois táxones: coelho (3 restos) e gato-selvagem (1 resto). A contribuição desta unidade, para amostra do sepulcro é de 0,5% (Tabela 7).

4.2.1.1.3.2 – Fase 2 a (utilizações funerárias anteriores à queda de laje)

Esta sub-fase é composta pelas seguintes unidade estratigráficas: 232 e 440.

No que se refere à unidade 232, foi interpretada como sendo um momento de um intenso uso funerário, devido à grande presença de restos humanos, sendo que uma das deposições é referente à única conexão anatómica de restos humanos no conjunto dos dois sepulcros, tratando-se de um pé. Este momento de deposições funerárias é anterior à queda da laje (U.E 260) que fecharia a entrada do corredor.

Nesta unidade foram recuperados 52 restos, que permitiram verificar a presença das seguintes espécies: cavalo, veado, ovicaprino, suíno, coelho, lebre e rato-do-campo. No caso do cavalo, os restos correspondentes trata-se de 2 primeiras falanges, sendo uma destas trabalhada. Relativamente ao veado apenas foi registado um resto, que se trata de uma primeira falange trabalhada. Quanto ao ovicaprino a sua presença é verificada apenas com um resto, que se trata de um fragmentos de um dente, o mesmo acontece para o suíno que, também foi verificado apenas um resto, mas neste caso diz respeito a um fragmento de uma ulna. Quanto ao coelho, foram identificados 32 restos como pertencentes a esta espécie, onde, a nível anatómico estão presentes, todas as divisões do esqueleto. A presença da lebre é dada através de 4 restos, sendo estes essencialmente pertencentes ao esqueleto apendicular. Ainda é de referir a existência de um resto que não permitiu uma identificação clara entre o coelho e a lebre, ficando apenas classificado como *Lagomorpha*. Para finalizar esta unidade, é de referir que foram classificados 10 restos como micromamíferos, que, dos quais apenas um resto permitiu a identificação clara do rato-do-campo. Assim, estes restos fazem com que esta unidade contribua com 4,7% para amostra deste sepulcro (Tabela 7).

Para finalizar esta sub-fase, temos a unidade 440, onde foram recolhidos 178 restos. Estes correspondem aos seguintes táxones: ao grupo dos bovídeos, correspondem apenas um resto, que se trata de uma primeira falange; ao grupo dos suínos pertencem apenas 2

restos, sendo estes uma primeira falange e um metápodo. Relativamente aos coelhos, é este o táxon que apresenta a maior quantidade de restos recuperados, com 103. A nível anatómico, pode-se referir que estão presentes elementos de todas as divisões do esqueleto. Quanto à lebre, apenas dizem respeito 3 restos, estes, a nível anatómico, pertencem ao esqueleto apendicular. É de referir a existência de três restos que não permitiram a distinção clara entre o coelho e a lebre. A nível de carnívoros, apenas se verificou a presença de raposa através de um dente decidual. Para finalizar esta unidade, há ainda a referir, que 62 restos correspondem a micromamíferos, que dos quais, apenas 4 permitiram a identificação de roedor da família dos *Eliomys*. Ainda se verificou a presença de um resto de um mamífero de grande porte e a presença de aves, cujos restos não permitiram a sua identificação taxonómica. Esta quantidade de restos faz com que, esta unidade tenha uma das maiores contribuições para amostra deste sepulcro, sendo essa contribuição de 16% (Tabela 7).

4.2.1.1.4 – Fase 1 (construção)

As unidades, que compõem esta fase, são as seguintes: 441, 442, 448 e 451.

Na unidade 441, foram recuperados apenas 4 restos, destes, 3 pertencem a coelho e o restante corresponde a um micromamífero que não foi possível identificar taxonomicamente. Estes restos fazem com que, esta unidade tenha uma contribuição de apenas 0,4% para amostra referente a este sepulcro (Tabela 7).

Na unidade 442, foram recuperados apenas 2 restos de coelho. O que faz, com que esta unidade contribua apenas com 0,2% para amostra deste sepulcro (Tabela 7).

Relativamente à unidade 448, foi apenas recuperado 1 resto, que corresponde a uma ave, não sendo possível realizar a sua identificação taxonómica. Este resto faz com que esta unidade tenha uma contribuição de 0,1% para a amostra referente a este sepulcro (Tabela 7).

A finalizar esta fase, temos a unidade 451, onde foi apenas recolhido 1 resto de coelho. Este, faz com que esta unidade tenha uma contribuição para a amostra deste sepulcro igual à unidade 448 (Tabela 7).

4.2.1.2 Corredor

No que diz respeito ao corredor, só se verificaram restos faunísticos em duas unidades. Estas correspondem, cada uma, a uma fase específica de utilização do sepulcro. A Fase 2, (de utilização funerária) corresponde à unidade 417 e a unidade 245 corresponde a um momento da construção do sepulcro, Fase 1.

4.2.1.2.1 – Fase 2 (utilização funerária)

Na unidade 417 foram recolhidos 11 restos faunísticos. Estes restos correspondem a coelho e a lebre, sendo estes distribuídos da seguinte forma: 10 restos correspondem a coelho, que a nível anatómico correspondem essencialmente ao esqueleto apendicular; 1 resto foi classificado como sendo de lebre, que a nível anatómico corresponde a uma vértebra lombar. Relativamente à contribuição desta unidade para amostra deste sepulcro é de apenas 1% (Tabela 7).

4.2.1.2.2 – Fase 1 (construção)

Na unidade 245 foram recuperados apenas 2 restos faunísticos. Estes restos não permitiram uma classificação taxonómica clara, ficando assim classificados como sendo de mesomamíferos. Este número de restos faz com que, esta unidade tenha uma contribuição de apenas 0,2% para amostra referente a este sepulcro (Tabela 7).

4.2.1.3 Câmara

Na câmara foi registada a presença de restos faunísticos nas seguintes fases: Fase 4 (surriba e revolvimento), Fase 3 (ruína do monumento) e Fase 2 (utilização funerária).

4.2.1.3.1 - Fase 4 (surriba e revolvimento)

Nesta fase, foram recolhidos restos apenas na unidade 463. Nesta unidade foram recolhidos 15 restos, que permitiram verificar a presença dos seguintes táxones: cavalo, veado e coelho. No que diz respeito ao cavalo foi identificado uma primeira falange trabalhada, a mesma situação ocorre para o veado. No caso do coelho foram identificados 10 restos, cujos elementos presentes se dividem entre o esqueleto craniano e esqueleto apendicular. Os restantes 3 não permitiram a identificação específica, ficando apenas classificados como pertencentes a micromamíferos. A nível de contribuição para a amostra deste sepulcro, é de 1,4% (Tabela 7).

4.2.1.3.2 - Fase 3 (ruína do monumento)

Nesta fase, foram recolhidos restos faunísticos nas seguintes unidades: 240, 295, 401, 402, 403, 407, 408, 413, 461 e 462.

Na unidade 240, foram recolhidos 48 restos que permitiram verificar a presença das seguintes espécies: cavalo, ovicaprino, suíno, coelho e de canídeo. O cavalo está presente

através de uma primeira falange trabalhada, já a presença do ovicaprinos é verificada através de um dente, ocorrendo o mesmo ocorre para o suíno. A presença de coelho é dada através de 28 restos, que destes, 20 pertencem todos ao mesmo indivíduo, embora este não se encontre em conexão anatômica. A presença de canídeo é verificada através da presença de um resto, que corresponde a uma vértebra cervical, nomeadamente ao áxis. Ainda relativamente ao resto de canídeo, a possibilidade deste ser de raposa foi excluída através da comparação deste resto com exemplares de raposa da colecção de referência do IGESPAR. Assim, a dúvida permaneceu se este resto corresponderia ao cão doméstico ou se seria de lobo, uma vez que o resto recuperado em escavação não apresentava caracteres morfológicos que permitissem uma distinção segura entre as duas espécies de canídeo já referidas anteriormente. Por fim, os outros restos não permitiram uma classificação segura, ficando estes apenas classificados como restos de macromamíferos, mesomamíferos, micromamíferos e aves indeterminadas. No que diz respeito à contribuição desta unidade, esta é de 4,3% (Tabela 7).

Na unidade 295, foram recuperados apenas 3 restos, que destes, apenas um permitiu a sua classificação taxonómica, como sendo um dente de ovicaprino. Os restantes ficaram classificados apenas como mesomamíferos. Estes restos fazem com que esta unidade tenha uma contribuição 0,3% (Tabela 7).

Na unidade 401, foi registada a presença de restos humanos e restos faunísticos. Relativamente aos restos faunísticos, nesta unidade foram recolhidos 35 restos. Estes permitiram verificar a presença das seguintes espécies: ovicaprino, suíno, coelho e lebre. No que diz respeito à presença de ovicaprino é dada através de 2 restos, que a nível anatómico correspondem a um fragmento de uma escápula e um fragmento de um dente molar, já o suíno deve a sua presença a um fragmento de um rádio. A presença do coelho é dada pela identificação de 11 restos, já à lebre apenas correspondem 4 restos. Ainda relativamente à família dos coelhos e das lebres, *Lagomorpha*, é de referir que 3 restos não permitiram uma distinção clara entre o coelho e a lebre, ficando estes classificados apenas ao nível da família. Há que mencionar a existência de restos que não permitiram uma classificação taxonómica segura, ficando estes apenas classificados em macromamíferos (1 resto) e em micromamíferos (13 restos). No que diz respeito à contribuição desta unidade, é de 3,2% para amostra deste sepulcro (Tabela 7).

Na unidade 402, foram recuperados apenas 5 restos, que permitiram verificar presença do cavalo. Os restos que correspondem a esta espécie são 3 dentes deciduais e uma primeira falange trabalhada. É ainda de referir a existência de um resto que não permitiu a sua classificação taxonómica, ficando apenas classificado como pertencente a um animal

de médio porte. Estes restos fazem com que esta unidade tenha uma contribuição de 0,5% para a amostra deste sepulcro (Tabela 7).

No que diz respeito à unidade 403, foram recolhidos 25 restos. Estes permitiram verificar a presença de bovívdeo, suívno, coelho, lebre e de canívdeo. O resto que corresponde ao bovívdeo, é apenas um fragmento de uma vértebra, no caso do suívno, apenas se verificou a presença de um resto, que a nível anatómico corresponde a uma primeira falange trabalhada. Ao coelho correspondem 13 restos, que a nível anatómico, estão representadas todas as divisões do esqueleto. Já no caso da lebre apenas correspondem 2 restos, sendo estes um fragmento de uma pélvis e uma vértebra. Ainda sobre os restos recolhidos, é de referir a presença de 6 restos que correspondem a micromamíferos e um de anfívbio. Relativamente à contribuição desta unidade para amostra deste sepulcro, é de 2,3% (Tabela 7).

Na unidade 407, onde foram registados alguns restos humanos, a nível de restos faunísticos foram recolhidos 14, destes, 13 correspondem a coelho, que a nível anatómico correspondem a todas as divisões do esqueleto e o restante apenas permitiu ser classificado como um resto de um animal de grande porte. Relativamente à contribuição desta unidade é de 1,3% (Tabela 7).

Quanto à unidade 408, foi registada a presença de restos humanos e de restos faunísticos. No que diz respeito às faunas, foram recolhidos 36 restos que após identificação permitiram verificar a presença das seguintes espécies: veado, através de uma primeira falange trabalhada, de suívno, através de 4 restos, que a nível anatómico correspondem a uma ulna, um pré-molar, uma segunda falange e uma tívbia; ao coelho correspondem 24 restos, que a nível anatómico pertencem a todas as divisões do esqueleto; à lebre corresponde apenas um resto, tratando-se de um fragmento de úmero. Os restantes, dizem respeito a restos que não permitiram uma identificação clara, ficando apenas classificados como *Lagomorpha*, *Eliomys* (roedor), mesomamífero e micromamífero. A contribuição desta unidade, para amostra deste sepulcro, é de 3,2% (Tabela 7).

Na unidade 413, a presença de restos faunísticos é apenas vestigial, sendo apenas recolhido um resto. Este, foi identificado como sendo de coelho, que a nível anatómico corresponde a um úmero, fazendo com que esta unidade contribua apenas com 0,1% para amostra deste sepulcro (Tabela 7).

No que diz respeito à unidade 461, foram recuperados 10 restos faunísticos. Estes restos não permitiram uma identificação clara, ficando apenas classificados apenas como pertencentes a micromamíferos. Estes restos fazem com que esta unidade contribua, para a amostra deste sepulcro, com 0,9% (Tabela 7).

Para finalizar esta fase, temos a unidade 462, na qual apenas foi recuperado um resto de veado, uma primeira falange trabalhada, o que faz com que esta unidade contribua com 0,1% para amostra deste sepulcro (Tabela 7).

4.2.1.3.3 - Fase 2 (utilização funerária)

Esta fase é composta pelas seguintes unidades estratigráficas: 425, 428, 429, 445, 446, 447, 457, 458, 459, 464, 465 e 477.

Na unidade 425 foram recolhidos 22 restos. Através da identificação destes restos foi possível verificar a presença das seguintes espécies: veado, suínos e coelho. Relativamente ao veado corresponde apenas um resto, que se trata de uma primeira falange trabalhada, já no caso dos suínos, correspondem 2 restos, que a nível anatómico se referem a fragmentos de dentes. Dado que um deles é uma presa, verificamos a presença de javali. No caso do coelho, correspondem 15 restos que, 11 dos quais pertencem ao mesmo esqueleto. Os restantes estão divididos pelas seguintes categorias: mesomamífero (1 resto), micromamífero (2 restos) e anfíbios (1 resto). A contribuição desta unidade, para amostra do presente sepulcro, é de 1,9% (Tabela 7).

Na unidade 428, onde se verificaram deposições de restos humanos, foram recolhidos 30 restos faunísticos. A análise destes restos permitiu identificar a presença de cavalo, através de uma primeira falange trabalhada; de ovicaprinos, através de um dente; de javali, através de uma presa; de coelho, através 23 restos, onde estão representados elementos de todas as divisões do esqueleto e por fim a presença de texugo, através de um 4º metatarso. Quanto aos restos que não permitiram uma identificação taxonómica clara, foram classificados na seguinte categoria geral de micromamíferos (3 restos). A contribuição desta unidade para amostra deste sepulcro, é de 2,7% (Tabela 7).

Na unidade 429, onde foi registado um intenso momento de práticas funerárias, foram recolhidos 220 restos faunísticos. Estes restos, através de sua análise, permitiram verificar a presença dos seguintes táxones: cavalo, veado, bovívdeo, ovicaprino, suíno, coelho, lebre, raposa, gato-selvagem, roedor, ave e réptil.

A presença do cavalo, nesta unidade, deve-se à existência de 7 primeiras falanges, que destas, 6 apresentavam-se trabalhadas. No caso do veado, o número de restos presentes é igual ao número de restos registados para o cavalo, mas a nível anatómico, o veado apresenta uma maior diversidade. Os restos de veado distribuem-se pelos diversos elementos anatómicos, da seguinte forma: uma haste completa, 3 primeiras falanges (sendo que, 2 destas encontram-se trabalhadas), uma segunda falange, uma terceira falange e um osso carpal. A presença do bovívdeo é dada, apenas, através de um resto, que corresponde a

um dente molar. Os restos referentes a ovicaprinos tratam-se de dois fragmentos de dentes e uma segunda falange; quanto aos suínos, correspondem 5 restos, donde, 3 são dentes e destes, 2 são presas de javali; os outros restos de suínos referem-se a um terceiro metacarpo e a uma primeira falange. Relativamente ao coelho, foi a espécie que apresentou a maior quantidade de restos, com 110. A nível anatómico estão presentes elementos de todas as divisões do esqueleto. No caso da lebre, correspondem 28 restos, que a nível anatómico estão presentes elementos de todas as divisões do esqueleto. Já no caso da raposa e do gato-selvagem apenas corresponde um resto a cada um. No que se refere aos roedores, foram identificadas duas espécies, o rato-dos-prados-mediterrânico (5 restos) e roedores da família dos *Eliomys* (4 restos). No que diz respeito às aves foi possível identificar três espécies distintas, sendo elas: o Sisão (1 resto), Ganso-patola (1 resto) e Perdiz (4 restos). Os outros restos, que não permitiram identificações claras, ficam classificados nas seguintes categorias gerais: macromamíferos (2 restos), mesomamíferos (3 restos), micromamíferos (30 restos), aves indeterminadas (2 restos) e répteis (1 resto). Por fim, no que diz respeito à contribuição desta unidade, para amostra deste sepulcro, é de 19,8% (Tabela 7).

Na unidade 445, foram recuperados 35 restos faunísticos. A análise destes restos permitiu verificar a presença das seguintes espécies: suíno, coelho, texugo e roedor. No caso do suíno, apenas se verificou um resto, que a nível anatómico se refere a um terceiro metatarso trabalhado. Já no caso do coelho, correspondem 24 restos, nestes, a nível anatómico estão presentes elementos de todas as divisões do esqueleto. Ainda é de referir que, um resto não permitiu uma distinção clara entre o coelho e a lebre, ficando apenas classificado ao nível de família (*Lagomorpha*). O mesmo sucede para o resto de roedor, o qual apenas ficou classificado ao nível da família (*Eliomys*). Ainda foi possível identificar um resto como sendo de texugo. Os restantes, presentes nesta unidade, apenas foram passíveis de inserção nas seguintes categorias: mesomamífero (1 resto), micromamífero (5 restos) e répteis indeterminados (1 resto). A nível de contribuição para amostra deste sepulcro, é de 3,15% (Tabela 7).

Na unidade 457, foram recuperados apenas 5 restos, que destes, apenas foi possível realizar a identificação taxonómica de 4, como pertencente a coelho. Já o restante, foi inserido na categoria de micromamífero. A nível de contribuição, esta unidade contribui com apenas 0,5% da amostra referente a este sepulcro (Tabela 7).

Na unidade 458, foram recuperados 46 restos. Destes restos, foi possível verificar a presença de cavalo, através de uma primeira falange trabalhada; o mesmo se verificou para o veado. A presença de suínos é verificada através de 3 dentes, sendo um destes uma presa de javali; ao coelho correspondem 23 restos, que a nível anatómico, estão presentes

elementos de todas as divisões do esqueleto. No caso dos roedores, aos quais se referem 5 restos, apenas foi possível classificá-los ao nível da família (*Eliomys*). Para terminar, os restos que permitiram uma identificação clara, foram os referentes ao sapo-de-unha-negra. Os outros restos, não permitiram identificações seguras, por isso, ficaram apenas inseridos nas seguintes categorias gerais: macromamíferos (2 restos), micromamíferos (7 restos), aves indeterminadas (1 resto) e anfíbios indeterminados (2 restos). Estes, fazem com que esta unidade contribua com 4,1%, para amostra deste sepulcro (Tabela 7).

Na unidade 459, foram recuperados 110 restos faunísticos. Através destes foi possível verificar a presença das seguintes espécies: veado, ovicaprinos, suínos, coelho, lebre, roedor e perdiz.

Relativamente ao veado, verificou-se a presença de 2 primeiras falanges, sendo uma destas trabalhada. O mesmo número de restos, correspondem a ovicaprinos, mas neste caso, a nível anatómico estão presentes um dente decidual e uma primeira falange. No caso dos suínos, os restos referentes a esta espécie são três dentes, sendo que um destes dentes é uma presa de javali. O coelho é o que apresenta o maior número de restos, 73 restos, onde, a nível anatómico estão presentes elementos de todas as divisões do esqueleto. A contrastar com o coelho, a presença da lebre apenas é verificada através de 5 restos, que a nível anatómico correspondem a um membro posterior, mas não se pode afirmar que pertencem todos ao mesmo indivíduo. É de referir, que no grupo onde se inserem os coelhos e as lebres (*Lagomorpha*), foi classificado apenas um resto, por não permitir uma distinção clara entre estas últimas espécies. Relativamente ao roedor, apenas foi possível classificar um resto, como pertencente à família dos *Eliomys*. O único resto de ave que foi possível identificar ao nível da espécie, foi de perdiz. Os restantes, que não permitiram identificações taxonómicas seguras foram inseridos nas seguintes categorias gerais: macromamíferos (1 resto); mesomamíferos (1 resto) e micromamíferos (20 restos). Estes fazem com que esta unidade contribua com 10% para amostra deste sepulcro (Tabela 7).

Na unidade 464, foram recolhidos 14 restos, distribuídos pelas espécies na seguinte forma: um resto corresponde a cavalo, sendo uma primeira falange trabalhada, um resto corresponde a veado, tratando-se também de um primeira falange trabalhada; aos ovicaprinos correspondem 2 restos, que a nível anatómico se tratam de uma primeira falange e um terceiro molar inferior; aos suínos correspondem 2 restos, que a nível anatómico se tratam de 2 falanges, (uma primeira falange e uma segunda falange); ao coelho correspondem 5 restos, que a nível anatómico correspondem a um fragmento de crânio e os restantes 4 correspondem a elementos de membro posterior e por fim ainda foi possível classificar um resto de roedor, como pertencente à família dos *Eliomys*. Os restantes, que

não permitiram a realização de uma identificação taxonómica clara, foram inseridos na categoria geral de micromamífero (2 restos). Estes restos fazem com que esta unidade contribua com 1,3% para a amostra deste sepulcro (Tabela 7).

Na unidade 465, apenas foi recuperado um resto, que foi classificado como sendo de um carnívoro, o que faz com que esta unidade contribua apenas com 0,1% para a amostra deste sepulcro (Tabela 7).

Por fim, na unidade 477 foi recolhido apenas, um resto de coelho, o que faz com que esta unidade contribua apenas com 0,1% para amostra deste sepulcro (Tabela 7).

4.2.2 Distribuição espacial dos restos faunísticos

À semelhança, do que foi realizado para o sepulcro 1, procedeu-se à análise da distribuição espacial dos restos, em primeiro lugar realizou-se a análise da distribuição em plano e de seguida a análise da distribuição dos restos faunísticos verticalmente.

Nas representações gráficas (Gráficos 17 a 24), que se referem cada uma das fases de utilização do sepulcro 2, não se encontram representadas algumas unidades estratigráficas, uma vez que, alguns restos não apresentavam as coordenadas que permitissem a sua localização de forma segura.

Em semelhança com que o foi realizado para o sepulcro 1, neste sepulcro, optou-se apenas por considerar os restos que apresentavam identificações taxonómicas seguras, excluindo assim os restos inseridos em categorias gerais.

É ainda de referir que, embora na secção 4.2.1.1.3, que diz respeito à fase 2 do átrio, se tenha subdividido em duas sub-fases. Nesta análise optou-se por não realizar essa distinção para simplificar a construção dos já referidos gráficos.

Por fim, há que salientar que relativamente ao Gráfico 18, se encontram representadas as várias divisões de espaço do sepulcro 2 (átrio, corredor e câmara). Isto não aconteceu para o sepulcro 1, como já foi referido anteriormente, uma vez que os restos representados diziam respeito apenas à área da câmara.

4.2.2.1 – Análise espacial horizontal

Numa visão geral, como se pode observar no Gráfico 11, os restos representados restringem-se essencialmente ao átrio e à câmara, embora se verifiquem restos no corredor deste sepulcro, mas em pouca quantidade. Ainda neste gráfico, observa-se que o coelho está presente em todos os espaços do sepulcro, concentrando-se no átrio e na câmara. Dentro da câmara pode-se observar ainda, uma concentração dos restos desta espécie

junto às lajes que delimitam a câmara a Sudoeste, muito perto do corredor. Relativamente aos restos das outras espécies é necessário observar o Gráfico 12, uma vez que, devido à grande quantidade de restos de coelho representados no Gráfico 11, dificultam a observação da distribuição dos restos das outras espécies. Assim, tendo em conta o Gráfico 12, no qual se excluiu os restos de coelho, verifica-se uma maior quantidade de restos na câmara, quando comparado com os restos presentes no átrio. Ainda se verifica uma maior diversidade, a nível de espécies representadas na câmara quando comparada com o átrio. Mas estes aspectos só podem ser clarificados, através da interpretação dos restantes gráficos (que se referem às diversas fases de utilização do sepulcro), uma vez que os gráficos 17 e 18 são de difícil leitura, devido sobretudo à existência de restos que possuem coordenadas semelhantes, ou bastante próximas, que fazem com que alguns restos se sobreponham uns aos outros.

4.2.2.1.1 – Fase 4 (surriba e revolvimento)

Como já tinha sido referido anteriormente (secção 4.2.1.1.1), as unidades que compõem esta fase são: 200, 201, 239, 419, 420 e 463 (esta última unidade está presente na secção 4.2.1.3.1, que é referente à câmara). Apenas foi possível representar graficamente as unidades 239, 420 e 463, uma vez que os restos das outras unidades não possuíam as coordenadas necessárias para a sua representação.

Deste modo, como se pode observar no Gráfico 13, estão apenas representados restos de coelho, que se encontram inseridos na câmara com uma disposição quase rectilínea. Tendo em conta que estes restos estão presentes numa fase de surribas e conseqüente revolvimento de sedimentos (resultantes dos trabalhos agrícolas ocorridos em 1997), estes encontram-se remexidos, podendo assim serem considerados restos de coelhos actuais que se encontravam à superfície e, por via dos remeximentos, terem sido integrados nestes sedimentos.

4.2.2.1.2 – Fase 3 (ruína do monumento)

Como já tinha sido referido anteriormente (secção 4.2.1.3.2) esta fase é composta pelas unidades 240, 295, 401, 402, 403, 407, 408, 461 e 462. No Gráfico 14, que se refere a esta fase não estão representados os restos da unidade 462, por estes não possuírem as coordenadas necessárias para esta análise.

Nesta fase, ainda se verificou a presença de deposições de restos humanos, nomeadamente nas unidades 401, 407 e 408. Assim, de acordo com o gráfico, estão presentes

restos de cavalo, trabalhados e não trabalhados; suínos, trabalhados e não trabalhados, bovídeos, oviscaprinos e coelho. Estes restos estão inseridos na câmara, onde é possível observar dois grupos distintos, tendo em conta as suas concentrações. Um primeiro grupo encontra-se perto da entrada da câmara, muito próximo das lajes que delimitam a câmara Nor-noroeste, onde estão presentes as seguintes espécies: cavalo, bovídeo, coelho e oviscaprinos. É neste grupo que se encontram os restos trabalhados de cavalo e de suíno (estes restos trabalhados sobrepõem-se a restos das mesmas espécies que não se encontram trabalhados). No segundo grupo, estão presentes restos de apenas 3 táxones: coelho, oviscaprinos e de suínos. Este grupo fica localizado próximo às lajes que delimitam a câmara a Nor-nordeste.

Tendo em conta que estes restos estão inseridos numa fase de ruína do monumento mas ainda com práticas funerárias, podemos apontar para que estes sejam resultado de deposições intencionais, sendo assim inseridas no ritual funerário, deixando a dúvida se estes restos teriam sido depositados no mesmo momento das deposições de restos humanos, integrando assim o ritual funerário, ou se seriam depositados num momento posterior, integrando um ritual de oferendas.

4.2.2.1.3 – Fase 2 (utilização funerária)

Esta fase, é composta pelas seguintes unidades 221, 231, 232, 261, 265, 440, 425, 428, 429, 445, 446, 457, 458, 459, 464, 465 e 447. Nesta fase é onde se verificam a maioria das deposições de restos humanos, sendo que estas deposições ocorreram quer na câmara, quer no átrio. No que diz respeito ao átrio, é de lembrar que esta fase foi dividida em duas sub-fases, (como já foi referido anteriormente na secção 4.2.1.1.3). As unidades que compõem estas sub-fases são:

- Sub-fase 2 c (utilizações funerárias posteriores à queda de laje) – U.Es 221, 231, 261 e 265;

- Sub-fase 2 a (utilizações funerárias anteriores à queda de laje) – U.Es 232 e 440;

As restantes unidades são referentes à câmara. É de referir que existem dúvidas acerca da contemporaneidade, ou não, das deposições funerárias que se encontram no átrio e na câmara.

Deste modo, podemos verificar através do Gráfico 15, que nesta fase os restos se concentram quase exclusivamente no átrio e na câmara, mas é de referir a existência de uma grande concentração de restos na câmara junto às lajes que delimitam a câmara Sudeste, que se deve principalmente à unidade 429, tratando-se de um momento de intensas práticas funerárias. Há que salientar que este gráfico apresenta uma grande quantidade

de restos de coelho, quer na câmara, quer no átrio. Relativamente aos restos de coelho, ainda é de referir dois aspectos:

1- Estes concentram-se sobretudo na grande densidade de restos, já referida anteriormente;

2- Os restantes estão dispostos de forma circular, acompanhando a forma da câmara, em grupos relativamente concentrados, enquanto no centro da câmara, apesar da sua grande quantidade, se encontram mais dispersos.

Relativamente aos restos de coelho presentes no átrio, estes são de difícil interpretação. Num primeiro momento, poderíamos apontar para um carácter intrusivo desta espécie. Uma vez que se trata de uma área que seria aberta ao exterior, estes animais poderiam entrar nesta área voluntariamente.

No caso dos restos de coelho presentes na câmara pode-se apontar para alguns destes sejam resultado de deposições intencionais, sobretudo aos restos presentes nas unidades antes da queda da laje que fecharia o corredor do átrio e por alguns restos de coelho apresentarem vestígios de ocre. De qualquer forma, não se exclui a possibilidade de outros serem intrusões, sobretudo após à queda da já referida laje.

Devido à quantidade de restos de coelho nesta fase, o que dificulta a leitura da distribuição dos restos pertencentes a outros táxones, excluíram-se os restos de coelho no Gráfico 16.

Neste gráfico, é possível verificar que, relativamente aos restos de outras espécies, que existe uma maior quantidade e uma maior diversidade taxonómica na câmara do que no átrio.

Em relação ao átrio, estão presentes restos de roedores, bovídeos, cavalo, suínos e um resto de ave. Os restos de roedores e de ave, neste contexto são considerados como intrusivos, uma vez que a áreas onde se encontram seria um espaço aberto que permitia que estes animais entrassem, sendo depois dispersos através de acção humana aquando das deposições funerárias. O mesmo aconteceria para os mesmos táxones presentes na câmara, uma vez que estes restos se encontram num momento posterior à queda da laje que fecharia o corredor (U.E 260). Ainda relativamente ao átrio, verifica-se a presença de restos trabalhados de cavalo e de suínos. Com estes dados é possível apontar uma deposição intencional dos restos de cavalo, suíno e de bovídeo, ficando a dúvida se estes seriam integrados no ritual da deposição de restos humanos ou se seriam integrados em rituais de oferendas.

No que diz respeito à câmara, as espécies que estão melhor representadas, para além do coelho, que já foi tratado anteriormente, são: suínos, veado, cavalo e ovicaprinos.

No caso dos suínos, estes apresentam uma grande distribuição no interior da câmara, sendo difícil reconhecer algum padrão de disposição. Relativamente ao veado, verifica-se uma maior concentração de restos junto das lajes que delimitam a câmara a Sudoeste e bastante próxima da entrada da câmara. Ainda sobre esta espécie é de referir que, é nesta concentração que se encontram a maioria seus restos, nomeadamente na unidade 429, onde se encontra uma haste completa e falanges decoradas.

Relativamente aos restos de cavalo, estes também se concentram junto dos restos de veado, sendo que, esses restos dizem respeito exclusivamente a primeiras falanges, apresentando-se, na sua maioria, trabalhadas.

Quanto aos ovicaprinos, estes encontram-se bastante dispersos, em semelhança com os suínos, o que dificulta o reconhecimento de um padrão na sua disposição.

Por fim, é de referir que, na câmara apenas se registou um resto de bóvido, sendo este localizado na direcção da entrada da câmara e ainda a existência de um resto de gansopatola. A presença deste resto no sepulcro 2 dos Perdigões é interessante, (como já tem sendo referido em diversos pontos deste trabalho), uma vez que se trata, de uma ave marinha.

Tendo em conta os dados apresentados, é possível apontar, para os restos anteriormente referidos, um carácter intencional nas suas deposições. No caso das fases anteriores, quer deste sepulcro, quer do sepulcro 1, permanecia a dúvida de que estes restos, considerados como resultantes de deposições intencionais, seriam parte integrante de um ritual aquando das deposições de restos humanos, ou por outro lado, se seriam integrados num ritual de oferendas após essas mesmas deposições. Aqui essa questão coloca-se de uma forma mais intensa, uma vez que, neste sepulcro e nesta fase, se registou uma grande quantidade utilizações, com sucessivas reutilizações fazendo com que os restos humanos e restos faunísticos sejam dispersos, perdendo assim um pouco, ou a totalidade, a sua organização inicial.

4.2.2.1.4 – Fase 1 (construção)

Esta fase, como já foi referido anteriormente (secção 4.2.1.1.4), é composta pelas seguintes unidades estratigráficas: 441, 442, 448 e 451.

Como é possível verificar no Gráfico 17, nesta fase apenas estão presentes restos de duas espécies: de aves e de coelho. É de referir que, relativamente à quantidade de restos nesta fase, é apenas vestigial (verificar as quantidades de cada unidade desta fase na secção 4.2.1.1.4). Quanto à interpretação destes restos, pode-se apontar para um carácter intrusivo destas espécies, podendo estes restos, já se encontrarem presentes nos sedimentos aquando da construção do monumento.

4.2.2.2 – Análise espacial vertical

A esta análise, correspondem os gráficos 24 e 25. Nestes estão representados vários espaços que compõem o sepulcro 2 e a distribuição dos restos de acordo com as suas cotas.

De acordo com Gráfico 18, verifica-se que a maioria dos restos se localiza entre as cotas 232,6 e 233,2. Neste gráfico, é possível observar uma grande quantidade de restos de coelho no átrio e na câmara, que possuem cotas bastante próximas. Ainda sobre o átrio é possível observar que os restos de coelho entraram ou foram depositados o antes dos restos de veado, uma vez que restos de coelho apresentam cotas inferiores às do veado, não se verificando o mesmo na câmara.

Para perceber como se distribuem os outros restos, foi necessário construir um gráfico onde não constam os restos de coelho, visto que, devido à sua quantidade acabam por ocultar os outros restos. Assim, e de acordo com o Gráfico 19, observa-se uma maior dispersão dos restos presentes no átrio, quando comparados com os restos presentes na câmara. Ainda no átrio, é possível verificar que os restos que se encontram a cotas mais baixas são referentes a restos de cavalo, de bovídeos e de lebre. Os de veado encontram-se a cotas um pouco superiores. A diferença entre as cotas não é suficiente para determinar se estes restos foram depositados em momentos diferentes.

Relativamente à câmara podemos observar que os restos se encontram em cotas muito aproximadas, significando que os restos presentes tenham sido depositados durante a mesma fase de utilização, nomeadamente à fase 2 (utilizações funerárias). Para além deste último aspecto verifica-se uma concentração de restos junto ao começo da câmara, que se deve sobretudo aos restos presentes na unidade 429, onde se localizam a maior parte dos restos de veado e de cavalo, quer sejam trabalhados ou não. Os restos de suínos encontram-se bastante dispersos, não a nível de cotas, mas no espaço. Por fim, é de referir que os restos de ovicaprinos encontram-se bastante dispersos quer no espaço, quer a nível de cotas.

4.3. Observações Gerais

Em síntese, as últimas análises vieram mais uma vez confirmar as diferenças entre os dois sepulcros, a nível do número de restos presentes em cada um destes, no entanto, no que diz respeito às espécies presentes estas são semelhantes. A diferença entre os sepulcros também se reflecte nos restos trabalhados, onde estes se restringem a três táxones (cavalo, veado e suínos). No conjunto dos dois sepulcros, estão presentes 54 restos

trabalhados, sendo que a sua maioria trata-se de primeiras falanges. Estes restos distribuem-se entre os sepulcros da seguinte forma:

- 1- Sepulcro 1: 17 restos trabalhados;
- 2- Sepulcro 2: 38 restos trabalhados;

Estes restos dentro de cada sepulcro, estão distribuídos pelas diversas espécies da seguinte forma:

- 1 – Sepulcro 1: 9 restos de veado, 4 de cavalo e 3 de suínos;
- 2 – Sepulcro 2: 19 restos de veado, 17 de cavalo e 2 de suínos;

Estas diferenças, como já tinha sido apontado (secção 3.4), poderão dever-se a diferentes durações das utilizações funerárias, assim o período de utilização funerária teria sido mais longo no sepulcro 2 do que no sepulcro 1. Por outro lado esta disparidade poderá significar uma intensificação ou uma diminuição da utilização de restos faunísticos nas actividades rituais ao longo do tempo.

Um outro aspecto, que também já tinha sido apontado (secção 3.4), é o predomínio de animais selvagens em relação aos animais domésticos. Este predomínio poderá dever-se quer à intrusão de alguns animais, quer às possíveis diferenças de papéis que estes animais teriam dentro do que compõem o ritual funerário. Tendo em conta que os restos trabalhados são quase exclusivamente realizados sobre restos de animais selvagens (cavalo e veado), onde a excepção é caso dos suínos mas de uma forma pouco significativa, sendo de ressaltar que neste grupo de mamíferos verificou-se a presença de javali, colocando assim a possibilidade dos restos trabalhados serem de javali e não de porco doméstico. Isto é apontado, como já foi referido anteriormente na secção 3.1, uma vez que os restos de porco doméstico e de javali apresentam caracteres morfológicos muito semelhantes, levando a uma dificuldade em separar as duas espécies de suínos.

As espécies selvagens cuja presença nestes contextos se consideraram como sendo o resultando de deposições intencionais foram: cavalo, veado, javali e ganso-pátola, já as espécies domésticas cuja presença nestes contextos se consideraram como sendo o resultando de deposições intencionais foram: os ovicaprinos, suínos (caso a existência de porco doméstico) e bovídeos. O coelho, a lebre, a raposa e as restantes aves apresentam em algumas situações em que sua presença nos sepulcros apresenta algumas dúvidas.

Respeitante ao cavalo, com tem vindo a ser referido, está presente nestes contextos através das suas primeiras falanges, que na sua maioria se encontra trabalhada. O carácter intencional da presença deste táxon é dada como segura sobretudo pela existência dos

restos trabalhados já referidos. A dúvida que tem vindo a permanecer é em que momento estes restos teriam sido depositados, se aquando das deposições funerárias ou se num momento após integrando um ritual de oferendas. Esta dúvida tem permanecido, mesmo após a análise estratigráfica e espacial, uma vez que não foi possível reconhecer um padrão de deposição destes restos, sendo unicamente possível afirmar a sua maior concentração em momentos de utilização funerária. O não reconhecimento de um padrão claro na deposição destes restos, deverá acima de tudo à dispersão destes restos resultante dos diversos remeximentos aquando a libertação de espaço para a realização de outras deposições funerárias e de rituais de oferendas.

Para o veado, ocorre a mesma situação que foi descrita para os restos de equídeo, mas é de referir que no sepulcro 2, se registou para além das falanges trabalhadas a presença de outros elementos anatómicos, onde se inclui uma haste. Esta haste encontra-se na unidade 429, onde se registou uma fase intensa de utilização funerária, integrada numa grande concentração de restos faunísticos e restos humanos. Nesta grande concentração, a haste pode ser associada a restos trabalhados, quer de veado, quer de cavalo. A haste encontra-se sobre uma grande concentração de restos humanos, levando assim à possibilidade de que os restos faunísticos presentes na grande concentração tenham sido depositados após as deposições humanas, pertencendo assim a um ritual de oferendas. Em relação a esta grande concentração, é de referir que é neste contexto onde se encontra o resto de ganso-patola, sendo esta ave, devido ao seu modo de vida marinho se considera que a sua presença nos contextos funerários se deve à mão do Homem (as hipóteses de interpretação deste restos, já foram referidos anteriormente na secção 3.3.2.).

No caso dos coelhos, das lebres, estão bem representadas quer no sepulcro 1, quer no sepulcro 2. Nestes dois sepulcros, principalmente no sepulcro 2, estas espécies apresentam as suas maiores concentrações durante as fases de utilização funerária. Os restos presentes nos sepulcros, no geral estão presentes elementos de todas as divisões do esqueleto. A nível de idade à morte, estes apresentam uma heterogeneidade, onde se verificou a presença desde recém-nascidos a adultos, aproximando-se assim de uma amostra mais representativa do meio natural, do que de uma selecção intencional humana. Todos estes dados apontariam para uma presença deste animal nestes sepulcros de carácter intrusivo, porém, existem outros dados que apontariam para uma presença intencional, tais como: as já referidas as grandes concentrações em fases funerárias, o não registo de tocas, embora podendo estas não se terem conservado por razões tafonómicas e de alguns restos de coelho apresentarem vestígios de ocre. Com este cenário, admite-se a possibilidade de alguns dos restos de coelho terem sido intencionalmente depositados integrando os rituais

funerários e de outros serem referentes a intrusões contemporâneas às fases de utilização funerária, sendo estes restos posteriormente remexidos e dispersos aquando das várias reutilizações funerárias.

No caso da raposa, como já foi referido, os restos referentes a este animal, a sua maioria está presente no sepulcro 1, sendo que, estes compõem, no total, um esqueleto semi-completo apresentando um membro anterior em conexão anatómica na unidade 136, estando os outros restos que compõem este esqueleto presentes em unidades mais recentes. As reticências em considerar estes restos como intrusões é sobretudo por se encontrar um membro em conexão anatómica e por se encontrar numa fase de utilização funerária, porém os restos não apresentam quaisquer marcas de origem antrópica. Assim para esta espécie, não se coloca nenhuma das hipóteses de lado, ou seja, este animal poderá tratar-se de uma deposição intencional sendo posteriormente parcialmente remexida por agentes tafonómicos, onde se inclui a acção humana aquando de libertação de espaço para a realização de novas deposições, deixando parte do esqueleto sem afectação, porém a presença destes restos poderá dever-se a um carácter intrusivo, sendo posteriormente afectado pelos agentes tafonómicos referidos anteriormente.

No caso dos oviceprinos e dos suínos, os quais estão presentes nestes contextos com uma representatividade anatómica bastante limitada, sobretudo através de dentes, estes poderão ter sido depositados em dois momentos distintos nas fases de utilização funerária. Um primeiro momento poderá ter sido aquando das deposições dos restos humanos ou num segundo momento após as deposições funerárias, integrando assim um ritual de oferendas. Quaisquer que sejam os momentos de deposição destes restos, estes terão sido dispersados aquando da libertação de espaço para novas práticas funerárias.

Relativamente aos bovídeos, como se tem verificado ao longo deste trabalho, apresentam uma presença quase vestigial, embora possam estar restos pertencentes a este grupo na categoria geral de macromamíferos. A interpretação destes restos é difícil devido à sua escassez, não permitindo verificar um padrão reconhecível das suas deposições. Assim, permanece a dúvida do momento das deposições destes restos, de igual forma à que se tem verificado para as diversas espécies descritas até a este momento.

Para finalizar, as restantes espécies, onde se incluem os roedores, as aves, o texugo, gato selvagem, anfíbios e reptéis, não apresentam dúvidas do seu carácter intrusivo.

5 – DISCUSSÃO

Os estudos sobre restos faunísticos de contextos Pré-históricos, na Península Ibérica, têm-se concentrado principalmente sobre questões relacionadas com estratégias de subsistência, onde se inclui as questões sobre o processo domesticação e sobre questões relativas a ambiente. Estes restos faunísticos são encontrados essencialmente em contextos considerados domésticos e funerários, onde normalmente a sua presença é interpretada como tendo na sua origem actividades económicas, factores naturais e processos pós-deposicionais (Weiss-Krejci, 2004).

Na Península Ibérica, entre Neolítico e o Calcolítico, os contextos onde se encontram restos faunísticos são desde grutas, hipogeus, dólmenes, *Tholoi*, fossas, fossos e silos. Nestes contextos por vezes é possível encontrar enterramentos ou deposições de restos humanos de diversos indivíduos, cujos esqueletos se encontram desarticulados, incompletos e bastante fragmentados em associação a restos de animais (Weiss-Krejci, 2004).

A presença de restos de animais em contextos funerários pode ter diversas origens:

- 1 – Com origem na acção humana desde a caça, criação, alimentação de determinadas espécies que seriam depositados posteriormente neste tipo de contextos;
- 2 – Através dos próprios modos de vida dos animais;
- 3 – Através da acção predatória de outros animais.

Tendo em conta estes factores e também a distribuição de determinadas espécies, é possível sugerir que alguns animais teriam um papel simbólico/religioso (Weiss-Krejci, 2004).

Nos contextos funerários da Península Ibérica, desde o Neolítico até ao Calcolítico, os restos faunísticos surgem na maioria dos casos desarticulados, fragmentados e remexidos. Estes aspectos devem-se sobretudo aos sucessivos usos destes contextos, resultante das sucessivas deposições de restos humanos, da acção dos animais e estarem integrados em solos ácidos (Weiss-Krejci, 2004).

Segundo a compilação de sítios na Península Ibérica com associações de restos humanos com restos faunísticos, desde o Neolítico até ao Calcolítico, realizado por Weiss-Krejci, para o Neolítico Antigo temos restos de animais não trabalhados de ovicaprinos, coelho, bovídeos, suínos depositados junto a um esqueleto feminino na base da camada do neolítico antigo no fosso de La Lámpara (Sória, Castilla e León), ainda refere que Liseau e Montero sugerem que alguns dos restos faunísticos possam ter um significado simbólico (Weiss-Krejci, 2004).

Entre o Neolítico Antigo e Pleno, temos restos humanos associados a restos faunísticos na Gruta do Caldeirão (Tomar, Santarém), neste caso relativamente às espécies presentes nesta gruta eram na sua maioria de coelho, alguns eram de javali, bovídeos, veado, ovicaprinos castor, gato-selvagem, lince, répteis e aves. Os restos de animais presentes nas grutas, anteriormente referidas, nas quais se registaram enterramentos humanos, até ao momento apenas foram interpretados através de uma perspetiva económica.

Na Catalunha estas associações também ocorrem durante o Neolítico Antigo. Numa fossa em Sant Pau del Camp (Catalunha) foram encontrados dois ovicaprinos jovens articulados. Na Cova dels Avellaners (Catalunha) foram encontrados restos humanos associados a extremidades de membros de suíno e de ovicaprino, um crânio de porco e uma mandíbula de lince. Estes restos permitiram a Bosch determinar que alguns destes restos teriam um valor simbólico (Weiss-Kerjci, 2004).

Para o Neolítico médio de Portugal, as associações de restos de animais a restos humanos foram registadas na Gruta da Goldra (Faro), onde verificou a presença restos humanos de 7 indivíduos e restos de suínos, bovídeos, canídeos, ovicaprinos, coelhos e aves, já na Gruta Lugar do Canto (Rio Maior) apenas são conhecidos os restos de veado. Em Espanha temos outros locais com o mesmo tipo de associações como: a Cova dels Diablets (Castellón), Cueva de Nerja (Málaga), no Dólmen de Azutàn (Toledo) a nível de restos faunísticos registou-se a presença do coelho, ovicaprinos, bovídeos, raposa e cavalo. Estes restos faunísticos, apesar de se encontrarem associados a restos humanos, foram considerados como sendo resultado de agentes tafonómicos (Weiss-Krejci, 2004).

Durante a transição do Neolítico Recente para o Calcolítico, na mesma compilação de Weiss-Krejci é referido, que neste período as associações de restos humanos com restos faunísticos torna-se uma evidência mais frequente. Em território espanhol temos os seguintes locais: gruta de El Pirulejo (Córdoba), gruta de Abric de L' Escurrupeña (Alicante) e no dólmen de Soto I (Huelva). Já em Portugal o mesmo tipo de associações foi registado no hipogeu de Monte Canelas I (Portimão), em Alcalar I (Portimão), Pedra Escorregadia (Vila do Bispo) e no Algar do Barrão (Alcanena) (Weiss-Krejci, 2004). Durante o Calcolítico estas associações são mais frequentes, em Portugal é possível verificar associações de restos humanos a restos de animais nos seguintes sítios: Gruta Casa da Moura (Óbidos), Moinho da Moura (Leceia), Lapa do Bugio (Sesimbra), Lapa do Fumo (Sesimbra), Castelo Velho (Vila Nova de Foz Côa), Buraca dos Mouros (Alto Ribatejo), Alcalar VII (Portimão), já em Espanha estas associações ocorrem em La Pijotilla (Badajoz), Los Millares (Almería), Cueva de Malamuerzo (Granada), El Tajillo del Moro (Málaga), Cueva de Nerja (Málaga), Cueva Sagrada I (Lorca), Cova Santa (Valencia),

Cueva de las Mulatillas (Valencia), Cova dels Diablets (Castellón), Cueva del Abrigo I de las Peñas (Castellón), Cova del Frare (Barcelona), Cueva I de Solá de la Vila de Pardell (Bajo Priorato), Cova Cerveta (Terragona), Pico Ramos (Biscay), Dólmen de Kurtzebide (Álava), Cueva Gobaederra (Álava) e Juan Barbero (Tielmes) (Weiss-Kerjeci, 2004).

Apesar da grande quantidade de sítios, onde se registaram associações de restos humanos a restos faunísticos, estes não permitem chegar as conclusões claras sobre estas evidências. Uma vez que na sua maioria apenas é realizada a identificação das espécies, desconhecendo-se assim outros aspectos como a sua distribuição, questões tafonómicas e se os restos apresentam marcas de origem antrópica.

Os sítios que apresentam um maior detalhe na informação sobre este tipo de associações são os povoados Calcolíticos de El Trobal (Jerez de la Frontera), La Acalabaza (Sevilla), La Pijotilla (Badajoz), Polideportivo de Martos (Jaén) e Camino de las Yeras (San Fernando de Henares).

Em El Trobal (Jerez de la Frontera) onde se registou uma fossa com restos humanos de três indivíduos, que estavam depositados em círculo e no centro se encontrava uma acumulação de restos de animais de suínos e ovicaprinos, que alguns dos quais apresentavam os seus crânios com orientações opostas uns aos outros (Márquez Romero, 2004). Neste caso não é referido a quais espécies apresentavam esses mesmos crânios, quais os outros elementos anatómicos presentes e o seu número mínimo de indivíduos. No caso de La Acalabaza em Valencina de la Concepción (Sevilla), foi registado uma deposição de restos humanos, pertencentes a 7 indivíduos em associação a mandíbulas de suínos, hastes de veado e restos de cães (Márquez Romero, 2004). Neste caso não é referido a disposição dos restos humanos, nem dos restos faunísticos, não são referidos quais são os elementos anatómicos referentes aos cães, o número mínimo de indivíduos das diversas espécies presentes e nem é referido a sua distribuição espacial. No caso de Pijotilla registou-se um cão depositado num silo (Weiss-Kerjeci, 2004).

No caso do Polideportivo de Martos (Jaén) é de referir a existência nos silos XIb, XV, XVb e XVI de cães que tinham sido depositados ainda com carne, onde não se registaram evidência que a morte destes animais fosse devido a causas não naturais e a sua deposição assemelha-se às deposições dos restos humanos. A nível de restos no Polideportivo de Martos é também de referir que os restos de ovicaprinos são superiores aos dos bovídeos, porém verifica-se um tratamento ritual diferenciado entre os bovídeos e os ovicaprinos, como exemplo deste facto é a presença de um crânio cujos cornos foram afeiçoados. A interpretação destes restos é justificada pela diferenciação de classe social, onde o controlo do gado bovino é atribuído a classes sociais altas que detinham o con-

trola dos terrenos para criação de gado. Ainda neste povoado é de registar que os restos de cães são interpretados como sendo deposições intencionais que teriam morrido em caçadas ou na defesa dos rebanhos de predadores, esta interpretação é realizada tendo por base a existência de uma deposição de uma cabeça de javali associado a crânios de cães que parecem observar o crânio de javali, no complexo estrutural XIIb. (Camára Serrano *et al*, 2008). Ainda sobre este povoado, Weiss-Kerjci, coloca a questão se os ovicapríinos, que é a espécie dominante, possivelmente os mais consumidos, se apenas tem um significado económico ou se também teria um papel ritual diferente dos restos dos cães (Weiss-Kerjci, 2004).

No que diz respeito ao povoado de fossos de Camino de las Yeseras (San Fernando de Henares), a nível de restos faunísticos estão presentes em fossos, fundos de cabanas e estruturas funerárias (Liesau *et al*, 2008). No Camino de las Yeseras, registaram-se a presença de 8 crânios de cão em conexão anatómica com as primeiras vértebras cervicais, sendo que 6 destes foram depositados formando um semicírculo no fundo de um fosso, os restantes crânios encontravam-se no mesmo plano e no lado oposto do fosso. Para além destes restos também foi registado uma deposição de um crânio de auroque numa fossa acompanhado de diversos materiais cerâmicos e líticos, este crânio estava orientado para zona central do povoado. Ainda sobre restos de bóvidos, foi registado a presença de um outro crânio acompanhado de restos de outros elementos anatómicos de bóvidos, cavalo e de cães.

Na zona sul deste povoado verificou-se a presença, no mesmo horizonte dos restos referidos anteriormente, diversos restos de partes dianteiras e traseiras de bóvidos que eram acompanhados de outros restos de animais. No que diz respeito a contextos funerários, registou um enterramento de uma criança entre os 2 e 3 anos em fossa, ao qual estavam associados restos de animais. Os restos faunísticos deste contexto funerário dizem respeito quer a animais domésticos, quer a animais selvagens. No lado esquerdo do esqueleto da criança encontrava-se um esqueleto incompleto de um cão, entre o esqueleto de cão e da criança estavam presentes restos de um ovicapríno bastante dispersos, por baixo do esqueleto de cão encontrava-se restos de fetos de suínos e restos de um corvo com as asas estendidas por baixo dos pés do enterramento humano (Liesau *et al*, 2008).

No interior dos Perdigueiros também se registaram contextos funerários semelhantes ao de Camino de las Yeseras, enterramentos em fossa com a associação de restos faunísticos. Na sondagem I2 registou-se duas fossas (fossas 7 e 11) que continham no seu conjunto enterramentos humanos em conexão anatómica de cerca de cinco ou seis indivíduos em associação a dois membros de suínos em conexão anatómica. (Valera, 2008; Godinho, 2008; Moreno-García e Cabaço, 2009).

Em todos os casos referidos anteriormente tratam-se de contextos no interior dos sítios arqueológicos, que na sua maioria apresentam restos faunísticos articulados e não se verificou a presença de restos trabalhados. Por tal é difícil encontrar contextos semelhantes aos que são tratados neste trabalho, uma vez que, apesar de serem contextos funerários, estes localizam-se quase no exterior do recinto, tratam-se de dois sepulcros e o restos humanos e faunísticos encontram-se desarticulados.

Tendo em conta os contextos funerários que contêm restos faunísticos do Polideportivo de Martos, Camino de las Yeseras e das fossas no interior dos Perdigões pode-se colocar a possibilidade de alguns restos faunísticos presentes nos sepulcros 1 e 2 tenham, num primeiro momento, sido depositados juntamente com a deposição de restos humanos em fossas no interior do recinto, mantendo assim as conexões anatómicas que, num segundo momento, aquando da trasladação dos restos humanos para os sepulcros, iriam também os restos faunísticos presentes nessas mesmas fossas perdendo assim as suas conexões anatómicas.

No que diz respeito aos restos faunísticos trabalhados, uma vez que não se registou a sua presença nos contextos funerários no interior dos povoados referidos anteriormente, torna possível a hipótese de que estes restos seriam depositados nos sepulcros num momento após da trasladação dos restos humanos, integrando assim rituais de oferendas em conjunto com as cerâmicas e artefactos líticos. Porém não é de excluir a hipótese, de que nestes rituais de oferendas tenham sido incluídas deposições de restos faunísticos não trabalhados.

Relativamente aos restos trabalhados presentes nos sepulcros 1 e 2 dos Perdigões é de relembrar, que se verificou que estes eram realizados sobre cavalo, veado e de suínos. A nível anatómico estes eram realizados exclusivamente sobre as primeiras falanges, para os casos do cavalo e do veado, enquanto nos suínos verificou-se que para além das primeiras falanges também foi utilizado um metatarso. Estes variam nas quantidades entre os sepulcros e também variam no número de restos trabalhados entre cada espécie (secção 4.3 deste trabalho). Onde predominam os restos trabalhados realizados sobre veado e cavalo e que a sua maioria se encontra no sepulcro 2. Assim verifica-se as seguintes diferenças entre os dois sepulcros:

- 1) Verifica-se uma diferença no número de restos trabalhados presentes em cada sepulcro;
- 2) Verifica-se uma maior quantidade destes sobre restos de animais selvagens em relação aos que são sobre animais domésticos.

A primeira diferença poderá dever-se a um maior período de utilização funerária no sepulcro 2 em relação ao sepulcro 1. Esta diferença, bem como a diferença no número total de restos recolhidos em cada sepulcro, poderá dever-se a uma intensificação ou uma diminuição da integração de animais nos rituais funerários. Para confirmar esta última hipótese seria necessário saber qual dos sepulcros teria sido utilizado em primeiro lugar.

Para a segunda diferença verificada, poderá estar relacionada com a importância económica das diversas espécies. Assim teríamos ainda uma grande importância da caça para a comunidade dos Perdigões. Esta diferença também poderá estar ligada com as características morfológicas dos restos de cada espécie, tornando-os mais ou menos propícios à sua utilização como Ídolos. Porém é de verificar que a existência de ídolos realizados sobre suínos, que comparados com os restos de bóvidos (nos quais não se verificou nenhum resto trabalhado) são de menores dimensões e menos resistentes, este aspecto reforça a intencionalidade na escolha de determinadas espécies para a realização destes artefactos. Mas para estas hipóteses sejam confirmadas é necessário conhecer quais as espécies presentes noutros contextos dos Perdigões e a sua representatividade.

No que diz respeito às espécies presentes, nos vários contextos funerários, estas são muito semelhantes às que foram registados nos sepulcros dos Perdigões. A dúvida que foi apresentada ao longo do presente trabalho, se alguns dos restos de coelho, lebre, raposa e aves (com a excepção do Ganso Patola) seriam ou não intrusões, não é inédita uma vez que na gruta de Picos Ramos (no país basco), também se registou essa mesma dúvida, uma vez que foram registados restos de gato selvagem, castor, lebre e aves associados a restos humanos (Weiss-Krejci, 2004). Nesta gruta ainda foram recuperados restos de espécies que sem dúvida a sua presença se deve à acção humana, estas são: ovicaprinos, bóvidos e suínos, para além destes foram recuperados, em camadas remexidas, restos de cão, veado e coelho e por fim foram recuperados de raposa e rato-de-água em níveis anteriores aos que se registaram a utilização funerária (Weiss-Krejci, 2004).

No caso dos Perdigões, quanto aos restos de coelho, lebre (onde alguns restos apresentavam vestígios de ocre) e aves, esta dúvida depreende-se sobretudo com o sepulcro 2 uma vez que este sepulcro durante um momento das fases de utilização tinha uma laje que encerraria o corredor do átrio, isolando assim a câmara do exterior, o que limitaria a entrada de animais neste espaço. Esta laje num momento posterior, ainda durante as utilizações funerárias terá caído, desconhecendo-se se essa queda terá sido originada de forma intencional ou não, teria assim permitido o acesso à câmara desde o exterior, permitindo assim a entrada de animais nesse espaço. Porém é de salientar que as práticas funerárias continuaram após a queda dessa mesma laje, pressupondo assim um segundo encerramento na

entrada do átrio e que a câmara teria uma utilização secundária, (possivelmente depois de um esvaziamento da mesma), numa fase posterior aos contextos preservados do átrio.

No que diz à raposa essa dúvida é sobretudo, no sepulcro 1, à sua inserção num momento de utilização funerária, e por parte desses se encontrarem em conexão anatómica, indicando assim a sua posição primária.

A possibilidade de os restos de coelho e de lebre fazerem parte de rituais funerários é apontada para outros casos como os de Pedra Escorregadia, o Dólmen de Soto I, Pirullejo, Cueva del Abrigo I de las Peñas, todos estes durante o Neolítico. Para o Calcolítico os restos de coelho surgem numa maior quantidade e associados a outras espécies especialmente a bovídeos e a ovicaprinos, como nos casos do *Tholos XXI* de Los Millares, Cueva Sagrada I, Cova Santa, El Tajillo del Moro. Já as restantes espécies como bovídeos, ovicaprinos e suínos, em especial os suínos, a sua presença, quando comparada com a do coelho, é rara.

No caso dos suínos a sua presença é dada sobretudo pela presença de partes de mandíbulas, dentes e presas de javali, como são os casos de Cueva de Nerja em Espanha e Lapa do Bugio em Portugal (Weiss-Krejci, 2004). Este aspecto também foi verificado nos sepulcros 1 e 2 dos Perdígões. Devido à frequente presença e à grande quantidade de restos de coelho e de lebre é apontada a possibilidade de que os restos destes táxones poderão conter um carácter intencional, como um símbolo de fertilidade devido à sua capacidade reprodutora (Weiss-Krejci, 2004). Porém a sua elevada frequência e a sua grande quantidade em contextos arqueológicos não são por si sós indicadores dessa intencionalidade, para estes casos será necessário ter em conta outros aspectos como questões tafonómicas, a presença de marcas de origem antrópica e a sua distribuição espacial nos contextos onde se encontram inseridos.

Quanto à presença de aves em contextos funerários é de referir que no povoado Camino de las Yeseras, se verificou uma deposição de um corvo associado a um enterramento de uma criança. Podendo assim referir que os rituais funerários não se restringiam apenas a mamíferos mas também a aves. Este aspecto também se verificou nos sepulcros dos Perdígões, onde se registou a presença de restos de aves, porém o único resto que se pode apontar com total segurança para a sua presença se dever a um carácter intencional diz respeito a um ganso-patola, visto esta ser uma ave marinha. Embora sendo apenas um resto pode-se colocar a seguinte hipótese já anteriormente apontada, quando é de novo relembrada.

Considerando que, a este resto é atribuído um significado simbólico/religioso, sendo este resto usado como acessório religioso (Gourichon e Cardoso, 1995), poderemos estar

perante uma deposição de restos humanos de um indivíduo seria como um líder espiritual da comunidade que habitava os Perdigões, ou por outro lado poderá significar que nos sepulcros, nomeadamente no sepulcro 2, teremos a presença de indivíduos exteriores aos Perdigões, oriundos de zonas costeiras.

É ainda de referir é a quase ausência de restos de cão nestes dois sepulcros, contrastando assim a sua abundância noutros contextos funerários, nomeadamente com os de Polideportivo de Martos e de Camino de las Yeseras. Esta ausência poderá dever-se a uma diferenciação de ritualização desta espécie, reflectindo assim uma relação entre o Homem e esta espécie diferente das restantes espécies presentes nos sepulcros. Este ponto é suportado pela presença de crânios de canídeos no interior dos fossos do Perdigões, aquando dos trabalhos arqueológicos em 2008 (Valera, 2008a).

Por fim, é de referir que a utilização de restos faunísticos em rituais funerários nos sepulcros dos Perdigões é efectiva. A utilização de animais neste tipo de contextos poderá assim reflectir uma representação do mundo que rodeia estas comunidades, representando assim o mundo natural, o ambiente doméstico e mundo simbólico/religioso durante o processo pós-morte.

Tendo em conta os diversos dados que foram apresentados ao longo deste trabalho, a presença de restos de animais teria um papel importante quer no momento da deposição de restos humanos, quer no momento após dessas mesmas deposições (rituais de oferendas). Este papel poderá ter por base o modo de vida que estas comunidades adoptariam, reflectindo assim a sua visão do mundo que os rodeava, as suas necessidades e os seus sistemas de crenças simbólico/religiosas, ainda em vida. As diferenças existentes entre os diversos contextos, apresentados anteriormente, poderão assim reflectir os diferentes modos de vida, logo diferentes visões do mundo, levando a diferentes escolhas de determinadas espécies em cada ritual, podendo a mesma espécie, ou um ritual com características semelhantes, ter um significado diferente em cada um dos contextos.

É de relembrar que o intuito deste trabalho é sobretudo caracterizar as espécies presentes nos sepulcros em questão. Assim o papel, o significado, o real sentido da presença de animais só poderá ser construído de uma forma mais consistente quando for possível iniciar as comparações das faunas presentes nos restantes contextos dos Perdigões.

Bibliografia

- Almeida, N. F.; Almeida, P. F.; Sequeira, J.; Teixeira, J.; Almeida, F. F. (2001) – *Guia FAPAS, Anfíbios e Répteis de Portugal*. FAPAS e Câmara Municipal do Porto.
- Barone, R. (1986) - *Anatomie comparée des mammifères domestiques. Tome 1 Osteologie*. Paris: Vigot Freres (3^a ed.).
- Boessneck, J. (1969) - Osteological differences between sheep (*Ovis aries* L.) and goat (*Capra hircus* L.). In D. Brothwell e E.S. Higgs [eds.], *Science in Archaeology*, pps 331-358. Thames and Hudson, London.
- Cámara Serrano, J.; Lizcano Prestel, R.; Pérez Bareas, C.; Del Toro, E. (2008) - “Apropia-
ción, sacrificio, consumo y exhibición ritual de los animales en el Polideportivo de Mar-
tos. Sus implicaciones en los orígenes de la desigualdad social” in *Cadernos de Prehisto-
ria y Arqueología de la Universidad de Granada*. 18, pps 55 – 90.
- Cardoso, J.L (1995) – Os Ídolos-falange do Recinto Pré-histórico de Leceia (Oeiras).
Estudo comparado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 5, Oeiras, pp.213-232.
- Driesch, A.v.d. (1976) - *A guide to measurement of animal bones from archaeological
sites*. Peabody Museum Bulletin, Harvard.
- Duarte, C.; Evangelista, L.; Lago, M.; Valente, M. J.; Valera, A. (2004) – Animal remains
in Chalcolithic funerary context in Portugal: the case of Perdigões (Reguengos de Mon-
saraz, Alentejo). In *Animais na Pré-história e Arqueologia da Península Ibérica. Actas do
IV congresso de arqueologia peninsular*, Faro pps. 47-55.
- Evangelista, L. (2003) - *O complexo arqueológico dos Perdigões e a construção da pai-
sagem em Reguengos de Monsaraz*. Dissertação de Mestrado, Porto.
- Godinho, R. (2008) - Deposições funerárias em fossa nos Perdigões: dados antropoló-
gicos do Sector I. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 3, Lisboa, Nia-ERA, p.
29-34.
- Gourichon, L.; Cardoso, J.L (1995) – L’Avifune de L’Habitat Fortifié Chacolitique de
Leceia (Oeiras, Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 5, Oeiras, pp. 165-186.
- Grant, A. (1982) - The use of tooth wear as guide to the age of domestic ungulates. In
B.Wilson, C. Grigson e S. Payne [eds.] *Ageing and sexing animal bones from archaeo-
logical sites*, pps 91-108. BAR British Series, Oxford.

Grayson, D. K. (1984) - *Quantitative zooarchaeology: topics in the analysis of archaeological faunas*. Academic Press, Orlando, Florida, London.

Hatting, T. (1995) - Sex-related characters in the pelvic bone of domestic sheep (*Ovis aries* L.). *Archeofauna*. 4. Madrid, pp. 408-412.

Ingold, T. (1989) – *What is an Animal?* Academic Division of Unwin Hyman Ltd, London.

Jones, E. L. (2006) - Prey choice, mass collecting, and the wild European rabbit (*Oryctolagus cuniculus*). *Journal of Anthropological Archaeology*. 25, pp. 275–289.

Lago, M. (1997) - Intervenção de emergência no Recinto dos Perdigões (Relatório) – policopiado.

Lago, M.; Duarte, C; Valera, A.; Albergaria, J.; Almeida, F.; Carvalho, A. (1998) –Recinto dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos realizados em 1997., *Revista de Arqueologia. Volume 1. Número 1*. pps 45-152 Lisboa.

Lago, M.; Jacinto, M.; Evangelista, L. (2005) - PNTA/2002 - Ambientes Funerários no Recinto dos Perdigões II (Relatório de escavação) - policopiado.

Liseau, C.; Blasco, C.; Rios, P.; Veja, J.; Mendiña, R.; Francisco Blanco, J.; Baena, J.; Herrera, T.; Petri, A.; Luis Gómez, J. (2008) – Un espacio compartido por vivos y muertos: El poblado calcolítico de fossos de Camino de las Yeseras (San Fernando de Henares, Madrid). *Complutum*. Madrid, 19 (1), pp. 97-120.

Lyman, R. L. (2008) – *Quantitative Paleozoology*. Manuals in Archaeology, Cambridge Press.

Macdonald, D.; Barret, P. (2000) – *Guia FAPAS, Mamíferos de Portugal e Europa*. FAPAS e Câmara Municipal do Porto.

Moreno-García, M. (2002); Estudo Arqueozoológico dos restos faunísticos do Recinto Calcolítico do Mercador, Mourão, *Trabalhos do CIPA n°56*, Lisboa.

Moreno-García, M., Pimenta, C. M., Davis, S., Gabriel, S. (2003) - A osteoteca: uma ferramenta de trabalho. In Mateus, J. E.; Moreno-García, M., (eds.) *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*. Trabalhos de Arqueologia 29. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.

Moreno-García, M; Cabaço, N. (2009) - Restos Faunísticos em contexto Funerário: Fossas 7 E 11 dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz). *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 4, Lisboa, Nia-ERA, p. 11-14.

- Mullarney, K.; Svensson, L.; Zetterström, D.; Grant, J. (1999)- Bird Guide, The most complete field guide to the Birds of Britain and Europe. Collins, London.
- Payne, S. (1973) - Kill-off patterns in sheep goats: mandibles from Asvan Kale. *Anatolian Studies*. 23, pp. 281-304.
- Payne, S. (1987) - Reference codes for wear states in the mandibular teeth of sheep and goats. *Journal of Archaeological Science*. 14, pp. 609-614.
- Payne, S.; Bull, G. (1988).—Components of variation in measurements of pig bones and teeth, and the use of measurements to distinguish wild from domestic pig remains. *Archaeozoologia*. II (1.2), pp. 27-66.
- Reitz, E. J.; Wing, E. S. (2008) – *Zooarchaeology (Second edition)*. Manuals in Archaeology, Cambridge Press.
- Rowley-Conwy, P. (1995). — Wild or domestic? On the evidence for the earliest domestic cattle and pigs in South Scandinavia and Iberia. *International Journal of Osteoarchaeology*. 5, pp. 111-126.
- Schimid, E. (1972) – *Atlas of Animals Bones for Prehistorians, Archaeologists and Quaternary Geologists*, Elsevier Publishing Company, Amsterdam-London-New York.
- Silver, I. A. (1969) - The ageing of domestic animals. In D. Brothwell and E.S. Higgs (eds.), *Science in Archaeology*, pps 283-302. Thames and Hudson, London.
- Valera, A. (2007) - Intervenção Arqueológica de 2007 no Interior do Recinto Pré-Histórico dos Perdighões (Reguengos de Monsaraz). *Apointamentos de Arqueologia e Património*, 1, Lisboa, Nia-ERA, pps. 15-22.
- Valera, A. (2008a) - Recinto Calcolítico dos Perdighões: fossos e fossas do Sector I. *Apointamentos de Arqueologia e Património*, 3, Lisboa, Nia-ERA, pps. 19-27.
- Valera, A. (2008b) - Mapeando o Cosmos. Uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-História Recente. *Era Arqueologia*, 8, Lisboa, Era-Arqueologia/Colibri pps. 112-127.
- Valera, A., Duarte, C.; Lago, M. (1999) - PNTA/99 - Ambientes Funerários no Recinto dos Perdighões (Relatório) – policopiado.
- Valera, A. (2007)- PNTA/2007 - Metalurgia no Complexo Arqueológico dos Perdighões (Relatório) – policopiado.

Valera, A.; Lago, M., (2001) - PNTA/99 - Ambientes Funerários no Recinto dos Perdígões (Relatório) – policopiado.

Valera, A.; Lago, M., (2002) - PNTA/99 - Ambientes Funerários no Recinto dos Perdígões (Relatório) – policopiado.

Valera, A.; Lago, M., (2003) - PNTA/2002 - Ambientes Funerários no Recinto dos Perdígões II (Relatório de escavação) - policopiado.

Valera, A.; Lago, M., (2004) - PNTA/2002 - Ambientes Funerários no Recinto dos Perdígões II (Relatório de escavação) - policopiado.

Valera, A.; Lago, M.; (2000) - PNTA/99 - Ambientes Funerários no Recinto dos Perdígões (Relatório) – policopiado.

Valera, A.; Lago, M.; Duarte, C. e Evangelista L.S (2000) - Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdígões: uma análise preliminar no contexto de práticas funerárias calcolíticas na Alentejo. *Era Arqueologia*, 2, Lisboa, Era-Arqueologia/Colibri pps. 84-105.

Valera, A.; Lago, M.; Duarte, C.; Dias, M.^a I. e Prudêncio, M.^a I. (2007) - “Investigação no complexo arqueológico dos Perdígões: ponto da situação de dados e problemas”, *Actas do IV Congresso da Arqueologia Peninsular*, Faro (2004) pps. 53-66.

ANEXOS

| Espécies | NRD | % ⁽¹⁾ | % ⁽²⁾ | NMI |
|---------------------------------------------------------------------------|-------------------|------------------|------------------|------------|
| MAMÍFEROS | | | | |
| Cavalo, <i>Equus sp.</i> | 28 (3) | 1,9 | 2,5 | 8 |
| Veado, <i>Cervus elaphus</i> | 37 | 2,5 | 3,3 | 6 |
| Vaca, <i>Bos taurus</i> | 6 (1) | 0,4 | 0,5 | 2 |
| Cabra, <i>Capra hircus</i> | 1 | 0,1 | 0,1 | 1 |
| Ovicaprinos, <i>Ovis/Capra</i> | 23 (14) | 1,6 | 2,1 | 4 |
| Porco/Javali; <i>Sus sp.</i> | 53 (21) | 3,6 | 4,8 | 6 |
| Coelho, <i>Oryctolagus cuniculus</i> | 676 (221) | 46,3 | 60,8 | 38 |
| Lebre, <i>Lepus sp.</i> | 59 (7) | 4 | 5,3 | 6 |
| Lagomorpha | 19 (5) | 1,3 | 1,7 | 3 |
| Cão/Lobo, <i>Canis sp.</i> | 2 | 0,1 | 0,2 | 1 |
| Raposa, <i>Vulpes vulpes</i> | 164 (10) | 11,2 | 14,7 | 3 |
| Texugo, <i>Meles meles</i> | 2 | 0,1 | 0,2 | 1 |
| Gato selvagem, <i>Felis silvestris</i> | 2 | 0,1 | 0,2 | 1 |
| Carnívoros | 6 (1) | 0,4 | 0,5 | |
| Rato-do-Campo, <i>Apodemus sylvaticus</i> | 3 (1) | 0,2 | 0,3 | 2 |
| Rato-dos-prados-mediterrânico, <i>Microtus (Pitymys) doudecimcostatus</i> | 5 (3) | 0,3 | 0,4 | 1 |
| <i>Eliomys s.p</i> | 22 (3) | 1,5 | 2 | 5 |
| <i>Mus s.p</i> | 4 (1) | 0,3 | 0,4 | 1 |
| Total Mamíferos identificados | 1112 (291) | 76,2 | 100 | 89 |
| Macromífero | 12 (3) | 0,8 | | |
| Mesomamífero | 33 (1) | 2,3 | | |
| Micromamífero | 267 (38) | 18,3 | | |
| Total Mamíferos não determinados | 312 (42) | 21,4 | | |
| TOTAL MAMÍFEROS | 1424 (333) | 97,6 | | |
| AVES | | | | |
| Sisão, <i>Tetrax tetrax</i> | 2 | 0,1 | | 2 |
| <i>Turdidae s.p</i> | 3 | 0,2 | | 1 |
| Esmerilhão, <i>Falco columbarius</i> | 1 | 0,1 | | 1 |
| Ganso-patola ou Alcatraz, <i>Morus bassana</i> | 1 | 0,1 | | 1 |
| Perdiz, <i>Alectoris rufa</i> | 7 | 0,5 | | 5 |
| Não determinado | 12 | 0,8 | | |
| TOTAL AVES | 26 | 1,8 | | 10 |
| RÉPTEIS | | | | |
| <i>Colubridae s.p</i> | 2 | 0,1 | | 2 |
| Não determinado | 2 | 0,1 | | |
| TOTAL RÉPTEIS | 4 | 0,2 | | 2 |
| ANFÍBIOS | | | | |
| Sapo-de-unha-negra, <i>Pelobates cultripes</i> | 1 | 0,1 | | 1 |
| Não determinado | 4 | 0,3 | | |
| TOTAL ANFÍBIOS | 5 | 0,3 | | 1 |
| TOTAL RESTOS ANALISADOS | 1459 (333) | 100 | | 102 |

Tabela 1 – Número total de restos e Número Mínimo de Indivíduos geral

¹- Sobre o total de restos;

²- sobre número total de restos de mamíferos determinados, NRD – Número de Restos Determinados, NMI – Número Mínimo de Indivíduos os valores entre parêntesis são relativamente ao número de dentes já incluído no número total (ex. quando surge 1459 (333), deve-se ler da seguinte forma, 1459 restos que dos quais 333 são dentes);

| Espécies | NRD | % ⁽¹⁾ | % ⁽²⁾ | NMI |
|-------------------------------------------|-----------------|------------------|------------------|-----------|
| Mamíferos | | | | |
| Cavalo, <i>Equus sp.</i> | 5 | 1,4 | 1,8 | 2 |
| Veados, <i>Cervus elaphus</i> | 10 | 2,9 | 3,8 | 2 |
| Vaca, <i>Bos taurus</i> | 1 | 0,3 | 0,4 | 1 |
| Ovicaprinos, <i>Ovis/Capra</i> | 8 (4) | 2,3 | 3 | 2 |
| Porco/Javali; <i>Sus sp.</i> | 15 (3) | 4,3 | 5,6 | 2 |
| Coelho, <i>Oryctolagus cuniculus</i> | 48 (14) | 13,9 | 18 | 4 |
| Lebre, <i>Lepus sp.</i> | 3 | 0,9 | 1,1 | 1 |
| Lagomorpha | 1 | 0,3 | 0,4 | 1 |
| Raposa, <i>Vulpes vulpes</i> | 162 (9) | 46,8 | 60,9 | 2 |
| Carnívoros | 2 (1) | 0,6 | 0,8 | |
| Rato-do-Campo, <i>Apodemus silvaticus</i> | 2 (1) | 0,6 | 0,8 | 1 |
| <i>Eliomys s.p</i> | 5 | 1,4 | 1,8 | 2 |
| <i>Mus s.p</i> | 4 (1) | 1,2 | 1,5 | 1 |
| Mamíferos identificados | 266 (33) | 76,9 | 100 | 21 |
| Macromamíferos | 3 (1) | 0,9 | | |
| Mesomamíferos | 7 | 2 | | |
| Micromamíferos | 60 (2) | 17,3 | | |
| Total Mamíferos não indeterminados | 70 (3) | 20,2 | | |
| Total mamíferos | 336 (36) | 97,1 | | |
| Aves | | | | |
| Sisão; <i>Tetrax tetrax</i> | 1 | 0,3 | | 1 |
| <i>Turdidae s.p</i> | 3 | 0,9 | | 1 |
| Aves Indeterminadas | 4 | 1,2 | | |
| Total Aves | 8 | 2,3 | | 2 |
| Répteis | | | | |
| <i>Colobridae s.p</i> | 1 | 0,3 | | 1 |
| Répteis Indeterminados | 1 | 0,3 | | |
| Total Répteis | 2 | 0,6 | | 1 |
| Total restos | 346 (36) | 100 | | 24 |

Tabela 2 – Número total de restos e Número Mínimo de Indivíduos (Sepulcro 1)

¹-Sobre o total de restos;

²- sobre número total de restos de mamíferos determinados, NRD – Número de Restos Determinados, NMI – Número Mínimo de Indivíduos os valores entre parêntesis são relativamente ao número de dentes já incluído no número total (ex. quando surge 1459 (333), deve-se ler da seguinte forma, 1459 restos que dos quais 333 são dentes);

| Espécies | NRD | % ⁽¹⁾ | % ⁽²⁾ | NMI |
|---------------------------------------------------------------------------|-------------------|------------------|------------------|-----------|
| Mamíferos | | | | |
| Cavalo, <i>Equus sp.</i> | 23 (3) | 2,1 | 2,7 | 6 |
| Veado, <i>Cervus elaphus</i> | 27 | 2,4 | 3,2 | 4 |
| Vaca, <i>Bos taurus</i> | 5 (1) | 0,4 | 0,6 | 1 |
| Cabra, <i>Capra hircus</i> | 1 | 0,1 | 0,1 | 1 |
| Ovicaprinos, <i>Ovis/Capra</i> | 15 (10) | 1,3 | 1,8 | 2 |
| Porco/Javali; <i>Sus sp.</i> | 38 (20) | 3,4 | 4,5 | 4 |
| Coelho, <i>Oryctolagus cuniculus</i> | 628 (207) | 56,7 | 74,3 | 34 |
| Lebre, <i>Lepus sp.</i> | 55 (7) | 4,9 | 6,5 | 5 |
| Lagomorpha | 18 (5) | 1,6 | 2,1 | 2 |
| Cão/Lobo, <i>Canis sp.</i> | 2 | 0,2 | 0,2 | 1 |
| Raposa, <i>Vulpes vulpes</i> | 2 (1) | 0,2 | 0,2 | 1 |
| Texugo, <i>Meles meles</i> | 2 | 0,2 | 0,2 | 1 |
| Gato selvagem, <i>Felis silvestris</i> | 2 | 0,2 | 0,2 | 1 |
| Carnívoros | 4 | 0,4 | 0,5 | |
| Rato-do-Campo, <i>Apodemus sylvaticus</i> | 1 | 0,1 | 0,1 | 1 |
| Rato-dos-prados-mediterrânico, <i>Microtus (Pitymys) doudecimcostatus</i> | 5 (3) | 0,4 | 0,6 | 1 |
| <i>Eliomys .s.p</i> | 17 (3) | 1,5 | 2 | 3 |
| Total Mamíferos identificados | 845 (260) | 76,1 | 100 | 68 |
| Macro mamíferos | 9 (2) | 0,8 | | |
| Mesomamíferos | 25 | 2,2 | | |
| Micromamíferos | 207 (24) | 18,6 | | |
| Total mamíferos não identificados | 241 (26) | 21,7 | | |
| Total mamíferos | 1086 (286) | 97,7 | | |
| Aves | | | | |
| Sisão, <i>Tetrax tetrax</i> | 1 | 0,1 | | 1 |
| Esmerilhão, <i>Falco columbarius</i> | 1 | 0,1 | | 1 |
| Ganso-patola, <i>Morus bassana</i> | 1 | 0,1 | | 1 |
| Perdiz, <i>Alectoris rufa</i> | 7 | 0,6 | | 5 |
| Aves Indeterminadas | 8 | 0,7 | | |
| Total Aves | 18 | 1,5 | | 8 |
| Répteis | | | | |
| <i>Colobridae s.p</i> | 1 | 0,1 | | 1 |
| Répteis Indeterminados | 1 | 0,1 | | |
| Total Répteis | 2 | 0,2 | | 1 |
| Anfíbios | | | | |
| Sapo-de-unha-negra, <i>Pelobates cultripes</i> | 1 | 0,1 | | 1 |
| Não determinado | 4 | 0,4 | | |
| Total Anfíbios | 5 | 0,5 | | 1 |
| Total restos | 1111 (286) | 100 | | 78 |

Tabela 3 – Número total de restos e Número Mínimo de Indivíduos (Sepulcro 2)

¹- Sobre o total de restos;

²- sobre número total de restos de mamíferos determinados, NRD – Número de Restos Determinados, NMI – Número Mínimo de Indivíduos os valores entre parêntesis são relativamente ao número de dentes já incluído no número total (ex. quando surge 1459 (333), deve-se ler da seguinte forma, 1459 restos de dos quais 333 são dentes);

| Sepulcro 1 | Equus sp. | Cervus elaphus | Bos taurus | Ovis/Capra | Sus sp. | Oryctolagus cuniculus | Lepus sp. | Lagomorpha | Vulpes vulpes |
|-------------------------|-----------|----------------|------------|------------|-----------|-----------------------|-----------|------------|---------------|
| Cabeça | | | | | | | | | |
| crânio | | | | 1 | | 1 | | | |
| mandíbula | | | | | | 1 | | | 2 |
| Dentes sup | | | | 2 | | 14 | | | |
| Dentes inf | | | | 2 | 3 | | | | 9 |
| E. Axial | | | | | | | | | |
| Atlas | | | | | | | | | |
| Axis | | | | | | | | | 1 |
| Vértebras | | | | | | 2 | | | 37 |
| Costelas | | | | | 1 | | | | 38 |
| Sacro | | | | | | | | | 2 |
| Membro Anterior | | | | | | | | | |
| Escápula | | | | | | | | | 3 |
| Úmero | | | | | | 1 | 1 | | 1 |
| Rádio | | | | | | 1 | | | 1 |
| Ulna | | | | | 1 | | | | 1 |
| Carpais | | | | | | | | | 7 |
| Metacarpo | | | | 1 | | 3 | | | |
| Metacarpo 1 | | | | | | | | | 1 |
| Metacarpo 2 | | | | | | 1 | | | 1 |
| Metacarpo 3 | | | | | | | | | 1 |
| Metacarpo 4 | | | | | | | | | 1 |
| Metacarpo 5 | | | | | | | | | 1 |
| 1ª falange | 3 | 4 | | 1 | 4 | | | | |
| 2ª falange | | | 1 | 1 | 2 | | | | |
| 3ª falange | | | | | | | | | |
| Membro Posterior | | | | | | | | | |
| Pélvis | | | | | | 2 | | | 1 |
| Patella | | | | | | | | | 1 |
| Fémur | | | | | | 4 | | | 2 |
| Tíbia | | | | | 1 | 4 | 1 | 1 | 3 |
| Astrágalo | | | | | | | | | 2 |
| Calcâneo | | | | | | 1 | | | 3 |
| Tarsais | | | | | | | | | 5 |
| Metatarso | | | | | | | | | |
| Metatarso 1 | | | | | | | | | |
| Metatarso 2 | | | | | | 2 | | | 1 |
| Metatarso 3 | | | | | | 1 | 1 | | 2 |
| Metatarso 4 | | | | | | 2 | | | 2 |
| Metatarso 5 | | | | | | 1 | | | 2 |
| Sesamoides | | | | | | | | | |
| 1ª falange | 2 | 6 | | | 1 | 6 | | | 11 |
| 2ª falange | | | | | 2 | 1 | | | 8 |
| 3ª falange | | | | | | | | | 11 |
| Total | 5 | 10 | 1 | 8 | 15 | 48 | 3 | 1 | 162 |

Tabela 4 – Distribuição anatômica das principais espécies de mamíferos (Sepulcro 1)

| Seplucro 2 | Equus sp. | Cervus elaphus | Bos taurus | Capra hircus | Ovis/Capra | Sus sp. | Oryctolagus cuniculus | Lepus sp. | Lagomorpha | Canis sp. | Vulpes vulpes | Meles meles | Felis silvestris |
|-------------------------|-----------|----------------|------------|--------------|------------|-----------|-----------------------|-----------|------------|-----------|---------------|-------------|------------------|
| Cabeça | | | | | | | | | | | | | |
| crânio | | 1 | | | | 2 | 31 | 1 | 1 | | | | |
| mandíbula | | | | | | | 27 | 1 | 5 | | | | |
| dentes sup | | | | | 5 | 6 | 105 | | | | | | |
| dentes inf | 3 | | | | 5 | 14 | 102 | 7 | | | 1 | | |
| E. Axial | | | | | | | | | | | | | |
| Atlas | | | | | | | 1 | | | | | | |
| Axis | | | | | | | 1 | 2 | | 1 | | | |
| Vértebras | | | 1 | | | | 37 | | 1 | | | | |
| Costelas | | | | | | | 8 | | 3 | | | | |
| Sacro | | | | | | | 1 | | | | | | |
| Membro Anterior | | | | | | | | | | | | | |
| Escápula | | | | | 2 | | 4 | 2 | | | | | |
| Úmero | | | | | | | 23 | 5 | | | | | |
| Rádio | | 1 | | | | 2 | 13 | 3 | 1 | | | | |
| Ulna | | | | | | 2 | 12 | | | | 1 | | 1 |
| Carpais | | | | | | | | | | | | | |
| Metacarpo | | | | | | 1 | 8 | | | 1 | | 1 | |
| Metacarpo 1 | | | | | | | | | | | | | |
| Metacarpo 2 | | | | | | | 2 | | | | | | |
| Metacarpo 3 | | | | | | 1 | 10 | | | | | | |
| Metacarpo 4 | | | | | | | 4 | | | | | 1 | |
| Metacarpo 5 | | | | | | | 1 | 1 | | | | | |
| 1ª falange | 8 | 18 | | | 1 | 5 | | | | | | | |
| 2ª falange | | 1 | | | 2 | 2 | | | | | | | |
| 3ª falange | | 1 | | | | | | | | | | | |
| Membro Posterior | | | | | | | | | | | | | |
| Pélvis | | | 1 | | | | 23 | 6 | 1 | | | | |
| Patella | | | 1 | | | | | | | | | | |
| Fémur | | | | | | 1 | 46 | 9 | 1 | | | | |
| Tíbia | | | | | | 1 | 63 | 6 | 4 | | | | |
| Astrágalo | | | | 1 | | | 2 | 1 | | | | | |
| Calcâneo | | | | | | | 12 | 3 | | | | | 1 |
| Tarsais | | | | | | | 3 | | | | | | |
| Metatarso | | | | | | | 2 | 1 | | | | | |
| Metatarso 1 | | | | | | | | | | | | | |
| Metatarso 2 | | | | | | | 13 | 1 | | | | | |
| Metatarso 3 | | | | | | | 21 | | | | | | |
| Metatarso 4 | | | | | | | 8 | 1 | | | | | |
| Metatarso 5 | | | | | | | 7 | 1 | | | | | |
| Sesamoides | | | | | | | | | | | | | |
| 1ª falange | 9 | 4 | 1 | | | | 30 | 3 | 1 | | | | |
| 2ª falange | | | | | | | 8 | 1 | | | | | |
| 3ª falange | | | | | | | 1 | | | | | | |
| Total | 23 | 27 | 5 | 1 | 15 | 38 | 628 | 55 | 18 | 2 | 2 | 2 | 2 |

Tabela 5 – Distribuição anatômica das principais espécies de mamíferos (Sepulcro 2)

| Raposa | Sepulcro 1 | | | | | | | Sepulcro 2 | |
|-------------------------|------------|----------|----------|-----------|-----------|----------|-----------|------------|----------|
| | 0 | 14 | 19 | 38 | 86 | 93 | 136 | 429 | 440 |
| Cabeça | | | | | | | | | |
| Crânio | | | | | | | | | |
| Mandíbula | | | | | | 1 | | | |
| Dentes sup | | | | 2 | | | | | |
| Dentes inf | | | | | | 7 | | | 3 |
| E. Axial | | | | | | | | | |
| Atlas | | | | | | | | | |
| Axis | | | | | 1 | | | | |
| Vértebras | | | | | 29 | | | | |
| Costelas | | | | 4 | 34 | | | | |
| Sacro | | | | | 1 | | | | |
| Membro Anterior | | | | | | | | | |
| Escápula | | 1 | | 1 | 1 | | | | |
| Úmero | | | | | | | 1 | | |
| Rádio | | | | | | | 1 | | |
| Ulna | | | | | | | 1 | 1 | |
| Carpais | 1 | | | 2 | | | 4 | | |
| Metacarpo | | | | | | | 5 | | |
| 1ª falange | 3 | | | | | | 3 | | |
| 2ª falange | 1 | | | | | | 3 | | |
| 3ª falange | 2 | | | 2 | | | 3 | | |
| Membro Posterior | | | | | | | | | |
| Pelvis | | | | | 1 | | | | |
| Fémur | | | | 1 | 1 | | | | |
| Tíbia | | | | 1 | 2 | | | | |
| Astrágalo | | | | 1 | 1 | | | | |
| Calcâneo | | | 1 | 1 | 1 | | | | |
| Tarsais | | | | | 5 | | | | |
| Metatarso | | | | 3 | 4 | | | | |
| Sesamoides | | | | | | | | | |
| 1ª falange | | | | 1 | 4 | | | | |
| 2ª falange | | | | | 4 | | | | |
| 3ª falange | | | | | 4 | | | | |
| Total | 7 | 1 | 1 | 19 | 93 | 8 | 21 | 1 | 3 |

Tabela 8 – Distribuição anatômica da Raposa por U.E (Sepulcros 1 e 2)

| Coelho | | Sepulcro 1 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|-------------------------|----------|------------|----------|----------|----------|-----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Cabeça | 0 | 10 | 14 | 19 | 22 | 38 | 63 | 84 | 90 | 96 | 97 | 103 | 168 | 173 | 174 | 175 | 180 | 182 | 302 | 310 | 400 |
| Crânio | | | | | | 1 | | | | | | | | | | | | | | | |
| Mandíbula | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Dentes sup | | | | | | 10 | | 1 | | | | | | | | 1 | | | | | |
| Dentes inf | 2 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| E. Axial | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Atlas | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Axis | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Vértebras | | | | | | 1 | | 1 | | | | | | | | | | | | | |
| Costelas | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Sacro | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Membro Anterior | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Escápula | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Úmero | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Rádio | | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Ulna | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Carpais | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Metacarpo | | | | | | | | | | 1 | | | | | | | | | 1 | | |
| 1ª falange | | | | | | | | | 1 | | 1 | | | | | 1 | 1 | | | | |
| 2ª falange | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 3ª falange | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Membro Posterior | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Pélvis | | | | | | | | | | | | | | 1 | | | | | | | |
| Fémur | | 1 | 1 | | | | 1 | | | | | | 1 | | | | | | | | 1 |
| Tíbia | | 1 | | 1 | 1 | | | | | | | | | 1 | | | | | | | |
| Astrágalo | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Calcâneo | | | | | | | | | | | | | | | 1 | | | | | | |
| Tarsais | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Metatarso | 1 | | | 2 | | | | | | 1 | | 1 | | | | | | | | 1 | |
| Sesamoides | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1ª falange | 1 | | | | | | | | | | | | | | 1 | | | | | | |
| 2ª falange | | | | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | | 1 |
| 3ª falange | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Total | 5 | 3 | 1 | 4 | 1 | 12 | 1 | 2 | 1 | 2 | 1 | 1 | 1 | 2 | 2 | 2 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 |

Tabela 9 – Distribuição anatômica da Coelho por U.E (Sepulcro 1)

| Osso | Estado de Fusão epifisária | | | | | | |
|----------------|----------------------------|----|-------|----|----|-------|-------|
| | Pu | Du | Pu+Du | Pf | Df | Pf+Df | Pu+Df |
| Úmero direito | 2 | 1 | | | 6 | 2 | |
| Úmero esquerdo | 1 | | | | 7 | | 1 |
| Fémur direito | 4 | 1 | 1 | 4 | 3 | 1 | |
| Fémur esquerdo | 4 | 2 | 3 | 5 | 4 | 1 | |
| Tíbia direita | 8 | 8 | | 3 | 12 | | |
| Tíbia esquerda | 3 | 6 | 2 | | 4 | 1 | |

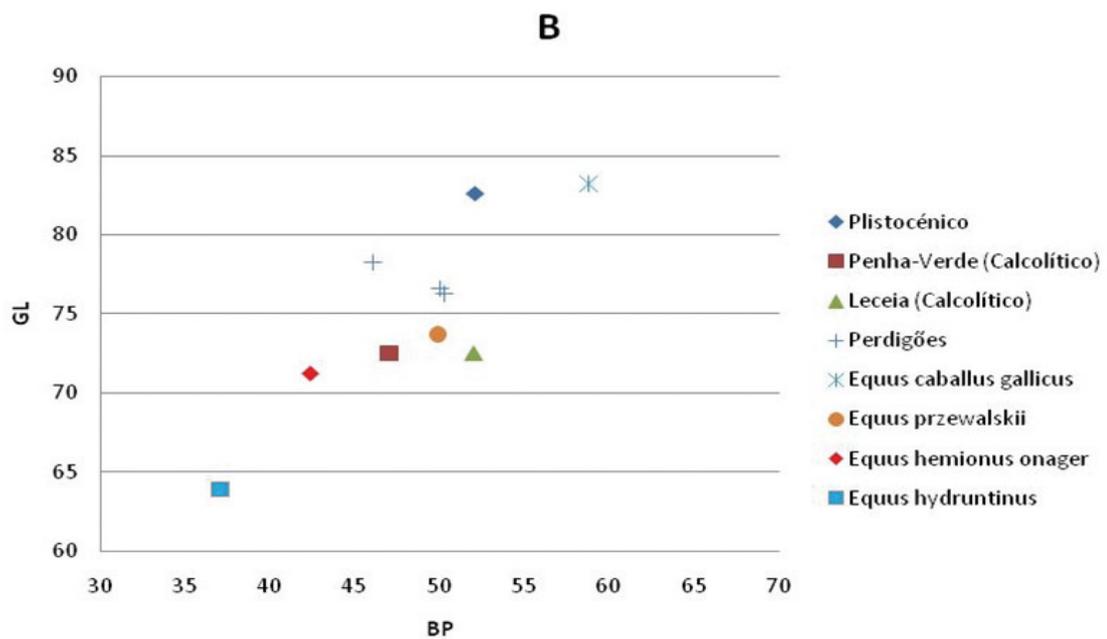
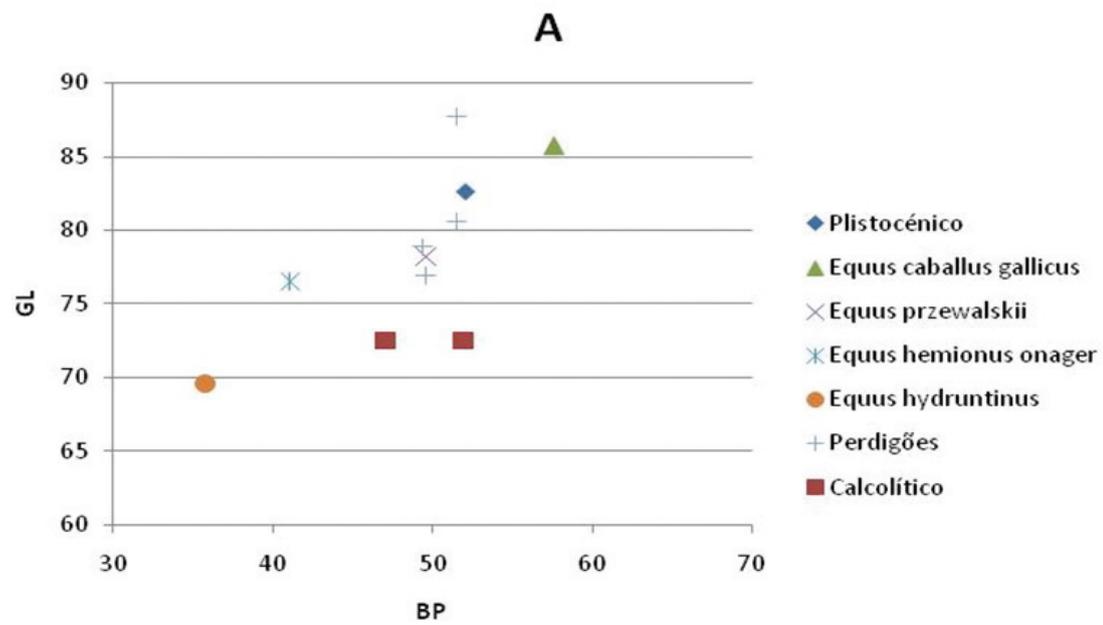
Tabela 11 – Estado de Fusão epifisária (Coelho) Legenda: Pu - Epífise proximal não fusionada; Du – Epífise distal não fusionada; Pf – Epífise proximal fusionada; Df – Epífise distal fusionada

Table 1

Fusion schedule of selected *Oryctolagus cuniculus* elements (after Habermehl, 1985; Hale, 1949; Myers and Gilbert, 1968; Taylor, 1959; Thomsen and Mortensen, 1946; Tyndale-Biscoe, 1955; Watson and Tyndale-Biscoe, 1953)

| Element | No fusion (months) | Partial fusion (months) | Full fusion (months) |
|-----------------------|-----------------------|----------------------------|-------------------------|
| Proximal humerus | <8 | 8–9 | >9 |
| Distal humerus | <2 | 2–3 | >3 |
| Proximal femur (head) | <8 | 8–9 | >9 |
| Distal femur | <4 | 4–5 | >5 |
| Proximal tibia | <9 | 9–10 | >10 |
| Distal tibia | <3 | 3–5 | >5 |

Quadro 1 – Tempo de Fusão das epífises do Coelho (Jones, 2006)



Gráficos 1 e 2 – comparação dos dados osteométricos da primeiras falanges anteriores (A) e primeiras falanges posteriores (B) dos exemplares dos sepulcros dos Perdigões com as pertencentes a espécimens arqueológicos portugueses de diferentes cronologias e com as médias de exemplares homólogos de outros equídeos, apresentadas no quadro 1 em (Cardoso, 1995:227)

Legenda: A- Falanges anteriores, B – Falanges Posteriores, GL – comprimentos máximo, BP – diâmetro transversal proximal.

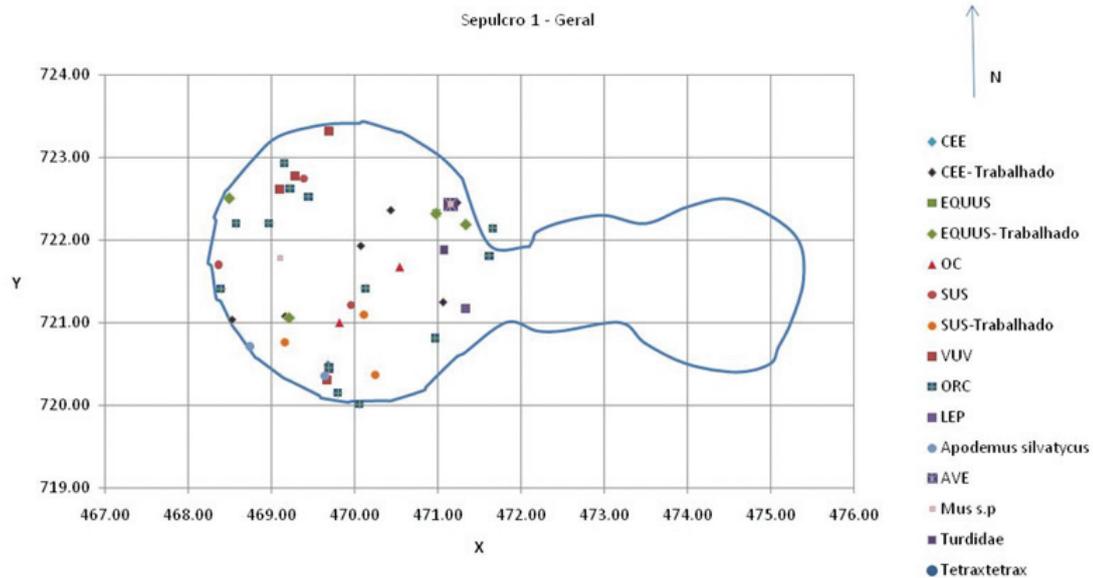


Gráfico 3 - Distribuição dos restos faunísticos do sepulcro 1 geral

Legenda: CEE – Veado, EQUUS – Cavalo, OC- Ovicaprinos, SUS – Porco/Javali; VUV – Raposa; ORC – Coelho; LEP – Lebre; *Apodemus silvaticus* – Rato-do-Campo; AVE – Aves; *Mus s.p* – Roedor; *Turdidae* – Ave; *Tetrax tetrax* – Sisão

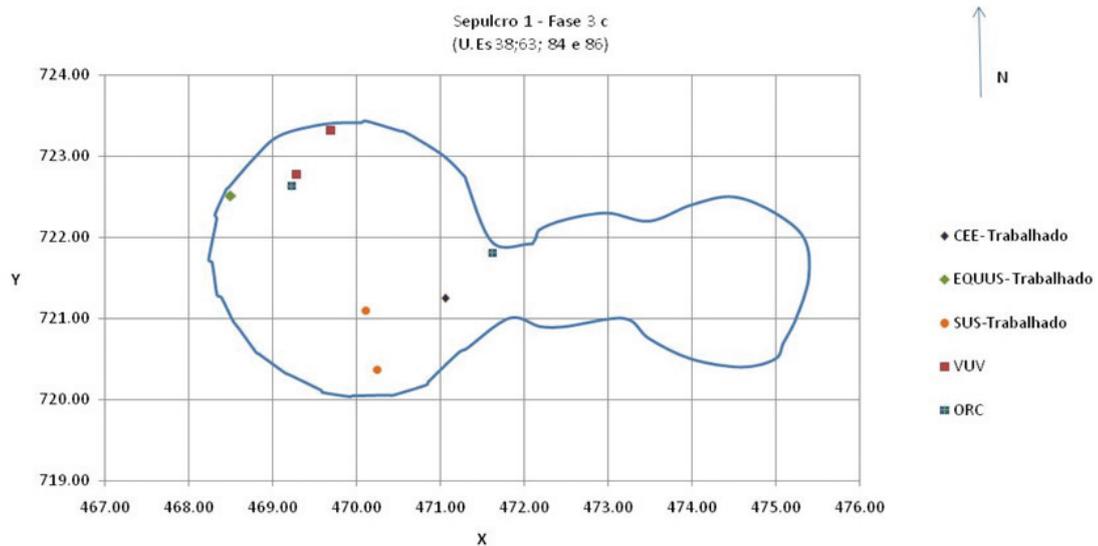


Gráfico 4 - Distribuição dos restos faunísticos do sepulcro 1 (Fase 3c) Legenda: CEE – Veado, EQUUS – Cavalo, OC- Ovicaprinos, SUS – Porco/Javali; VUV – Raposa; ORC – Coelho; LEP – Lebre; *Apodemus silvaticus* – Rato-do-Campo; AVE – Aves; *Mus s.p* – Roedor; *Turdidae* – Ave; *Tetrax tetrax* – Sisão.

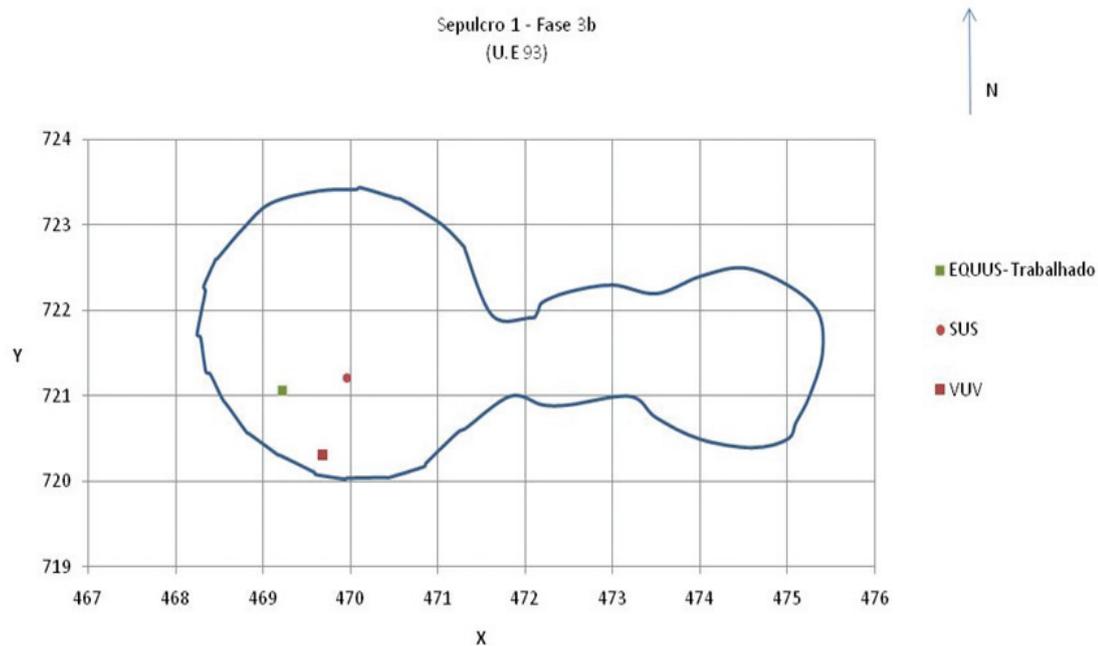


Gráfico 5 - Distribuição dos restos faunísticos do sepulcro 1 (Fase 3b)

Legenda: CEE – Veado, EQUUS – Cavalo, OC- Ovicaprinos, SUS – Porco/Javali; VUV – Raposa; ORC – Coelho; LEP – Lebre; *Apodemus silvaticus* – Rato-do-Campo; AVE – Aves; *Mus s.p* – Roedor; *Turdidae* – Ave; *Tetrax tetrax* – Sisão.

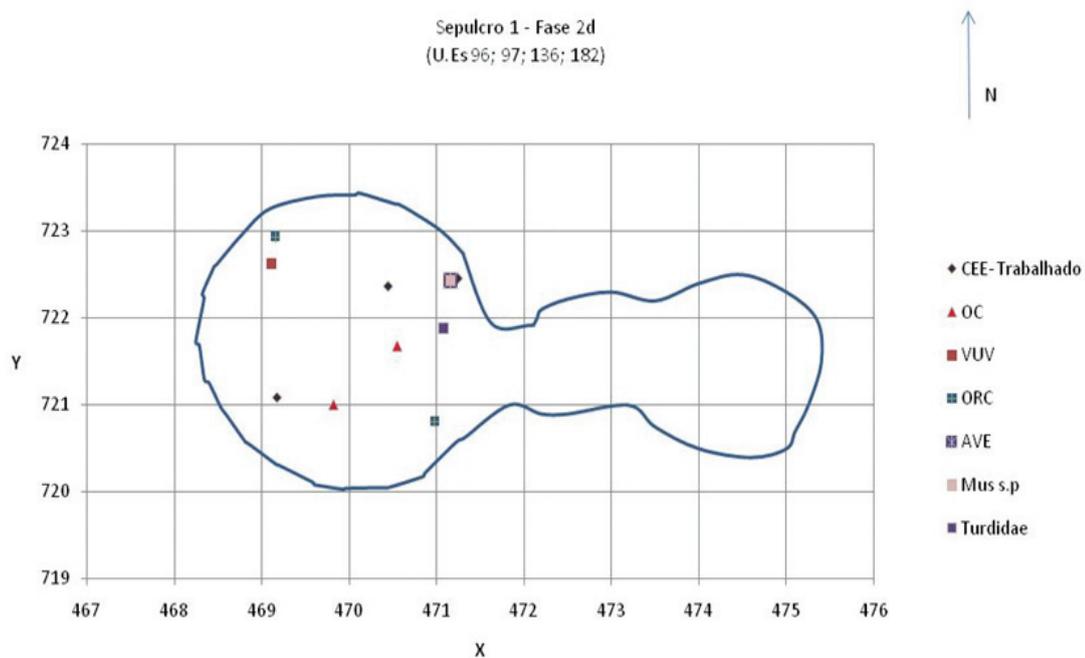


Gráfico 6 - Distribuição dos restos faunísticos do sepulcro 1 (Fase 2d)

Legenda: CEE – Veado, EQUUS – Cavalo, OC- Ovicaprinos, SUS – Porco/Javali; VUV – Raposa; ORC – Coelho; LEP – Lebre; *Apodemus silvaticus* – Rato-do-Campo; AVE – Aves; *Mus s.p* – Roedor; *Turdidae* – Ave; *Tetrax tetrax* – Sisão.

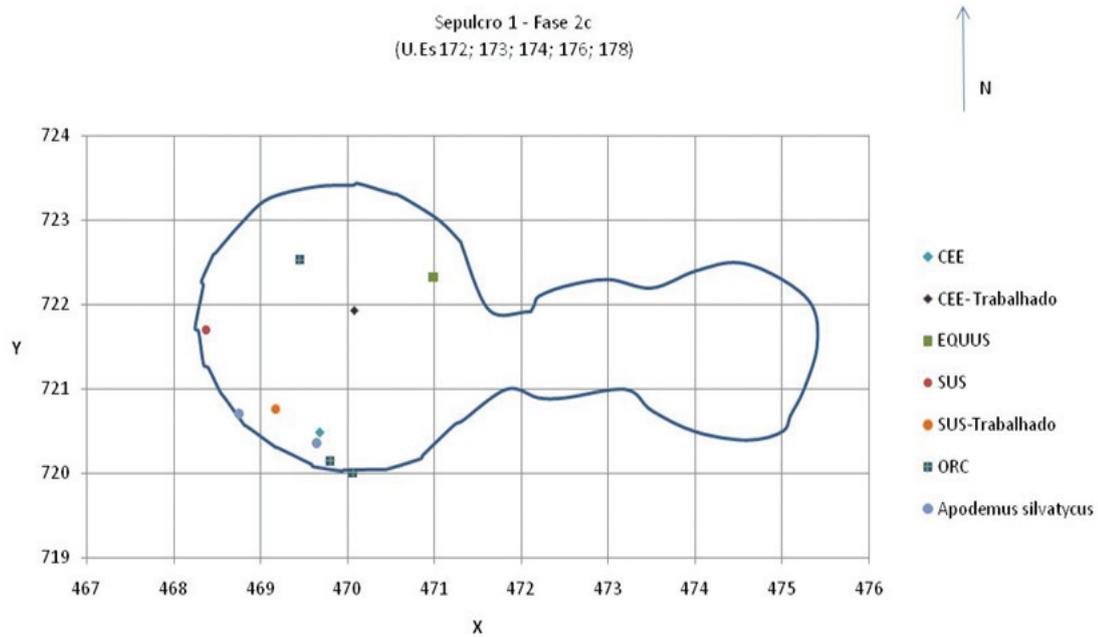


Gráfico 7 - Distribuição dos restos faunísticos do sepulcro 1 (Fase 2c)

Legenda: CEE – Veado, EQUUS – Cavalo, OC- Ovicaprinos, SUS – Porco/Javali; VUV – Raposa; ORC – Coelho; LEP – Lebre; *Apodemus silvaticus* – Rato-do-Campo; AVE – Aves; *Mus s.p* – Roedor; *Turdidae* – Ave; *Tetrax tetrax* – Sisão.

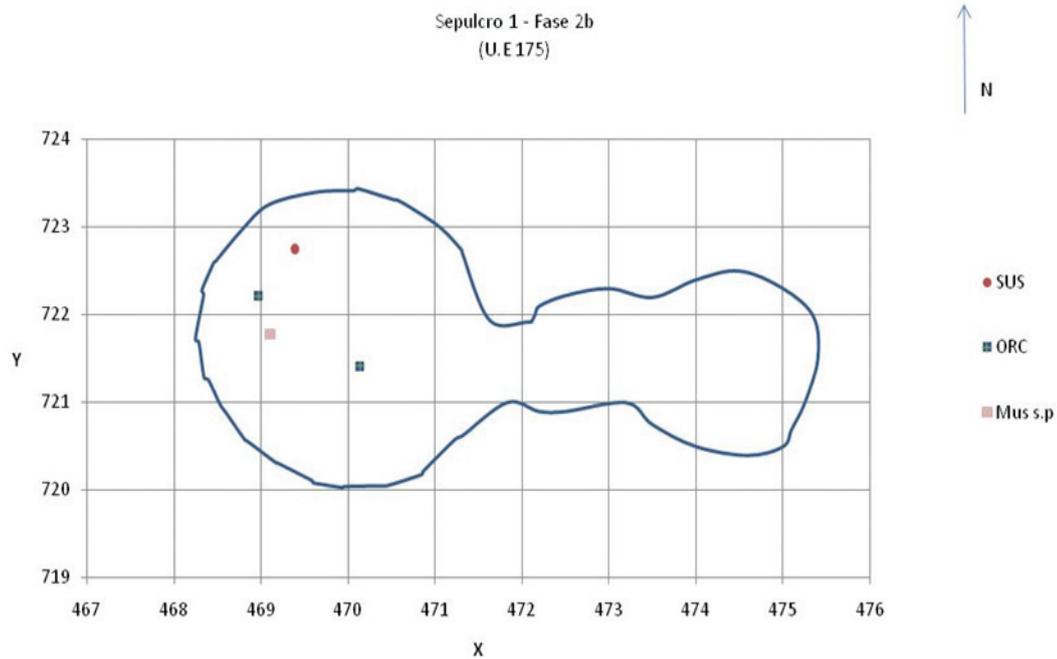


Gráfico 8 - Distribuição dos restos faunísticos do sepulcro 1 (Fase 2b)

Legenda: CEE – Veado, EQUUS – Cavalo, OC- Ovicaprinos, SUS – Porco/Javali; VUV – Raposa; ORC – Coelho; LEP – Lebre; *Apodemus silvaticus* – Rato-do-Campo; AVE – Aves; *Mus s.p* – Roedor; *Turdidae* – Ave; *Tetrax tetrax* – Sisão.

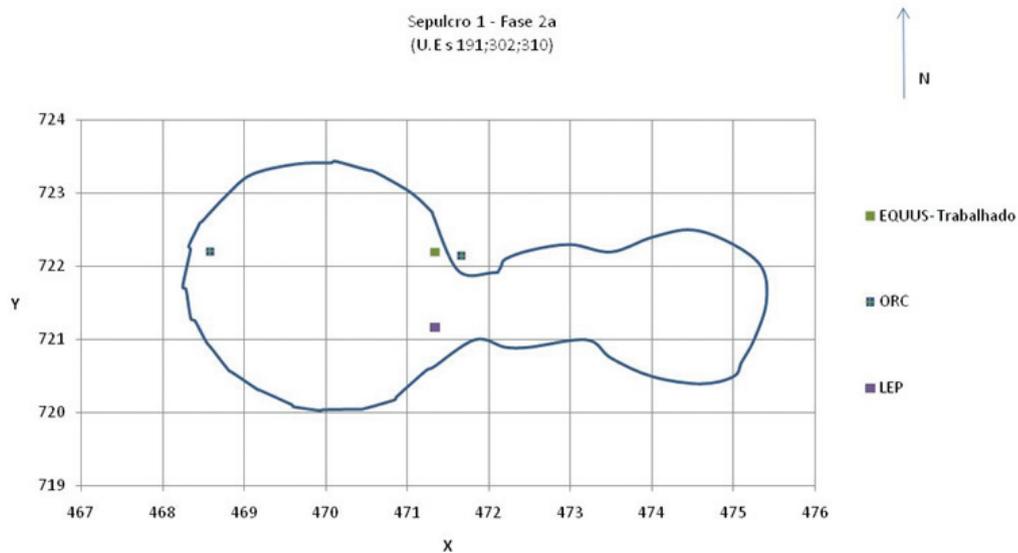


Gráfico 9 - Distribuição dos restos faunísticos do sepulcro 1 (Fase 2 a)

Legenda: CEE – Veado, EQUUS – Cavalo, OC- Ovicaprinos, SUS – Porco/Javali; VUV – Raposa; ORC – Coelho; LEP – Lebre; *Apodemus silvaticus* – Rato-do-Campo; AVE – Aves; *Mus s.p* – Roedor; *Turdidae* – Ave; *Tetrax tetrax* – Sisão

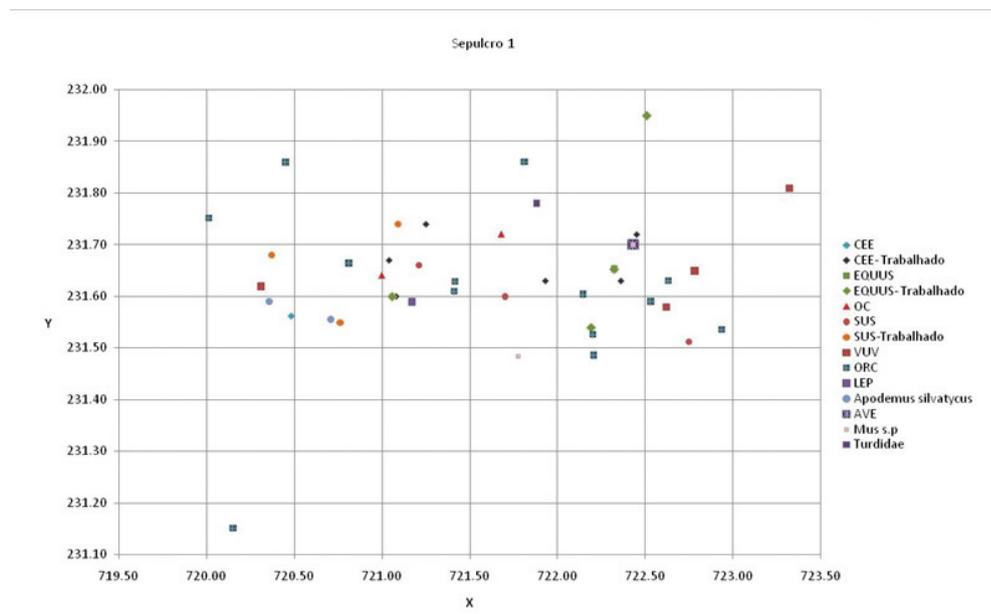


Gráfico 10 - Distribuição vertical dos restos faunísticos do sepulcro 1

Legenda: CEE – Veado, EQUUS – Cavalo, OC- Ovicaprinos, SUS – Porco/Javali; VUV – Raposa; ORC – Coelho; LEP – Lebre; *Apodemus silvaticus* – Rato-do-Campo; AVE – Aves; *Mus s.p* – Roedor; *Turdidae* – Ave .

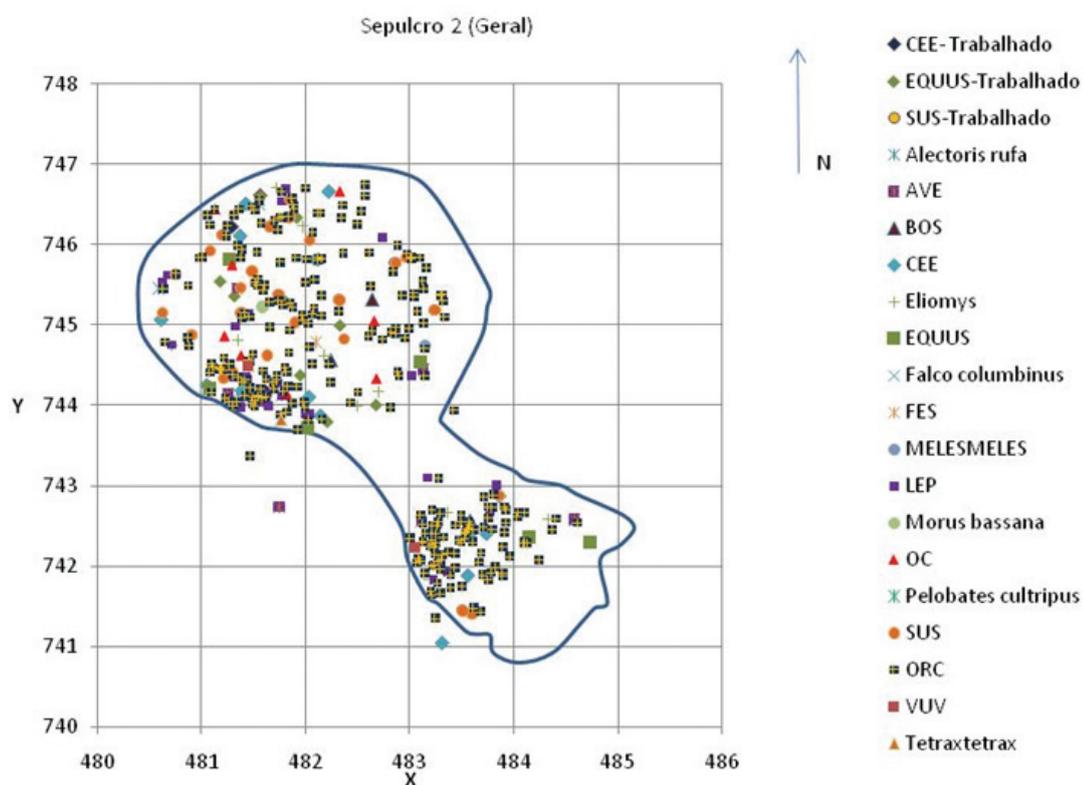


Gráfico 11 - Distribuição dos restos faunísticos do sepulcro 2 geral

Legenda: CEE – Veado, EQUUS – Cavalo, OC- Ovicaprinos, SUS – Porco/Javali; ORC – Coelho; LEP – Lebre; VUV – Raposa; MELESMELES – Texugo; *Apodemus silvaticus* – Rato-do-Campo; AVE – Aves; *Eliomys s.p* – Roedor; *Tetrax tetrax* – Ave; BOS – Vaca; *Falco Comlubarius* – Esmerilhão; FES – Gato-selvagem; *Morus bassana* - Ganso-patola; *Alectoris rufa* – Perdiz; *Pelobates cultripes* – Sapo-de-unha-negra.

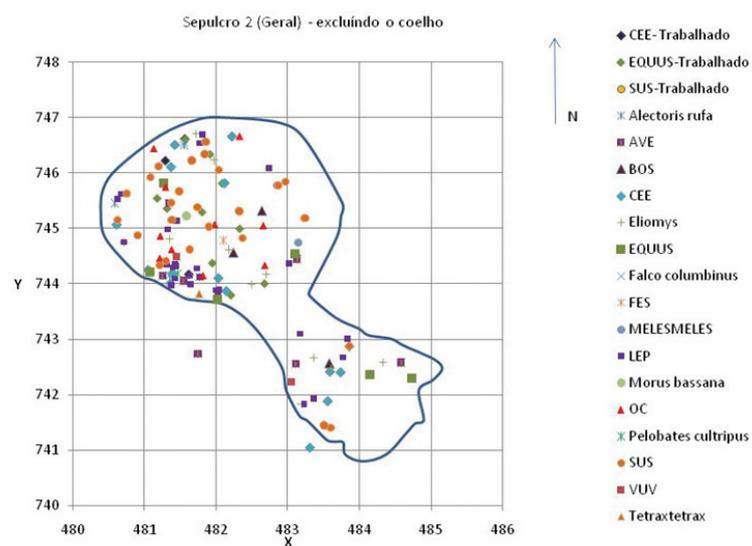


Gráfico 12 - Distribuição dos restos faunísticos do sepulcro 2 geral (excluindo o coelho)

Legenda: CEE – Veado, EQUUS – Cavalo, OC- Ovicaprinos, SUS – Porco/Javali; ORC – Coelho; LEP – Lebre; VUV – Raposa; MELESMELES – Texugo ; *Apodemus silvaticus* – Rato-do-Campo; AVE – Aves; *Eliomys s.p* – Roedor; *Tetrax tetrax* – Ave; BOS – Vaca; *Falco Comlubarius* – Esmerilhão; FES – Gato-selvagem; *Morus bassana* - Ganso-patola; *Alectoris rufa* – Perdiz; *Pelobates cultripes* – Sapo-de-unha-negra.

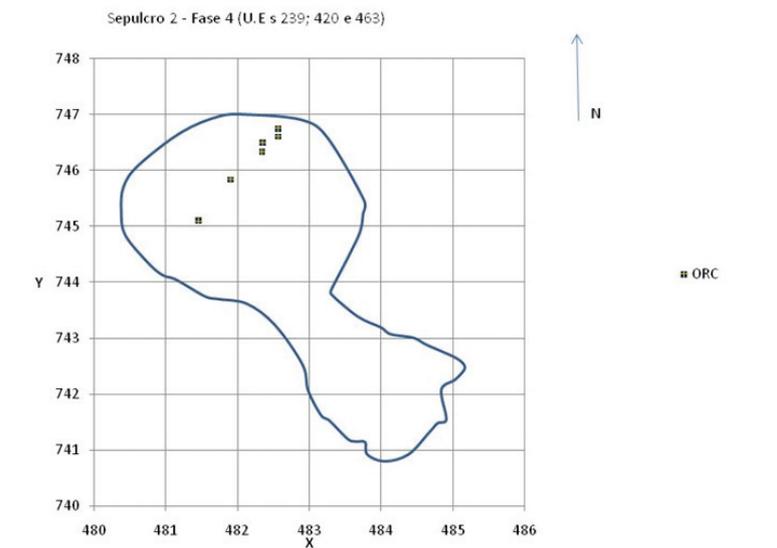


Gráfico 13 - Distribuição dos restos faunísticos do sepulcro 2 (Fase 4)

Legenda: CEE – Veado, EQUUS – Cavalo, OC- Ovicaprinos, SUS – Porco/Javali; ORC – Coelho; LEP – Lebre; VUV – Raposa; MELESMELES – Texugo ;*Apodemus silvaticus* – Rato-do-Campo; AVE – Aves; *Eliomys s.p* – Roedor; *Tetrax tetrax* – Ave; BOS – Vaca; *Falco Comlubarius* – Esmerilhão; FES – Gato-selvagem; *Morus bassana* - Ganso-patola; *Alectoris rufa* – Perdiz; *Pelobates cultripes* – Sapo-de-unha-negra.

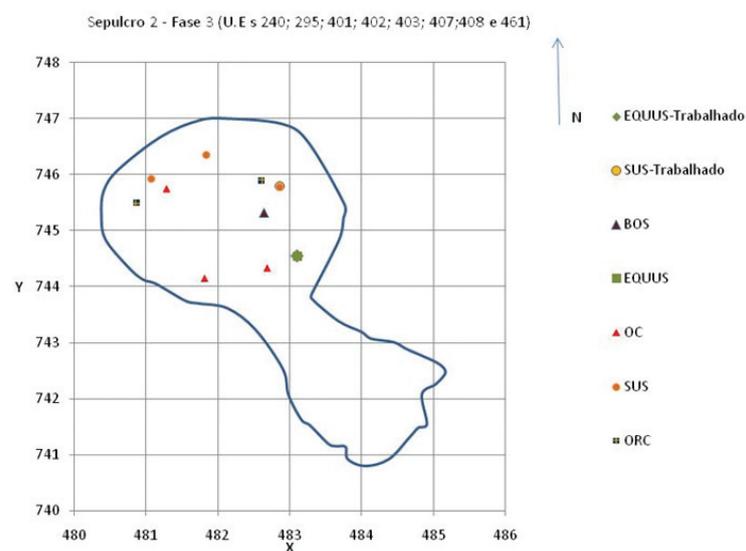


Gráfico 14 - Distribuição dos restos faunísticos do sepulcro 2 (Fase 3)

Legenda: CEE – Veado, EQUUS – Cavalo, OC- Ovicaprinos, SUS – Porco/Javali; ORC – Coelho; LEP – Lebre; VUV – Raposa; MELESMELES – Texugo ;*Apodemus silvaticus* – Rato-do-Campo; AVE – Aves; *Eliomys s.p* – Roedor; *Tetrax tetrax* – Ave; BOS – Vaca; *Falco Comlubarius* – Esmerilhão; FES – Gato-selvagem; *Morus bassana* - Ganso-patola; *Alectoris rufa* – Perdiz; *Pelobates cultripes* – Sapo-de-unha-negra.

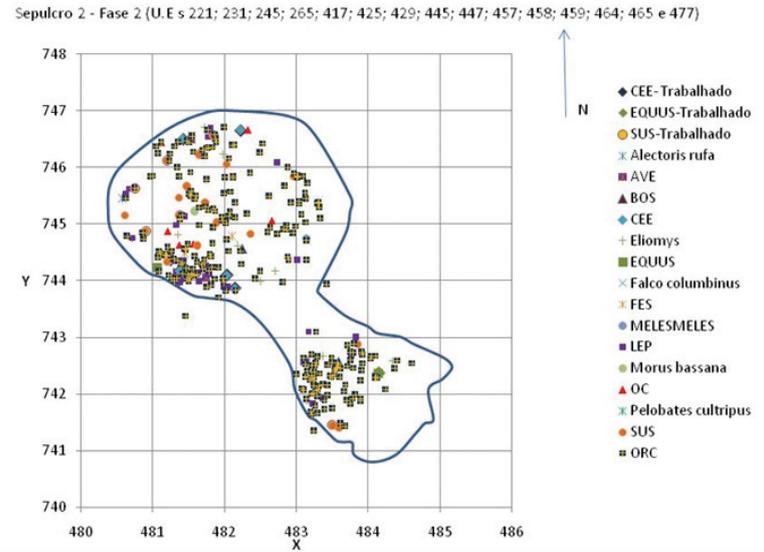


Gráfico 15 - Distribuição dos restos faunísticos do sepulcro 2 (Fase 2)

Legenda: CEE – Veado, EQUUS – Cavalo, OC- Ovicaprinos, SUS – Porco/Javali; ORC – Coelho; LEP – Lebre; VUV – Raposa; MELESMELES – Texugo ;*Apodemus silvaticus* – Rato-do-Campo; AVE – Aves; *Eliomys s.p* – Roedor; *Tetrax tetrax* – Ave; BOS – Vaca; *Falco Comlubarius* – Esmerilhão; FES – Gato-selvagem; *Morus bassana* - Ganso-patola; *Alectoris rufa* – Perdiz; *Pelobates cultripus* – Sapo-de-unha-negra

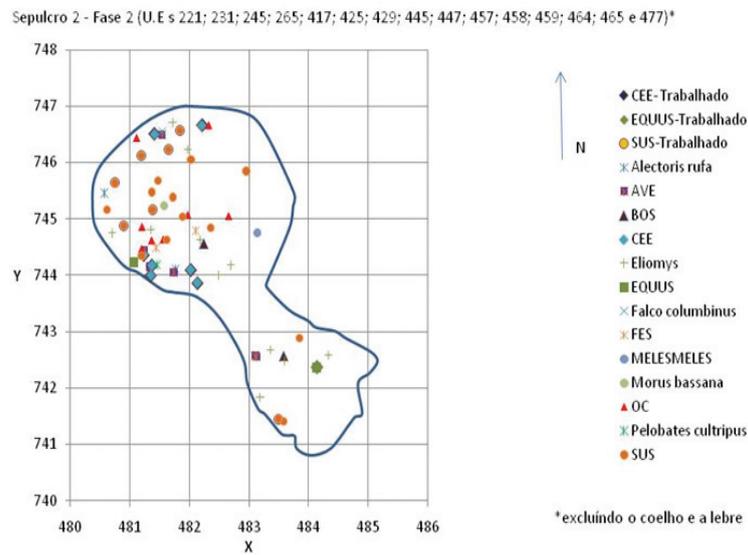


Gráfico 16 - Distribuição dos restos faunísticos do sepulcro 2 (Fase 2) – excluindo o coelho e a lebre

Legenda: CEE – Veado, EQUUS – Cavalo, OC- Ovicaprinos, SUS – Porco/Javali; ORC – Coelho; LEP – Lebre; VUV – Raposa; MELESMELES – Texugo ;*Apodemus silvaticus* – Rato-do-Campo; AVE – Aves; *Eliomys s.p* – Roedor; *Tetrax tetrax* – Ave; BOS – Vaca; *Falco Comlubarius* – Esmerilhão; FES – Gato-selvagem; *Morus bassana* - Ganso-patola; *Alectoris rufa* – Perdiz; *Pelobates cultripus* – Sapo-de-unha-negra.

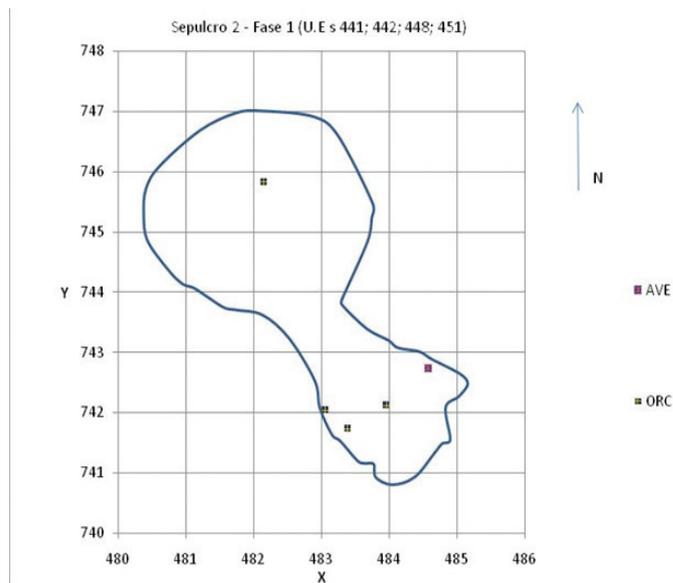


Gráfico 17 - Distribuição dos restos faunísticos do sepulcro 2 (Fase 1)

Legenda: CEE – Veado, EQUUS – Cavalo, OC- Ovicaprinos, SUS – Porco/Javali; ORC – Coelho; LEP – Lebre; VUV – Raposa; MELESMELES – Texugo ;*Apodemus silvaticus* – Rato-do-Campo; AVE – Aves; *Eliomys s.p* – Roedor; *Tetrax tetrax* – Ave; BOS – Vaca; *Falco Comlubarius* – Esmerilhão; FES – Gato-selvagem; *Morus bassana* - Ganso-patola; *Alectoris rufa* – Perdiz; *Pelobates cultripipes* – Sapo-de-unha-negra.

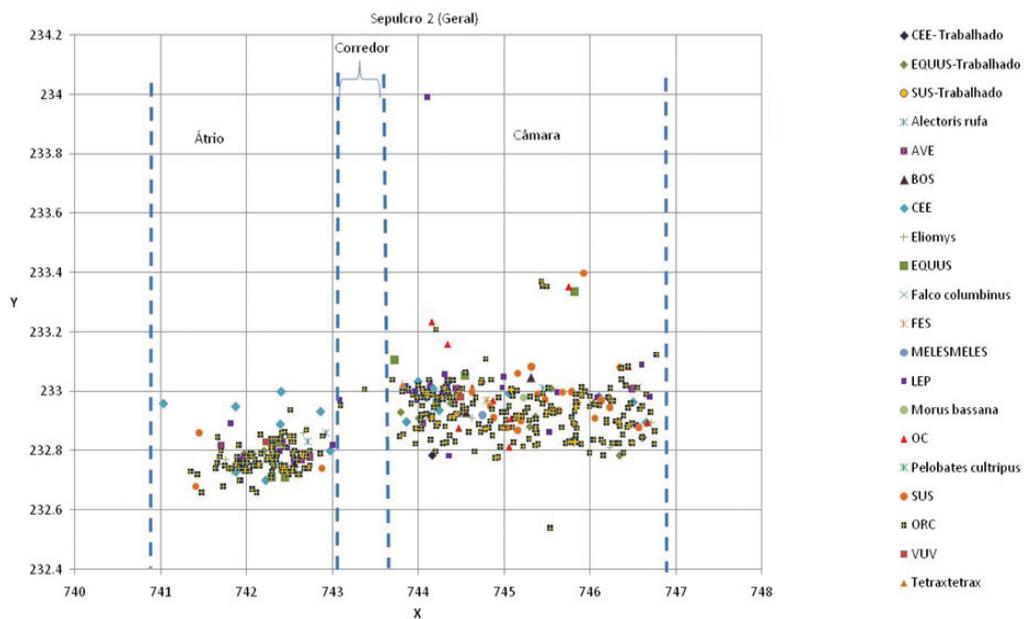


Gráfico 18 - Distribuição vertical dos restos faunísticos do sepulcro 2

Legenda: CEE – Veado, EQUUS – Cavalo, OC- Ovicaprinos, SUS – Porco/Javali; ORC – Coelho; LEP – Lebre; VUV – Raposa; MELESMELES – Texugo ;*Apodemus silvaticus* – Rato-do-Campo; AVE – Aves; *Eliomys s.p* – Roedor; *Tetrax tetrax* – Ave; BOS – Vaca; *Falco Comlubarius* – Esmerilhão; FES – Gato-selvagem; *Morus bassana* - Ganso-patola; *Alectoris rufa* – Perdiz; *Pelobates cultripipes* – Sapo-de-unha-negra.

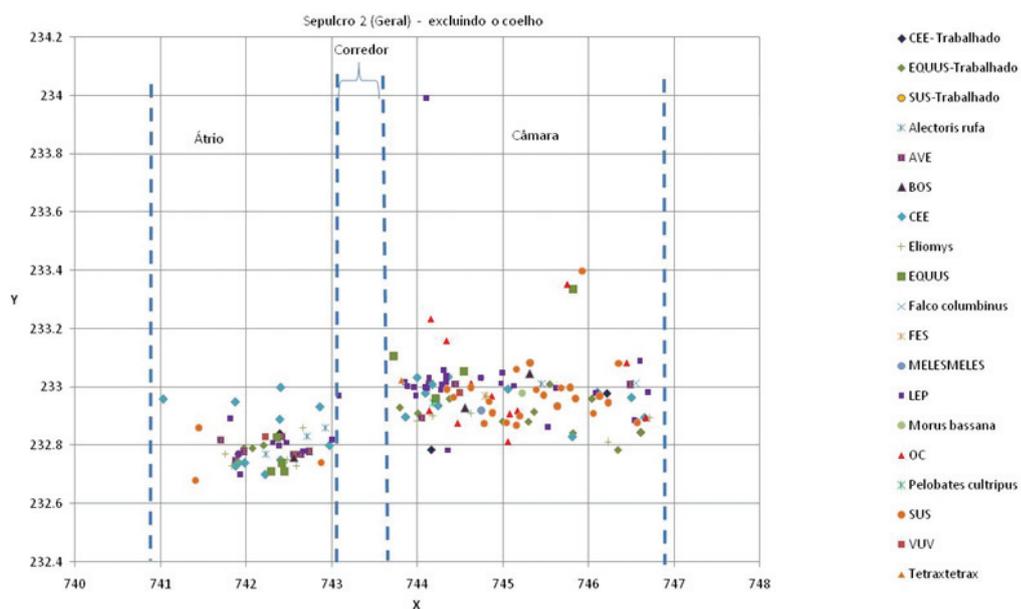


Gráfico 19 - Distribuição vertical dos restos faunísticos do sepulcro 2 (excluindo o coelho)

Legenda: CEE – Veado, EQUUS – Cavalo, OC- Ovicaprinos, SUS – Porco/Javali; ORC – Coelho; LEP – Lebre; VUV – Raposa; MELESMELES – Texugo; *Apodemus silvaticus* – Rato-do-Campo; AVE – Aves; *Eliomys s.p* – Roedor; *Tetrax tetrax* – Ave; BOS – Vaca; *Falco Comlubarius* – Esmerilhão; FES – Gato-selvagem; *Morus bassana* - Ganso-patola; *Alectoris rufa* – Perdiz; *Pelobates cultripes* – Sapo-de-unha-negra.



Estampa 1 - Haste de Veado, Sepulcro 2 (U.E 429)



Estampas 2 e 3 - Carpometacarpo de Ganso-patola (à esquerda o resto recuperado, à direita exemplar da coleção de referência do CIPA-IGESPAR)



Estampa 4 - Primeira falange de Veado Trabalhada, Sepulcro 1 (U.E 63)



Estampa 5 - Primeira falange de Veado Trabalhada, Sepulcro 1 (U.E 84)



Estampa 6 - Primeira falange de Cavalo Trabalhada, Sepulcro 2 (U.E 201)



Estampa 7 - Primeira falange de Cavalo Trabalhada, Sepulcro 2 (U.E 240)



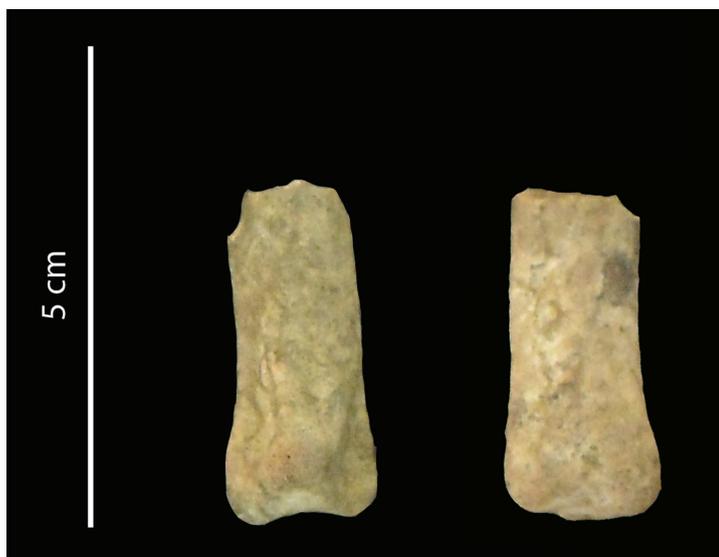
Estampa 8 - Presa de Javali, Sepulcro 2 (U.E 428)



Estampa 9 - Primeira falange de Veado Trabalhada, Sepulcro 2 (U.E 201)



Estampa 10 - Primeira falange de Cavalo Trabalhada, Sepulcro 2 (U.E 429)



Estampa 11 - Terceiro metatarso de Suíno trabalhado, Sepulcro 2 (U.E 445)



Estampa 12 - Primeira falange de Cavalo trabalhada, Sepulcro 2 (U.E 429)



Estampa 13 - Primeira falange de Veado trabalhada, Sepulcro 2 (U.E 464)



Estampa 14 - Primeira falange de Veado trabalhada, Sepulcro 2 (U.E 201)



Estampa 15 - Primeira falange de Veado trabalhada, Sepulcro 2 (U.E 425)



Estampa 16 - Primeira falange de Suíno trabalhada, Sepulcro 2 (U.E 403)



Estampa 17 - Primeira falange de Bovídeo, Sepulcro 2 (U.E 440)



Estampa 18 - Primeira falange de Cavalo trabalhada, Sepulcro 2 (U.E 429)



Estampa 19 - Primeira falange de Cavalo trabalhada, Sepulcro 2 (U.E 201)



Estampa 20 - Primeira falange de Cavalo trabalhada, Sepulcro 2 (U.E 201)



Estampa 21 - Segunda falange de Suíno trabalhada, Sepulcro 1 (U.E 84)



Estampa 22 - Primeira falange de Cavalo trabalhada, Sepulcro 1 (U.E 172)